



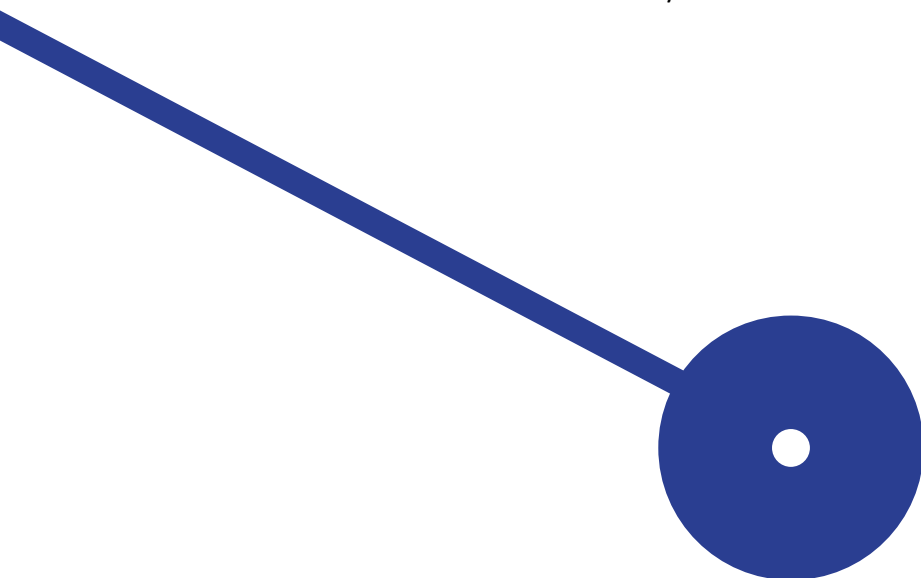
MESTRADO

Administração das Organizações Educativas

A autoaprendizagem e o autoconhecimento em contexto escolar: um estudo sobre os Agrupamentos de Escola/Escolas não Agrupadas do Norte de Portugal

Arlindo José Falhas Ferreira

12/2024



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Arlindo José Falhas Ferreira

**A autoaprendizagem e o autoconhecimento em contexto escolar:
um estudo sobre os Agrupamentos de Escola/Escolas não
Agrupadas do Norte de Portugal**

Trabalho de Projeto

Mestrado em Administração das Organizações Educativas

Orientação: Prof. Doutor Pedro Duarte Pereira

Porto, dezembro de 2024

Este trabalho é dedicado à minha família, à qual estou totalmente vinculado. Ela representa a minha estabilidade e é o meu suporte com o qual enfrento o dia-a-dia.

Trabalho para a minha família, a ela me dedico e dela sou sobejamente recompensado.

AGRADECIMENTOS

A realização deste mestrado em muito se deve à colaboração de inúmeras pessoas que se revelaram determinantes na consecução do mesmo.

Ao Professor Pedro Duarte Pereira (meu orientador) que, em todo o tempo, soube *descomplicar*, e sempre de forma muito competente e serena.

Aos Diretores dos Agrupamentos de Escolas/Escolas não Agrupadas, eles que, muitas vezes, dirigem as suas Unidades Orgânicas de forma heroica.

À Dra. Teresa Rêgo, chefe da Equipa Multidisciplinar de Apoio à Gestão, pela forma como lidera a equipa que eu integro e me motivou à realização deste trabalho.

Aos meus colegas, o Dr. João Nogal e a Dra. Laura Rocha com quem o trabalho é verdadeiramente partilhado e que também me incentivaram a este estudo.

À minha esposa, com quem reparto as alegrias e as angústias, pela forma como conseguiu encontrar tempo para que eu me tenha concentrado neste mestrado.

Aos meus trigêmeos, eles que são o maior motivo da minha existência, ao José pela sua prudência, ao Arlindo pela sua irreverência e á Catarina pela sua dedicação ao trabalho.

À minha mãe, pela educação e orientações que me deu e continua a dar, tendo sido ao longo da minha vida a minha principal fonte de inspiração e determinação.

Ao meu pai que partiu há 7 anos e que sendo invisual conseguiu distinguir e enxergar mais do que muitos, particularmente a boa disposição e a arte de viver com alegria.

RESUMO

Dada a natureza da minha formação de base (professor de Física e Química), sempre impulsionei a curiosidade e o espírito crítico aos meus alunos e tentei fazê-los atores principais dos seus processos educativos, o que nem sempre foi fácil, quer por culpa deles, quer, sobretudo pela minha, já que o mais experiente dentro da sala de aula era eu...

Esta percepção foi-se consolidando ao longo da minha atividade profissional, enquanto diretor de turma (DT), coordenador de departamento e, sobretudo, diretor, reforçando a ideia de que nem sempre o mais responsável pela autonomia do aluno é o que por ela mais faz.

Dado que desenvolvo neste momento da minha atividade profissional um contacto privilegiado com diretores de escolas, resolvi fazer esta investigação, escolhendo-os como público-alvo, no sentido de aferir do seu interesse pelas práticas de autoconhecimento e de autoaprendizagem, em ambiente escolar, já que as considero relevantes no pressuposto referido acerca de qual o lugar que o aluno deve e está, efetivamente, a ocupar na sala de aula.

Optei por esse foco porque acredito, verdadeiramente, que pelo autoconhecimento se potencia a autoaprendizagem e, através de ambas estas práticas, em contexto de aula, o aluno desenvolve a sua identidade e autenticidade, tão necessária nesta sociedade global, de modo a tornar-se uma personalidade única e completa. Este auto trabalho permitirá expandir, a partir do interior de cada um, a consciência que todos são diferentes e devem permanecê-lo, bem como formar personalidades autênticas, decididas e livres, que valorizam mais as atitudes do que atos, os ideais além das ideias e com opinião própria em vez da opinião pública.

Palavras-chave: Autoaprendizagem; Autoconhecimento; Diretores; Gestão Educativa; Ação.

ABSTRACT

Given the nature of my academic background (Physics and Chemistry teacher), I have always encouraged the curiosity and critical thinking of my students, striving to make them the main characters in their educational paths. This was not always easy, partly because of them, but mainly because of me, as I was the most experienced person in the classroom.

This perception solidified over the course of my professional activity as a class director, department coordinator, and, above all, school headmaster, reinforcing the idea that the person most responsible for a student's autonomy is not always the one who contributes the most to it.

In my professional role I currently have privileged contact with school headmasters, which inspired me to carry out this research, targeting them as the focus group - the aim is to assess their interest in practices of self-knowledge and self-directed learning in a school environment, as I believe these to be significant in light of the said premise about the role students should — and do effectively — occupy in the classroom.

I chose this central point because I genuinely believe that self-knowledge enhances the ability to self-learn and through both practices, in the classroom, students can develop their identity and authenticity - which are crucial in this global society - enabling them to become unique and complete individuals. This inner work will allow to expand, starting from within each one, the awareness that everyone is different and should remain so; as well as to raise authentic, decisive, and free personalities that value attitudes more than actions, ideals beyond ideas, and hold personal opinions instead of merely following public opinion.

Keywords: Self - Directed Learning; Self – Knowledge; School Headmasters; Educational Management; Action.

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

ADD – Avaliação do Desempenho Docente

AE – Agrupamento de Escolas

ABRP - Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas

CAE – Comissão de Avaliação Interna

CFAE – Centros de Formação de Associação de Escolas

CA – Conselho Administrativo

CG – Conselho Geral

CP – Conselho Pedagógico

CNE – Conselho Nacional de Educação

DGE – Direção-Geral da Educação

DGEstE – Direção-Geral dos Estabelecimento Escolares

DSRN – Direção de serviços da Região Norte

DT – Diretor(es) de Turma

ENA – Escola não Agrupada

EE – Encarregados de Educação

EECE – Estratégia de Educação para a Cidadania na Escola

EQAVET – Quadro de Referência Europeu de Garantia da Qualidade para o Ensino e a Formação Profissionais

ESIC – Escola Secundária Inês de Castro, Vila Nova de Gaia

IGEC - Inspeção-Geral da Educação e Ciência

PAA – Plano Anual de Atividades

PD – Pessoal Docente

PE – Projeto Educativo

PND – Pessoal não Docente

RI – Regulamento Interno

SADD – Secção de Avaliação do Desempenho Docente

SPO – Serviços de Psicologia e Orientação

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL	9
INTRODUÇÃO.....	12
1. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL.....	16
1.1. AUTOAPRENDIZAGEM	16
1.2. AUTOCONHECIMENTO	19
1.3. EDUCAÇÃO CIDADÃ	22
1.4. DIMENSÃO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA	26
1.5. O DIRETOR E A LIDERANÇA ADMINISTRATIVA	32
1.6. O DIRETOR NA LIDERANÇA PEDAGÓGICA	38
1.7. MUDANÇA DE PARADIGMA.....	41
2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	43
2.1. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO.....	48
2.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS.....	49
2.3. ÉTAPAS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	52
2.4. CRITÉRIOS DE VALIDADE CONSIDERADOS.....	56
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	60
3.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS	60
3.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
3.3. SÍNTESE	74
4. PLANO DE AÇÃO	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE.....	94

ÍNDICE DE GRÁFICOS

1. Tratamento estatístico da questão: *Acredito que o processo de ensino e de aprendizagem está atualmente mais centrado no aluno.*61
2. Tratamento estatístico da questão: *Considero que o processo de ensino e de aprendizagem se desenvolve no respeito das capacidades e das características individuais dos alunos.*62
3. Tratamento estatístico da questão: *Creio que os alunos têm consciência da importância de se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender.*63
4. Tratamento estatístico da questão: *Sinto que os professores têm consciência da importância dos alunos se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender.*64
5. Tratamento estatístico da questão: *Considero que a legislação existente no âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC), promove o desenvolvimento do autoconhecimento dos alunos.*65
6. Tratamento estatístico da questão: *Considero que, em sentido lato, a autorregulação permite interiorizar melhor o significado daquilo que se aprende, facilitando os processos de mudança durante o processo pelo qual se aprende.*65
7. Tratamento estatístico da questão: *Penso que a autorregulação da aprendizagem pressupõe, quer por parte do aluno, quer pelo seu professor, planeamento, monitorização e, fundamentalmente, uma avaliação contínua das aprendizagens.*66
8. Tratamento estatístico da questão: *Acredito que a autoaprendizagem potencia a autossuficiência educativa e cultural dos alunos desde bem cedo e até muito tarde.*66

9. Tratamento estatístico da questão: *Sinto que, sob o ponto de vista dos alunos, a educação é entendida mais como um direito do que uma obrigação.*67
10. Tratamento estatístico da questão: *Creio que a escola forma cidadãos responsáveis, conhecedores dos seus direitos e dos seus deveres, ativos e interventivos na sociedade.*68
11. Tratamento estatístico da questão: *Sinto que nas escolas se salvaguarda o desenvolvimento da autonomia do educando e nele se confia a responsabilidade pela sua própria aprendizagem.*69
12. Tratamento estatístico da questão: *Penso que se incute no aluno processos de autonomia quando este é responsabilizado no ato pedagógico.*70
13. Tratamento estatístico da questão: *Acredito que quanto mais o discente confiar nas suas competências, mais estará a fomentar a sua aprendizagem.*70

INTRODUÇÃO

Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nele estava proibido.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Não há, por outro lado, diálogo se não há humildade. A “pronúncia” do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe se seus polos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? (Freire, 2018, pp. 85-86)

O desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem torna-se, muitas vezes, complexo, pelo desequilíbrio em favor do ensino centrado no docente, já que, na prática ainda se vai verificando que a ação se centra mais nos interesses do professor.

Assim, qual o lugar dado à aprendizagem, nomeadamente, qual a dimensão da autoaprendizagem neste processo? Acredito que a prática desta última, releva para uma ação verdadeiramente centrada no aluno, tal como, no meu entendimento, ela deve estar!

Por um lado, é ainda fundamental consciencializar o aluno, bem como o seu professor, da importância do autoconhecimento que lhe permitirá aprender por si próprio, mesmo que assistido pelo docente, isto é, devo primeiro autoconhecer-me antes de conhecer o que quer que seja que quero aprender. Como refere a sabedoria popular, *aprender até morrer*.

Por outro lado, e já que virá o tempo que deixarei de ter professores a acompanhar-me, é muito importante que aprenda a ser professor de mim mesmo, desenvolvendo continuamente a minha autoaprendizagem. Sabendo que cada aluno tem a sua identidade, então devo trabalhar sempre no respeito da autonomia individual e das capacidades e características de cada um que, se devidamente conhecidas, podem verdadeiramente ser valorizadas.

Tradicionalmente, o professor revê-se numa lógica de autoridade sobre o aluno. Esta postura traduz-se, invariavelmente, numa ação mais centrada na prática docente

do que nas aprendizagens dos discentes. Muitas vezes e na prática, o processo de ensino e de aprendizagem ainda está focado no docente, em vez de, como desejado, se centrar no aluno. O primeiro já se sente realizado se, em sua consciência, sentir que *ensinou bem*, pouco importando se o aluno efetivamente aprendeu o que era suposto. Em sentido contrário, estou convicto que ao aluno não deve ser ensinado aquilo que ele pode, por si, próprio aprender... isto, naturalmente, com a devida orientação.

Estes temas surgem por razões legais e, principalmente, por convicção que se elencam seguidamente.

No âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC) destacam-se os seguintes normativos:

- O Decreto-lei nº 54/2018, de 6 de julho, refere, no seu preâmbulo, que a escola tem de dar respostas aos interesses e potencialidades de cada aluno

a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social. Esta prioridade política vem concretizar o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.

- O Decreto-lei nº 55/2018, de 6 de julho, que assume uma política educativa que promova o sucesso educativo e a igualdade de oportunidades, orientando as escolas para encontrar o seu próprio rumo dentro dos preceitos definidos no âmbito da autonomia e flexibilidade curricular. Nele se indica

tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos em 2030, para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem.

Nesta incerteza quanto ao futuro, onde se vislumbra uma miríade de novas oportunidades para o desenvolvimento humano, é necessário desenvolver nos alunos competências que lhes permitam questionar os saberes estabelecidos, integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.

- O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), no seu prefácio, narra que “Perante os outros e a diversidade do mundo, a mudança e a incerteza, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos”.

- O documento Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, na sua introdução, menciona o desafio

À escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde alunos e alunas adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, exige-se uma reconfiguração, a fim de responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas. ...

No entanto, o motivo maior da escolha destes temas resulta do facto de ele me fascinar desde há muito, sobretudo, desde que fui diretor da Escola Secundária Inês de Castro (ESIC), em Vila Nova de Gaia, entre 2017 e 2021. Neste contexto, senti demasiadas dificuldades na formação de cidadãos autónomos, responsáveis, ativos e que pensassem mais pela sua cabeça do que pela cabeça dos outros, mormente pela dos seus professores!

Consciente das dificuldades de se trabalhar temas como a autonomia, a autodisciplina, a autoconfiança, a autoavaliação, a autorreflexão, a autocrítica, a autodeterminação, o autogoverno, ... que não deixarei de o fazer sempre que tal seja oportuno, priorizarei então, para além da autoaprendizagem, o autoconhecimento, sendo este segundo relevante no desenvolvimento da primeira e vice-versa.

Acredito que para além da autoaprendizagem e do autoconhecimento é fundamental uma adequada educação cidadã, que juntamente com uma boa e bem liderada organização educativa motivará não só o aluno à realização das suas aprendizagens e à superação das suas dificuldades como o levará a assumir plenamente e da melhor forma o seu papel autónomo, confiante, responsável e interventivo na comunidade/sociedade não só enquanto estudante, mas também ao longo de toda a sua vida. O discente realizará, deste modo, um desenvolvimento adequado e integral da sua formação pessoal, bem como da sua personalidade.

Reconhecendo, como atrás referido e por experiência diretiva própria, as dificuldades de se trabalhar estes temas, é fundamental perceber qual o conhecimento que os diretores, enquanto dirigentes máximos dos Agrupamentos de Escolas (AE) e Escolas não Agrupadas (ENA), detém no grau de implicação dos alunos nas situações de aprendizagem real.

Creio que esta aferição potenciará o autoconhecimento dos alunos que levará ao desenvolvimento de práticas de autoaprendizagem com o conseqüente e desejável foco do aluno no seu processo de ensino e de aprendizagem. Sabendo que a consciencialização de um problema é a melhor forma de o enfrentar e de o solucionar, está, então, lançado o desafio de, pelos seus diretores, melhor compreender a realidade dos AE/ENA, nomeadamente os da região Norte de Portugal Continental, no âmbito do desenvolvimento do autoconhecimento e da autoaprendizagem.

Nos capítulos subsequentes desenvolver-se-á: o *Enquadramento Concetual* (capítulo 1) para analisar conceitos de autoaprendizagem (subcapítulo 1.1.), de autoconhecimento (subcapítulo 1.2.), mencionar aspetos relacionados com a educação cidadã (subcapítulo 1.3.), bem como, na dimensão organizacional, discutir a escola como uma organização educativa (subcapítulo 1.4.), e o papel do diretor no domínio da liderança administrativa (subcapítulo 1.5.), e pedagógica (subcapítulo 1.6.). Referirei ainda mudanças de paradigma ocorridas ao nível de alguns modelos pedagógicos, assim como ao nível de alguns normativos (subcapítulo 1.7.); o *Enquadramento Metodológico* (capítulo 2) onde serão identificadas as etapas da investigação em curso. Este capítulo contém os subcapítulos 2.1., 2.2., 2.3. e 2.4. onde serão apresentados, respetivamente, a pergunta de partida e os objetivos da investigação, as opções metodológicas, as técnicas e instrumentos de recolha de dados e os critérios de validade considerados; a *Apresentação e Análise dos Dados* (capítulo 3) onde farei a exposição de dados (subcapítulo 3.1.), a discussão dos resultados (subcapítulo 3.2.) e uma síntese, na qual se cruzam os subcapítulos 3.1. e 3.2. e se evidenciam os principais constrangimentos encontrados pelos diretores (subcapítulo 3.3.); o *Plano de Ação* (capítulo 4), no qual, decorrente daquilo que foi o discurso dos diretores, relatarei o que se poderá melhorar nos diferentes contextos de prática; e termino com as *Considerações Finais*, na qual se concluirá se foram (ou não) dadas respostas à questão de partida, bem como aos objetivos definidos para esta investigação e tecerei ainda algumas reflexões a partir da análise das respostas dos diretores aqui inquiridos.

1. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Como foi já identificado na introdução, apesar dos esforços em sentido contrário, nas escolas ainda se assiste a uma excessiva centralização dos processos de ensino e de aprendizagem no docente. Existe, demasiadas vezes, um maior protagonismo do docente no ensino do que nas aprendizagens do discente. A este propósito, Estrela (2002) refere que, apesar de teoricamente ser desejável incutir-se nos alunos processos de autonomia, tal é inviabilizado pela falta da sua responsabilização no ato pedagógico.

O cenário agrava-se sobremaneira quando o professor, em vez de ensinar, se limita a transferir conhecimentos. A este propósito, Freire (2011), partilha-nos que

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (...) (p. 36)

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (pp. 47-48)

Nesta perspetiva, como já sublinhei, é pertinente o tratamento dos diversos *auto...*, excluído que está, desde já, o *autoelogio...*, e passo de seguida a abordar alguns desses conceitos, fundamentais que são no desenvolvimento da autonomia, no processo de ensino e de aprendizagem.

1.1. AUTOAPRENDIZAGEM

Começo pela autoaprendizagem, para a qual é fundamental a autorregulação que estimula e promove competências para os discentes serem atores dinâmicos e construtivos dos seus processos e resultados de aprendizagem. O aluno aprende no sentido de procurar o seu sucesso educativo, mas isso só não basta, ele necessita de implicar o sucesso aos fatores que possa controlar de modo a aumentar as suas

expetativas, bem como a sua a autoconfiança. O educando deve, então, passar de formas de regulação externa, sobretudo pelos seus professores e encarregados de educação (EE), para formas de autorregulação, bem mais autónomas. É muito importante que o discente, além de estabelecer a relação entre as ações que desenvolve e os resultados que obtém, também acredite nas suas competências para, assim, mais fomentar a sua aprendizagem (Silva, et al., 2004). Contudo, importa reconhecer que

muitos estudantes têm dificuldade em responder às diferentes tarefas de aprendizagem, porque a prática educativa ainda está muito centrada na transmissão e recepção de conteúdos e na aprendizagem de rotinas. Mesmo quando os professores reconhecem a importância de ensinar também competências que permitam aos alunos desempenhar um papel mais activo e autónomo no tratamento da informação, na realização das tarefas escolares, no cumprimento das tarefas desenvolvidas na sala de aula ou no estudo, frequentemente não sabem como ensiná-las. Deste modo, os estudantes não são apoiados a desenvolver processos cognitivos e metacognitivos que lhes dêem oportunidade para exercer algum controlo sobre a sua aprendizagem de modo a torná-la mais eficaz e significativa. (Silva, et al, 2016, p. 68)

Na sequência da citação, os mesmos autores esclarecem-nos que a autorregulação permite interiorizar melhor o significado daquilo que se aprende, facilitando os processos de mudança durante o processo pelo qual se aprende. Deste modo, o aluno edifica o seu próprio conhecimento, passando a aprendizagem a ser autodeterminada, resultando esta construção da influência recíproca entre conhecimentos anteriores e novas experiências adquiridas num contexto social. Os mesmos investigadores referem, também, que nesta esfera de ação, a investigação desenvolvida tem-se preocupado em conhecer se os alunos controlam os seus processos de aprendizagem e, simultaneamente, em como os docentes conseguem auxiliar os seus discentes a desenvolver estas faculdades de autorregulação da aprendizagem. Explicam, ainda, que os estudos existentes têm revelado que esta autorregulação será tanto mais fácil, quanto mais o aluno consiga decidir sobre os objetivos, as etapas e os meios desenvolvidos durante a sua aprendizagem.

Nesta perspetiva, quem estuda a autorregulação escolhe preferencialmente a aprendizagem em contexto escolar como seu campo de ação, pois torna-se cada vez mais pertinente estimular e promover no discente as competências que lhe permitam ser um agente dinâmico e construtivo dos seus processos e produtos de aprendizagem (Silva, et al., 2004).

Embora para estudantes do Ensino Superior, Trindade (2014), a partir de uma revisão sistemática da literatura, estudou sobre a autoaprendizagem como objetivo da aprendizagem baseada na resolução de problemas (ABRP) e o papel dos professores neste âmbito.

Neste estudo, o autor concluiu que o desenvolvimento pessoal e social dos alunos

depende do modo como os estudantes se apropriam, não apenas de novas informações, da utilização de instrumentos e da realização de um conjunto de procedimentos, mas do modo como estabelecem rotinas epistemológicas que, correspondendo a outras modalidades de construir e utilizar o conhecimento, são uma condição necessária para que aquela apropriação ocorra. (p. 52)

Apesar desta investigação ter ocorrido no âmbito do Ensino Superior, não podemos esquecer as desejáveis harmonizações que devem suceder na sequência dos diferentes ciclos de ensino, bem em como a resolução dos problemas por parte dos alunos é também um objetivo desde o Ensino Básico, passando pelo Ensino Secundário, constituindo, como já referido, um dos pressupostos fundamentais elencado no Decreto-Lei nº 55/2018, de 6 de julho, entre outros normativos e orientações, pelo que esta estratégia será tanto mais genuína quanto mais, autonomamente, os alunos consigam efetuar por si próprios as suas aprendizagens, o mesmo será dizer, as suas autoaprendizagens.

A autorregulação da aprendizagem pressupõe ainda, quer por parte do aluno, quer pelo seu professor, planeamento, monitorização e, fundamentalmente, uma avaliação contínua das aprendizagens. Mais do que eficazes e eficientes, importa que elas sejam efetivas, isto é, que sirvam realmente para o desenvolvimento pessoal, social e, mais tarde, profissional do aluno. Por conseguinte,

Não é difícil compreender, assim, como uma de minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica. Que me seja perdoada a reiteração, mas é preciso enfatizar, mais uma vez: ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instiga-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar

o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele.
(Freire, 2011, p.86)

Deste modo, a comunicação entre o discente e o docente (a ordem apresentada não é inocente) é crucial. O professor não deve amarrar-se à sua autossuficiência e recuar ir mais além, deve antes dominar-se a si próprio e o seu autocontrole permitir a confiança dos alunos. De acordo com este pressuposto, a autossuficiência é incompatível com o diálogo e este não existe se se tiver medo da superação e faltar a humildade. Se alguém sentir que é melhor que o outro, isso significa que ainda está muito afastado de com ele se encontrar, sendo que nesse lugar de encontro nem pode haver sábios absolutos nem ignorantes absolutos (Freire, 2018).

Na mesma linha de pensamento, Campana (2016) refere que

Kentenich e Freire, por meio de suas produções, entendem que sem a existência de uma relação de respeito e cumplicidade entre professor-estudante não é possível o estudante ser um sujeito atuante no processo educacional. É necessário que enquanto o professor ensina, evidencie aos estudantes o quanto é fundamental respeitá-los e ser respeitado. (p.20)

1.2. AUTOCONHECIMENTO

Prosseguindo, com a discussão, passo a desenvolver o autoconhecimento, outro dos conceitos fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem, acreditando que para as competências autorreguladoras acima referidas serem realmente desenvolvidas pelos discentes, é necessário que os docentes não só as conheçam como também as tenham desenvolvidas em si mesmos e serão tanto mais efetivas, quanto maior for o autoconhecimento que os alunos e professores vão adquirindo de si próprios.

Uma vez mais, o papel do docente é determinante neste processo, já que para eu compreender conscientemente os que estão há minha volta, por forma a melhor os ajudar, devo fazê-lo inicialmente em relação a mim próprio. Sobre este tema, Carita e Fernandes (2012) referem o seguinte, a propósito do autoconhecimento do professor:

Começaremos por chamar a atenção para a importância educativa dos comportamentos do professor em sala de aula, em virtude da sua influência no desenvolvimento dos alunos, ou seja, do seu poder de modelagem. Consequentemente, referimos a necessidade de o docente se conhecer, tomando consciência do seu desempenho profissional, e apontemos diferentes meios ao seu alcance para obter o autoconhecimento. De seguida, referiremos dois dos domínios sobre os quais importa que o professor desenvolva o seu autoconhecimento – as competências de relação e de comunicação com os alunos. (p. 23)

Os autores acrescentam, ainda, que dada a importância, quer do modo de agir, quer de interagir, o professor deve conhecer-se a si próprio, como profissional, para intencionalmente controlar a sua conduta, antecipando assim os reflexos desta nos seus educandos. Neste sentido, o docente deve auto-observar-se durante as aulas, desenvolvendo deste modo uma autoanálise que lhe possibilitará conviver consigo próprio, contando-se que tal convivência se prolongue no relacionamento, em geral, e na comunicação, em particular, com os seus alunos.

Relativamente a esta comunicação e a este diálogo, o professor não pode distanciar-se, antes, tem de se movimentar em direção ao aluno para dele ganhar a sua confiança e com ele encetar e fortalecer então o relacionamento e o diálogo.

No entanto, este não pode ser um relacionamento nem um diálogo qualquer, estes devem ser marcados pelas seguintes características:

- solidariedade, de modo à promoção da igualdade entre interlocutores, mas sem que o docente perca a sua autoridade (conquistada e não imposta);
- exemplificado, já que as palavras atraem, mas os exemplos cativam;
- democrático (em vez de autocrático), mas que respeite as minorias;
- que potencialize a melhor compreensão, quer de si, quer dos outros;
- que conduza a uma maior liberdade, sobretudo interior.

Voltando ao autoconhecimento, e no que reporta à sua importância no desenvolvimento do conhecimento científico, Sousa Santos (2005), diz-nos que “todo o conhecimento científico é auto-conhecimento. A ciência não descobre, cria, e o acto criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real.” (p.83).

Importa, contudo, não reduzir esta reflexão à dimensão científica. O autoconhecimento tem sido, nas últimas décadas, alvo de investigações que evoluem em diferentes sentidos sendo tal fomentado pelo avanço das metodologias de investigação e análise de dados (Carapeto, 2021). Destaca-se, como consequência, um imenso potencial de evolução para a descoberta deste mundo interior que cada um tem à sua disposição. De facto, devemos ser capazes de acompanhar a exploração que se faz, cada vez mais e melhor, deste imenso macrocosmos com um maior e melhor, conhecimento que cada um deve ser capaz de fazer do seu microcosmo interior.

Numa linha de pensamento complementar, Kantenich (citado em Schlickmann, 2007), assinala que

O jovem busca autoconhecer-se e conquistar a própria personalidade. Mas permitam que lhes diga: Se quiserem imitar esse método com seus jovens, não poderão estudá-lo em livros. Precisam estudar a vida de seus jovens e descrever o que nela acontece. Não devem dizer: isto vale para ti e aquilo vale para ti. O jovem nessa idade não suporta isso. Se fizerem isso, perdem-no por toda a vida. Permitam que o diga nestes termos: isto supõe uma extraordinária relação de confiança. – J. Kantenich, Palestra em 27.2.1952, BrasilienterziatIII, 1952, p.33 (ASP). Lv. Tempestades de Outono – 1912. (p. 58)

Nesta perspetiva, Schlickmann (2007), continua

J. Kantenich avança com cautela, usando do respeito pela dignidade das pessoas que o caracteriza. Não transmite aos alunos subsídios para o autoconhecimento na forma de análises e diagnósticos, como um supervisor. Conduz os jovens a descobrirem eles próprios o seu mundo interior. (p.58)

Decorrente do identificado, defendo que a conquista deste mundo interior permitirá:

- incrementar a autoconfiança, pois serei mais capaz à medida que melhor conheço e desenvolvo as minhas potencialidades;
- atenuar as fragilidades individuais, visto que encarar as minhas vulnerabilidades constitui o primeiro passo para as ultrapassar;
- desenvolver a capacidade de tolerância, já que reconhecendo as minhas limitações, mais facilmente as aceito nos outros que me acompanham e com quem me relaciono;
- pensar pela minha cabeça, isto é, ter opinião própria e não a opinião pública tão característica das sociedades massificadas;
- tomar decisões, tendo a capacidade de executá-las.

Assim, e aproveitando o conselho que a sabedoria popular nos transmite de que *é de pequenino é que se torce o pepino*, parece-me adequado que a escola fomente práticas de autoconhecimento nos seus alunos a fim de que eles partam à descoberta do seu mundo interior desde o mais cedo possível.

1.3. EDUCAÇÃO CIDADÃ

Como já referido na introdução, é fundamental que o aluno desenvolva adequada e integralmente a sua formação pessoal e a sua personalidade, pelo que compete também à escola formar cidadãos responsáveis, conhecedores dos seus direitos e dos seus deveres, ativos e interventivos na sociedade, pelo que passo de seguida a mencionar alguns aspetos relacionados com a educação cidadã.

Neste âmbito, Duarte (2023) refere que o atual conceito de cidadania muito se deve à *Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)*, destacando que este conceito foi evoluindo de acordo com as alterações entretanto ocorridas nas estruturas sociais e políticas, bem como (re)construindo-se, a pouco e pouco, com base nas regras fundamentais e gerais das sociedades democráticas. De tal, advém a exposição a certos perigos, como a forma que o conceito de cidadania incorpora as tensões relativas à cada vez maior importância atribuída às relações económicas/monetárias em prejuízo das relações civis.

O autor lembra as influências que a *Declaração da Independência norte-americana* e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, proclamada no período que sucedeu a Segunda Grande Guerra, tiveram na *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Refere-se, também, à importância da *Convecção sobre os Direitos das Crianças (1989)* na consagração que teve nos direitos das crianças. O artigo 26.º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* narra que:

1. *Toda a pessoa tem direito à educação (...).*

2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

Relativamente ao supracitado artigo, Duarte (2023) recorda-nos que “A educação, entendida como um direito, tem como propósito promover o desenvolvimento pleno de todos os cidadãos e assumir-se como estrutura de suporte dos restantes direitos, liberdades e garantias.” (p.44). Mais à frente, relativamente à educação e democracia, acrescenta que

Esta relação da educação e da democracia é melhor reconhecida quando compreendemos que, através da educação, temos possibilidade de assumir uma mais consciente compreensão dos processos de funcionamento social e do modo como as diferentes estruturas – políticas e sociais – convergem, ou afastam-se dos princípios e da própria salvaguarda dos direitos reconhecidos e internacionalmente consagrados. (pp. 45-46)

E que, quanto a educar para e em cidadania e em relação às influências nacionais é “, possível reconhecermos que, no atual contexto educativo português, parece investir-se, cada vez mais, na afirmação dos estabelecimentos escolares como espaços de vivência de cidadania democrática” (p.111). Já quanto às influências europeias, destaca que estas “no âmbito da educação para a cidadania, assentam na ideia de que os cidadãos europeus devem desenvolver um conjunto de competências baseadas em múltiplos valores, conhecimentos, atitudes e habilidades” (p. 125). Finalmente, em relação às influências mundiais, termina ao identificar que “a UNESCO (2015) advoga que a educação deverá desenvolver práticas educativas conducentes com a promoção de dinâmicas de autodeterminação dos estudantes, para que estes se possam afirmar como agentes sociais participativos, conscientes e comprometidos à escala planetária” (p.137).

O referido capta particularmente bem o posicionamento assumido neste trabalho, não me restando dúvidas de que se a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* fosse respeitada, nomeadamente no que à educação diz respeito, teríamos cada vez mais pessoas responsáveis e a exercer em pleno a sua cidadania.

Voltando às competências autorreguladoras e sociais desenvolvidas pelas crianças, como a adaptação aos ambientes sociais envolventes, estas são fundamentais

no seu sucesso, quer dentro, quer fora da escola, podendo repercutir-se nas atitudes cívicas demonstradas ao longo da vida, como, por exemplo, influenciar os comportamentos políticos enquanto adultos (Holbein, 2017).

Neste âmbito, Campbell e restantes autores (2019) referem que os estudos nesta área devem prever outras formas de educação cidadã, além das convencionais, pelas quais as escolas possam fomentar nos alunos uma cidadania mais ativa, numa sociedade democrática, de modo que a educação possa ser mais incisiva por forma a contrariar tendências políticas observadas por alguns dos jovens, nomeadamente, em não exercer o seu direito e, simultaneamente, dever de voto. A este respeito, os autores afirmam a importância de uma investigação científica e rigorosa. Contudo, como explicam os autores,

Infelizmente, a educação cívica normalmente é elogiada da boca para fora pelos formuladores de políticas, mas depois deixado de lado em favor da leitura, matemática e ciências. Claro, esses outros assuntos também são importantes, até porque contribuem para um eleitorado informado, mas é igualmente importante compreender o que funciona especificamente na educação cívica. Esta tarefa é muito importante deixar para uma disciplina académica. Serão necessários muitos estudiosos que abordem a questão a partir de ângulos diferentes, discutindo entre si sobre métodos, teoria e interpretação. Isso é somente a partir desse processo de pesquisa, revisão e replicação é que o consenso sobre as melhores práticas deverá surgir. A boa notícia é que o corpo de investigação existente proporciona uma "cultura inicial" saudável. (p.14)

De forma complementar, Biesta (2016), num trabalho sobre a natureza da cidadania, o papel da educação e da aprendizagem e sua relação com a esfera pública, alerta para os perigos de se reduzir a cidadania democrática a estados de adaptação dos indivíduos na comunidade, referindo que mais do que a importância dos processos de transformação que acontecem na esfera pública, é a qualidade que decorre de tais processos.

Põe ainda em dúvida se a democracia deve ser entendida como algo que é determinável ou que está além da ordem e torna saliente a relevância de se entender a democracia em termos políticos, e não naturais, revelando os riscos de se perceber a democracia apenas como uma ordem sociopolítica decretada. Separa, também, duas conceções de compreensão da aprendizagem cidadã: como socialização e como subjetivação, reivindica a relevância da aprendizagem relacionada com a experiência

democrática, adiantando que esta experiência democrática não deve ser vista como o somatório de desejos individuais, antes como a concretização das preferências de cada um nas necessidades comunitárias, devidamente sustentáveis e justificáveis. Conclui que as hipotéticas crises que ocorrem na democracia não se devem à inexistência de boas e individuais participações cívicas, mas sim à escassez de perspectivas democráticas e reais pelas quais cada indivíduo possa fazer uso da sua subjetividade, numa determinada comunidade.

Ytarte e colaboradores (2016), num artigo intitulado *Educação e cidadania. Propostas educativas desde a controvérsia*, destaca que

A educação para a cidadania não pode ser reduzida, portanto, a uma mera exposição de valores ideais sobre a vida na sociedade, (...) implica dar ao outro protagonismo e capacidade de atuar dentro da instituição e do seu próprio processo educativo.

A educação para a cidadania implica também um posicionamento ético em relação ao que é necessário aprender e aprender a fazer em comunidade, não como a assimilação de princípios que não podem ser questionados, mas como prática das liberdades, direitos e deveres públicos, de ação e compromisso coletivo (...). Aprender a pensar, debater e questionar exige propostas de grupo, projetos abertos ao meio ambiente e à comunidade.

(...). Educar em Cidadania é acima de tudo apostar na qualidade da educação e não deixar ninguém excluído dos conhecimentos, saberes e experiências que permitirão fazer parte e participar da sociedade. (p.67)

Entendo que, embora a educação cidadã deva ser uma obrigação social e geral de todos, ela tem de fazer parte das políticas nacionais, nomeadamente, das educativas.

Felizmente, tal tem acontecido, sobretudo, desde 2017, em que cada escola define a sua Estratégia de Educação para a Cidadania na Escola (EECE) que deverá ser uma das linhas orientadoras transversal a todo o (PE), devendo o Conselho Pedagógico (CP) do AE/ENA definir e priorizar os domínios da Educação para a Cidadania a serem trabalhados nos diferentes níveis de escolaridade.

A EECE deve ser coordenada por um membro com assento no CP que constituirá o ponto focal da escola com a Equipa Nacional de Educação para a Cidadania e que deverá apresentar anualmente um relatório contendo a formação destinada aos docentes e que é necessária neste domínio.

Este caminho é fundamental na construção de uma sociedade mais justa e tolerante e deverá originar consciências de pertença e vinculação a comunidades autênticas e promotoras de liberdade (incluindo a interior). Nelas haverá uma colaboração recíproca onde cada um dá à comunidade e dela recebe (*é no dar que se recebe*) num sentimento generalizado de que uma alegria partilhada é uma alegria duplicada e que uma dor partilhada é meia dor.

1.4. DIMENSÃO ORGANIZACIONAL DA ESCOLA

Passo, seguidamente, a abordar a dimensão organizacional da escola, começando por discutir esta como uma organização educativa.

Relativamente à escola, tal como a temos atualmente, muito contribuiu o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual, que veio aprovar o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Este documento jurídico sofreu, até à data, duas alterações, a primeira conferida pelo Decreto-Lei 224/2009, de 11 de setembro e a segunda pelo Decreto-Lei 137/2012, de 2 de julho.

No seu preâmbulo, o normativo começa logo por abordar a desejável eficácia e eficiência na organização da governação das escolas, referindo que

As escolas são estabelecimentos aos quais está confiada uma missão de serviço público, que consiste em dotar todos e cada um dos cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, integrar-se activamente na sociedade e dar um contributo para a vida económica, social e cultural do País. É para responder a essa missão em condições de qualidade e equidade, da forma mais eficaz e eficiente possível, que deve organizar-se a governação das escolas.

Estes diplomas definem e estruturam a atual organização escolar assente numa maior autonomia, reforço da gestão e administração das escolas, benefício de lideranças estratégicas e fortes, mas também aposta numa maior participação da comunidade escolar.

Tradicionalmente, as escolas apresentam-se-nos como “construções históricas e sociais (...), arenas políticas e culturais, estruturas simbólicas e subjetivas” (Lima, 2011, p.101) onde a comunidade educativa, mesmo que tão diferenciada que seja, deve estar comprometida e envolvida no desenvolvimento da organização.

No entanto, a par com o aumento da autonomia da escola, exige-se-lhe maior responsabilidade pelos resultados e sucesso dos seus alunos, pelo que sai reforçada a importância da avaliação institucional, quer interna, quer externa, valorizando-se assim, respetivamente, as ações da *Avaliação Externa da Inspeção-Geral da Educação e Ciência* (IGEC) e das *Comissões de Avaliação Interna* (CAE).

O ponto 2 do artigo 10.º do Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, na sua atual redação, define como órgãos de direção, administração e gestão dos AE e ENA: o Conselho Geral (CG); o Diretor; o Conselho Pedagógico (CP); Conselho administrativo (CA).

O CG é um órgão colegial que representa a comunidade educativa e é responsável pelas decisões estratégicas e de planeamento, estando sob a sua alçada a aprovação de documentos fundamentais como o PE, o regulamento interno (RI), o plano anual de atividades (PAA), as linhas orientadoras para o orçamento e para a ação social escolar, o relatório de contas de gerência, e, no meu entendimento, também a EECE. Saliento que a segunda alteração preconizada pelo Decreto-Lei 137/2012, de 2 de julho, veio robustecer as competências do CG, tendo em conta a sua legitimidade, enquanto órgão de representação dos agentes de ensino que inclui o pessoal docente (PD) e o pessoal não docente (PND), dos encarregados de educação, do município e da comunidade local. Finalizo, realçando ainda que é o CG que elege, empossa, avalia e pode destituir o Diretor que, conseqüentemente, lhe tem de prestar contas.

O Diretor, órgão unipessoal, é o docente que é o responsável pela gestão pedagógica, administrativa e financeira do AE/ENA. Assume a presidência do CP, do CA e da Secção de Avaliação do Desempenho Docente (SAAD). Entre outras competências, o Diretor avalia também o PND, distribui o serviço, aprova o plano de formação do PD e

PND, designa os DT, bem como os coordenadores de escola ou estabelecimento de educação pré-escolar e indica três nomes, dos quais um será eleito coordenador, em sede de departamento curricular. Mais à frente, abordarei mais pormenorizadamente o papel do diretor na liderança administrativa e pedagógica da/na instituição educativa.

O CP é um órgão colegial definido no artigo 31.º do Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, na sua atual redação, como “o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente”. A sua composição é limitada a um máximo de 17 membros e definida no RI do AE/ENA. Inicialmente, houve a possibilidade de nele participarem outras estruturas representadas por um número limitado de membros não docentes, mas, com a segunda alteração ao normativo, conferiu-se-lhe um carácter profissional circunscrito a docentes, muito embora nele possam estar representados os serviços de orientação e psicologia (SPO). Nele, têm assento, fundamentalmente, os coordenadores dos departamentos curriculares, bem como as demais estruturas de coordenação e supervisão pedagógica e de orientação educativa.

Finalmente, o CA é também um órgão colegial que delibera em matéria administrativo-financeira do AE/ENA, nos termos da legislação em vigor. É composto pelo diretor (que o preside) que designa o subdiretor ou um dos seus adjuntos para dele fazer igualmente parte. A estes dois membros, junta-se ainda o chefe dos serviços administrativos ou quem o substitua. As suas competências estão elencadas no artigo 38.º do Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, na sua redação atual como

- Aprovar o projeto de orçamento anual, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo CG;
- Elaborar o relatório de contas de gerência;
- Autorizar a realização de despesas e o respetivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira;
- Zelar pela atualização do cadastro patrimonial.

Conhecidas as características e a esfera de ação dos órgãos de direção, administração e gestão das escolas, importa referir ainda quatro temas que considero de suma importância, relativos à escola enquanto organização educativa.

O primeiro prende-se com a burocracia. Numa perspetiva weberiana, a escola é uma estrutura organizacional alicerçada em burocracias formais ou entidades racionalmente articuladas (Bazo, 2005). O cumprimento dos normativos deveria trazer à escola segurança e normalidade, no entanto as experiências vivenciadas entre quadros legais de forma cumulativa, geram, pelo contrário, um clima de insegurança e confusão. A autonomia das escolas é entendida como racional e legalmente determinada a nível da Administração Central e Regional, possuindo margens muito reduzidas de autorregulação (Dinis & Alonso, 2008).

Efetivamente, é imprescindível o cumprimento da legislação vigente, no entanto a escola não se pode prender numa teia rotineira de tarefas e funções que tentam administrativamente dar resposta às cada vez maiores exigências com que é confrontada, sem perder o essencial da sua ação que é a preocupação com a formação plena e integral dos seus alunos. É fundamental que ela não desenvolva abusiva e negativamente procedimentos desnecessários e que acabem desviados daquilo que é o superior interesse dos discentes, sem nunca deixar de prestar contas àqueles que serve.

O segundo relaciona-se com o tipo de gestão das escolas que considero dever ser democrática e jamais autocrática. De facto

a gestão democrática das escolas é realização de extraordinária exigência e dificuldade. É, por isso, realização passível de múltiplos graus de aprofundamento, de avanços e de recuos, de contradições profundas, seguindo de perto os matizes teóricos da democracia e das suas distintas teorias, bem como as intensidades variáveis das práticas de participação e, no limite, de não-participação, nos processos de decisão. (Lima, 2014, p.1071)

Na mesma publicação, em 2014, Lima apresenta-nos três dimensões básicas associadas à gestão democrática das escolas: i) Democrática e eleição; ii) Colegialidade; e iii) Participação na decisão. O autor considera-as cruciais e apesar de admitir a existência de outras dimensões também relevantes, estas estão-lhes associadas e subordinadas.

Lima (2014) revela, ainda, algumas concepções divergentes de gestão democrática: i) Autogoverno democrático; ii) Estruturas e procedimentos democráticos; e iii) Gestão irracional e déficit de liderança.

Segundo o autor, o *autogoverno democrático*, é uma concepção pela qual a escola procura ser autónoma, mas está dependente do Estado Central que legitima a descentralização e a transferência de poderes pela participação democrática dos membros da comunidade educativa, numa perspetiva sociocomunitária. Os órgãos colegiais são eleitos democraticamente e assumem a sua autonomia baseada no diálogo, numa participação ativa e em práticas de democracia direta e de democracia representativa, saindo reforçado o autogoverno escolar e a autogestão pedagógica.

No caso das *estruturas e procedimentos democráticos* a gestão democrática das escolas está condicionada por estruturas organizacionais democráticas e por regras, procedimentos e formalismos burocráticos. A autonomia das escolas é do tipo heterogovernada e só a muito custo poderá ser praticada no plano da ação, já que está refém de uma centralização do poder que a asfixia. Aqui, predominam as práticas de participação passiva, pois a colegialidade, mesmo que exista no papel, não se relaciona com o poder, situado acima e fora dela, representado por uma direção escolar atópica.

A *gestão irracional e déficit de liderança* resulta das críticas cada vez mais acentuadas à gestão democrática das escolas, sobretudo, pela irracionalidade dos órgãos colegiais, bem como pelo déficit de liderança do diretor, que são próprias de uma Nova Gestão Pública caracterizada pelos conceitos economicistas, racionalistas e técnico-instrumentais, como os de eficácia, de eficiência, de competitividade, de atratividade, de inovação e diferenciação das escolas. Nesta, reforçam-se e concentram-se os poderes do diretor a quem se exigirá depois a responsabilização pelos resultados da sua gestão.

Relacionado com isto, vem em terceiro lugar a avaliação escolar que se concretiza em três dimensões:

- A autoavaliação, na qual o avaliador e o avaliado são a organização educativa;

- A avaliação interna, em que o avaliador é a comunidade educativa e o avaliado a respetiva organização;
- A avaliação externa, sendo nesta o avaliador a IGEC e o avaliado a organização educativa.

Saliento que ao conceito generalizado de avaliação deve estar, sobretudo, associado o conceito de reflexão, da qual deverão decorrer mecanismos de autorregulação e melhoria dos desempenhos pedagógicos e organizacionais.

A avaliação deve então consciencializar a comunidade educativa de *onde está*, tal deverá impulsionar o desenvolvimento de planos de ação que apontem *para onde ela quer ir*, bem como o delinear de estratégias em *como lá chegar*. Se se pretender um plano mais ambicioso e dinâmico, então ele deve conter ainda a resposta à questão *para onde a comunidade educativa quer ir depois?*

Finalmente, em quarto lugar, e ainda em relação à escola como uma organização educativa, desta feita, comprometida com a educação cidadã, Duarte (2023), apresenta dez princípios essenciais de atuação organizacional.

1. *deverá integrar-se numa política educativa e curricular mais alargada, de democratização do sistema e de valorização da formação e ação cidadã dos estudantes;*
2. *necessita de dialogar com decisões curriculares nacionais;*
3. *reconhece o contributo, numa lógica de transdisciplinaridade, das várias componentes curriculares;*
4. *necessita de enquadrar nos projetos educativos, e demais documentos orientadores e/ou curriculares elaborados, como um eixo estruturante e prioritário de intervenção pedagógica;*
5. *destaca as lideranças pedagógicas e curriculares que contribuam para a construção de uma estratégia localmente pensada no domínio da formação cidadã;*
6. *pressupõe a possibilidade de os estudantes se assumirem como agentes escolares ativos, que têm a oportunidade de, autonomamente, participar nas dinâmicas de cada organização educativa e, também, intervir nas tomadas de decisão;*
7. *destaca processos de desenvolvimento curricular contextualizados e co-partilhados por todos os agentes educativos, para uma co-responsabilização dos docentes e dos alunos.*
8. *necessita de se desenvolver em interação com (e na) comunidade local.*
9. *destaca o currículo como uma construção dialética com os problemas sociais, locais e globais, e com a vida, real e concreta, de cada um dos alunos.*
10. *deverá favorecer práticas pedagógicas humanistas e humanizantes de cada um dos agentes educativos nela envolvidos. (pp. 204-226)*

Concordo com todos eles e reforço a importância que a escola deve ter na educação cidadã, de modo que as práticas de relacionamento e de atuação permitam aos seus membros a vinculação à comunidade e se pautem, acima de tudo, pelo interesse e bem coletivo, deixando-se para depois os interesses individuais, sem que estes sejam desconsiderados.

Se a escola, enquanto organização educativa, conseguir dar resposta ao acima enunciado, pela prioridade apresentada, então ela, também no domínio da cidadania, estará a dar resposta às necessidades próprias desta sociedade caracterizada por céleres transformações científicas, tecnológicas, culturais e ambientais que tantas vezes geram entropia aos sistemas educativos.

De facto, é importante acabar com atitudes daquelas que até me permitem relacionar com os meus *maus vizinhos*, mas só até ao ponto em que eles *pisam o risco*, aí, altera-se toda a forma *educada* com que com eles me relacionava... Este tipo de *educação* é a típica das sociedades massificadas que tende a criar pessoas herméticas em vez de personalidades livres, autênticas e com convicções próprias. Nesta linha de pensamento, Schlickmann (2007, p.127), refere

Suas convicções são a opinião pública, sua virtude os costumes comuns. Segundo as circunstâncias são honestos, entre pacíficos tranquilos; satisfeitos quando não lhes falta nada; bem comportados quando os outros se comportam bem para com eles – é este o verdadeiro “savoir vivre”, a verdadeira “arte de viver”, a verdadeira moral do mundo.

Assim, reconhecendo que o ser humano, como ser social que é, precisa da comunidade, então, considero que a melhor maneira de se combater a massificação é promovermos a já referida vinculação à comunidade, bem como a autodeterminação entendida como a capacidade individual de interpretação do próprio comportamento e dos próprios sentimentos.

1.5. O DIRETOR E A LIDERANÇA ADMINISTRATIVA

Quanto ao papel do diretor no domínio da liderança administrativa e pedagógica, este deve ter presente que a educação é um direito por si só e tem de ser a base para a realização de todos os outros.

Dou início ao tema neste subcapítulo, começando por abordar, sobretudo, a liderança administrativa, mas tendo sempre presente que esta afetarà direta ou indiretamente a liderança pedagógica, terminando então a minha reflexão com esta última no subcapítulo seguinte.

Temos também de ter sempre presente as influências externas sobre a ação do diretor, particular e infelizmente aquelas que advêm da economia de mercado.

Tradicionalmente, as comunidades escolares tendem a ver o diretor como líder do processo educacional nas respetivas organizações, mas há que contar com as ideologias do estado e das já referidas pressões económicas e monetárias, próprias de uma economia de mercado, do ponto de vista capitalista (Campos & Rolindo, 2021). Estes autores acrescentam

a partir das ideias inadequadas sobre liderança, que as comunidades aceitam, sem perceber, a invasão da escola pelo ideário empresarial, esperando da figura do diretor, um líder único, com poder de mando e sanção, que vai disciplinar, não apenas os alunos, mas também todo o processo educacional e administrativo das escolas, deixando para trás, os conceitos de democracia, participação e trabalho coletivo, para abraçar o conceito neoliberal de gestão escolar. (p. 6)

Naturalmente, todos e quaisquer condicionalismos e pressões internas e externas afetam direta ou indiretamente a ação do diretor que, também direta ou indiretamente terão reflexo na sua liderança (administrativa e pedagógica).

Relembro, novamente, o Decreto-Lei 75/2008, de 22 de abril, na sua atual redação, que identifica a necessidade de reforçar a autonomia e as aptidões de intervenção das lideranças escolares. Nesse âmbito, é criado então o cargo de Diretor que, embora coadjuvado por um subdiretor e um número reduzido de adjuntos (que depende da quantidade de alunos), constitui um cargo unipessoal, deixando de tratar-se de um órgão colegial, tal como o eram os anteriores Conselhos Diretivos e Conselhos Executivos.

Os novos desafios atribuídos a este cargo de gestão estão diretamente associados à autonomia, ao poder e às responsabilidades com que devem exercer as suas funções, sendo-lhes exigida qualificação em administração e gestão escolar para o seu exercício, adquirida quer pela formação qualificada para o efeito, quer pela experiência profissional.

A prestação de contas que a escola tem de fazer perante a comunidade, atrás referida, recai também, e desde logo, pela escolha estratégica do líder que a

comunidade educativa, representada no CG, deve fazer. O candidato a Diretor, entre outros documentos, apresenta ao CG um projeto de intervenção no AE/ENA que deve explicitar a missão, a visão e os valores da organização que pretende liderar, bem com conter um plano estratégico de atuação a curto, médio e longo prazo (metas).

A missão define o ponto de partida e reflete sobre a razão de existência da organização educativa, a visão espelha como tal organização quer ser reconhecida e aponta ao que se quer alcançar a médio e a longo prazo, indicando caminhos para tal e os valores são aqueles que o pretense líder vai fazer respeitar e cumprir, caso venha a ser eleito.

Uma vez eleito diretor, e apesar do cargo, como já referi, ser unipessoal, defendo que ele deve ser exercido com grande democraticidade e abertura à opinião dos outros membros da comunidade educativa.

A este respeito, Lima (2005) partilha-nos que:

... a democracia e a participação seriam tão indispensáveis à concretização de uma educação democrática quanto a educação democrática seria imprescindível à realização da democracia e da participação. Daqui resulta uma dimensão claramente educativa e pedagógica considerada de certo modo imanente, em termos normativos, a toda a prática democrática baseada na participação. A participação democrática representa, assim, não apenas a concretização de um direito, nem somente um processo para atingir deliberações democráticas, mas encerra ainda um valor intrínseco e substantivo, de nuclear significado pedagógico. (p. 76)

Sou, assim, de opinião que um Diretor será tanto melhor quanto a sua ausência menos se fizer sentir. Para tal, é necessário reunir-se de equipas que o ajudem e coadjuvem na resolução dos problemas e na sua ação, a começar, desde logo, pela equipa diretiva e pelas estruturas intermédias.

Para ilustrar esta ideia, recorro à minha experiência. De facto, esta é a posição que sempre assumi, a de delegar responsabilidades e a de promover tais delegações. Apresento como exemplo o processo de alinhamento da ESIC ao Quadro de Referência Europeu de Garantia da Qualidade para o Ensino e a Formação Profissionais (EQAVET) em que deleguei toda a responsabilidade do mesmo à minha subdiretora e à coordenadora dos cursos profissionais.

Enquanto diretor, tomei apenas a decisão de implementação EQAVET, em março de 2019, sendo depois apenas promotor do processo. De facto, e não apenas neste caso, todas as ações de desenvolvimento, monitorização e avaliação do mesmo ficaram a cargo da subdiretora e da coordenadora que conseguiram implementar um plano de enorme complexidade cujo cronograma apresento resumidamente de seguida:

- Abril de 2019 – Definição da equipa e da metodologia de trabalho;
- Setembro de 2019 – Criação do documento base e Divulgação e consciencialização do EQAVET;
- Outubro de 2019 – Envolvimento dos agentes da comunidade educativa;
- Novembro de 2019 – Implementação de Plano Formativo;
- Fevereiro de 2020 – Controlo/revisão documental e descrição de funções e mapa de Competências;
- Março de 2020 – Definição da metodologia de avaliação;
- Abril de 2020 – Recolha de indicadores/avaliações dos agentes da comunidade e análise e divulgação de resultados;
- Maio de 2020 – Procedimentos de revisão/melhoria continuada;
- Julho de 2020 – Auditoria externa;
- 16 de junho de 2021 – Auditoria interna (preparação da verificação final);
- 30 de junho de 2021 – Verificação final EQAVET.

Resta-me referir que terminei o meu mandato de Diretor em julho de 2021 e aprez-me salientar que a nova diretora da ESIC recebeu o selo de qualidade EQAVET por 3 anos (o máximo possível), em agosto de 2021.

Assim, compete ao Diretor tomar as decisões, administrativas e pedagógicas, mas elas devem, dentro do quadro legal e no meu entendimento, abarcar o maior número de consensos possíveis e simplificar a integração dos instrumentos de gestão estratégica para que eles sejam rapidamente percebidos pela comunidade educativa, proporcionando assim melhores condições de eficácia.

Mas, decorridos mais de quinze anos desde a publicação do Decreto-Lei 75/2008, questiono se os diretores dos AE/ENA têm efetivamente condições e estão a desenvolver a autonomia, a administração e a gestão dos estabelecimentos escolares, anunciada e pretendida, ou se as amarras provenientes das imposições e condicionalismos provenientes, quer da tutela, quer da sociedade em geral, os limitam

nas suas ações, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento do autoconhecimento e da autoaprendizagem dos alunos.

Como identificado, o Decreto-Lei 75/2008, na atual redação, pretende eficácia e eficiência do diretor. Atualmente, sou de opinião que deveria surgir um novo normativo (e não a sua quarta alteração) que dê resposta mais efetiva às solicitações da sociedade atual, já que o existente acaba por ser um documento suficientemente lato que muitas vezes visa sustentar os remedeios possíveis, em vez de ser uma verdadeira linha orientadora do regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação. Para tal é necessário, para além da *eficácia* e da *eficiência*, reforçar um planeamento estratégico no qual se defenda e sustente a *efetividade*, já que não há nada mais inútil do que fazer-se muita coisa e muito bem e depois tal não servir para nada.

Em 2011, Rego e Cunha, estruturam a sua obra *Liderança: A virtude está no meio* nos dezanove capítulos que a seguir se apresentam e que correspondem, segundo eles, às virtudes/forças que um líder deve sustentar. À frente das mesmas apresenta-se o significado que os autores lhes atribuem:

1. Perseverança – “Sou persistente na prossecução dos meus objetivos”;
2. Autoconfiança – “Acredito que sou capaz de alcançar os meus objetivos”;
3. Coragem – “Não me esmoreço nem me deixo acobardar perante os obstáculos e adversidades. Faço o que tem de ser feito”;
4. Otimismo – “Espero o melhor da vida, considerando que por trás das nuvens há sempre sol”;
5. Vitalidade – “Sou ativo e vivo a vida com entusiasmo”;
6. Vocação e paixão – “Sou apaixonado pelo que faço. Esta é a minha vocação”;
7. Curiosidade e amor pela aprendizagem – “Sou curioso e apaixonado pelo conhecimento”;
8. Gratidão – “Sou apaixonado pelas *graças* da vida, mesmo quando as coisas não correm à minha feição”;
9. Propósito e transcendência – “Sou apaixonado pela minha missão”;
10. Humor – “Sou apaixonado pelo lado divertido da vida, apesar das adversidades”;
11. Prudência – “Prezo a sensatez, pondero as consequências das minhas ações e palavras”;
12. Honestidade e integridade – “Sou honesto, apesar das tentações”;
13. Temperança – “Controlo os meus apetites e impulsos”;
14. Perdão – “Controlo os meus desejos de vingança”;

15. Humildade – “Tenho consciências das minhas limitações e evito alardear os meus êxitos, reais ou fantasiosos”;
16. Humanidade – “Prezo os meus semelhantes como seres social e emocionalmente válidos. Amo os outros, designadamente os meus colaboradores”;
17. Justiça – “Respeito os outros, procuro ser justo com todas as pessoas;
18. Inteligência Social – “Compreendo e sei gerir as minhas emoções e as dos outros, assim como os relacionamentos interpessoais. Possuo empatia”;
19. Autenticidade – “Sou transparente e autêntico, comigo próprio e na relação com os outros”.

Saliento e desenvolvo seguidamente a *perseverança*, a *autoconfiança*, a *gratidão*, o *perdão* e a *humildade*.

Para Rego e Cunha (2011) “A perseverança representa o meio-termo entre dois extremos. Num extremo, está a indolência, a preguiça e a hesitação. No outro extremo, situa-se a obstinação e a teimosia” (p.45). Neste, como em todos os domínios da ação pública, e não só, considero ser ajustada a expressão que faz parte do título da obra, aqui abordada, destes autores, *a virtude está no meio*. Sempre defendi que os problemas têm de ser logo enfrentados e nunca ignorados, de modo que não se avolumem. Ora, é pela perseverança que conseguimos ultrapassar, sobretudo, as grandes dificuldades.

Passando para a *autoconfiança*, este que foi um dos temas referidos na *Introdução* alvo de ser abordado sempre que oportuno, ela é, de facto, uma característica que um Diretor deve ter, pois com ela poderá, por um lado, transmitir confiança aos restantes membros da comunidade educativa no líder que têm, e, por outro, promover em cada um as suas iniciativas, a consecução dos seus objetivos (que devem ser os da escola) e a própria perseverança perante os obstáculos.

Quanto à *gratidão*, “Ao sentirem-se reconhecidos pelos seus líderes, os colaboradores sentem-se mais inspirados e empenhados no trabalho. Líderes gratos experimentam emoções mais positivas, contagiando assim positivamente as suas equipas, e tornando-as mais felizes e eficazes” (Rego & Cunha, 2011, p.114).

Relativamente ao perdão, não é um sinal de fraqueza, mas de poder que é próprio dos grandes líderes. Não sendo, por vezes, fácil de perdoar, não nos podemos esquecer que tal pode despoletar no *perdoado* a ignição e a motivação de poder continuar e melhorar a sua ação. Além disso, *errar é humano, só não erra quem nada faz* e quando um líder erra as consequências são normalmente mais nefastas! Assim, como acredito que *é no perdoar que se é perdoado*, considero que o perdão é também uma visão estratégica.

Finalmente, em relação à *humildade*, ela para mim constitui efetivamente uma virtude e não uma fraqueza como tantos apregoam aos quatro ventos. De facto, e como já atrás referido ao assumir as minhas limitações, mais facilmente as aceito nos outros, isto além de me permitir superá-las e não as esconder.

1.6. O DIRETOR NA LIDERANÇA PEDAGÓGICA

Quanto ao papel do diretor no domínio da liderança pedagógica, não posso deixar de referir o Decreto-Lei 21/2019, de 30 de janeiro, na atual redação, que vem concretizar o quadro de transferência de competências para os órgãos municipais e para as entidades intermunicipais no domínio da educação.

Este diploma legal, precedido pelo Decreto-Lei n.º 144/2008, de 28 de julho (contrato de execução) e pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro (contrato interadministrativo), surge sustentado, a meu ver, num excelente propósito que é o de libertar os diretores dos AE/ENA de determinados procedimentos no domínio da gestão administrativa que, pela sua enorme complexidade, lhes exige dispêndio de demasiado tempo e *energia*, como, por exemplo, o recrutamento e seleção do PND, a contratação pública, a manutenção e o equipamento do edificado, a realização de investimentos e o transporte escolar.

Deste modo, os diretores poder-se-iam concentrar mais no domínio da gestão pedagógica que é aquela para a qual a maioria dos diretores estão mais vocacionados e que a comunidade educativa tradicionalmente mais respostas espera deles.

No entanto, o Decreto-Lei 21/2019, de 30 de janeiro, na sua redação atual, abre a porta para que todas as competências nele previstas a serem exercidas pela câmara municipal, podem ser delegadas no diretor do AE/ENA. Nos casos em que isso aconteceu, houve diretores que anuíram tal decisão camarária, mas muitos outros com ela não concordaram.

No meu entendimento, quando tal acontece, cai por terra o referido e desejado propósito de concentrar os diretores nas questões pedagógicas. Muito no âmbito da sua ação pedagógica e relativamente à influência que a liderança do Diretor tem no sucesso educativo dos alunos, Pina (2015) refere que

podemos afirmar que existe uma relação, recíproca, entre a liderança do diretor e os resultados escolares dos alunos. A liderança do diretor afeta indiretamente os resultados escolares através das variáveis mediadoras, principalmente as que mais influenciam o trabalho dos professores, (...). Não encontramos no nosso estudo uma relação direta entre a liderança e os resultados escolares dos alunos. Por sua vez os resultados escolares influenciam diretamente as práticas de liderança do diretor, nomeadamente na distribuição de serviço, principalmente nas disciplinas de exame e na elaboração de horários. (p. 328)

Mesmo que indiretamente, o diretor pode influenciar não só os resultados dos alunos como também a evolução de toda a organização educativa. Por outro lado, concordo plenamente com o estudo no que respeita à influência dos resultados dos alunos sobre a liderança do diretor.

Importa, aqui, salientar a ação do Diretor enquanto presidente do CP e acrescentar, ao já referido a este respeito, que embora este órgão seja meramente consultivo, deve ser dada efetivamente a devida importância às lideranças das estruturas intermédias como sejam os coordenadores de estabelecimento, os coordenadores de departamento, os coordenadores de Cidadania e Desenvolvimento e os coordenadores dos DT. Todos eles desempenham um papel pedagógico e (cada vez mais) administrativo muito importante.

A atribuição dessa importância dá-se no saber ouvir as suas opiniões antes das tomadas de decisão dos diretores e nunca na imposição pura e simples destas ou, pior ainda, fazer-se de conta que se ouvem as opiniões das estruturas intermédias e depois,

por teimosia, decide-se em sentido contrário e os seus pontos de vista não se espelham nas decisões tomadas.

Assim, e de acordo com o projeto de intervenção que elaborei para a ESIC, o diretor na consecução da sua liderança, quer pedagógica, quer administrativa, deve:

- investir numa estratégia verdadeiramente colaborativa, de confiança e de vinculação de todos à comunidade e às decisões que nela se tomam, ao invés de chamarem a si todos os dossiês, decidirem sobre eles e comunicarem-nas às *chefias* intermédias, *a posteriori*, para estas se limitarem a transmiti-las à restante comunidade educativa;
- ter discernimento no sentido de conseguir sair dele próprio para se aproximar dos outros. Este discernimento deve ser lento, embora, por vezes, seja necessário *arrepiar caminho* para se responder a determinadas urgências;
- adequar a necessária programação com a desejável realização, pois a comunidade educativa faz-se nas coisas que realiza;
- fazer muitas coisas na comunidade sem deixar de ter noção das coisas que se lá fazem;
- edificar a comunidade educativa saindo, ou seja, partir do interior (é lá que se *fundem os corações*) e, caminhando, percorrermos até ao exterior, dando respostas;
- comunicar com fundamento e legitimidade;
- Implementar dinâmicas de corresponsabilidade;
- liderar pelo serviço e ao serviço da comunidade educativa;
- passar do formal para o pessoal, cada um pelo seu nome e não em *massa*, sem identidade;
- dizer o que pensa e fazer o que faz;
- optar, se necessário for, pela qualidade em vez da quantidade, pelo fazer bem em detrimento de fazer muito e depressa (*depressa e bem não há quem* ou *Roma e Pavia não se fizeram num dia*);
- Praticar uma gestão democrática, independente, orientadora e transparente (*mais vale sê-lo do que parecê-lo*);
- Promover práticas de autorregulação e de autoavaliação (*quem te avisa teu amigo é*).

Para finalizar, e uma vez mais tendo em conta o estipulado no projeto de intervenção acima referido, reitero toda a importância do papel do diretor, quer no domínio da liderança administrativa, quer da liderança pedagógica, reforçando a ideia de que tais lideranças sairão reforçadas e terão o devido impacto nos resultados quer dos alunos, quer da organização, na medida em que, salvaguardadas as necessárias adaptações à organização educativa em causa, elas incluam as seguintes referências:

- Na missão – o aluno é o princípio e o fim de todas as ações ao qual cabe o protagonismo de mobilizar e promover de forma sustentável os seus recursos, bem como os envolventes, tendo em vista uma formação em plenitude ao nível do saber, do saber fazer e do saber estar;
- Na visão – promoção do autoconhecimento e da autoaprendizagem, no sentido da formação integral e sustentável de cidadãos responsáveis, autónomos, genuínos e livres, capazes de pensar e decidir por si próprios, desenvolvendo simultaneamente competências que lhes permitam executar tais decisões;
- Nos valores – responsabilidade, rigor, exigência, solidariedade, tolerância, liberdade, respeito (por si e pelos outros), partilha e vinculação à comunidade.

1.7. MUDANÇA DE PARADIGMA

Como referido na *Introdução*, enquanto diretor da ESIC, senti muitas vezes dificuldades no respeito pela autonomia dos alunos, nomeadamente, em trabalhar o seu autoconhecimento e em desenvolver a sua autoaprendizagem, práticas próprias de um modelo pedagógico autoestruturado.

Este modelo é centrado no aluno e, no que ao seu desenvolvimento curricular diz respeito, é aberto, criativo, admitindo a improvisação e promovendo a seleção e organização dos alunos segundo os seus interesses e disposições.

Constatei ainda, enquanto diretor, a preponderância de outros dois modelos:

- O modelo intermédio, o interestruturado em que o polo é centrado na interação professor/aluno e com um desenvolvimento curricular aberto e flexível que potencializa projetos de trabalho e de investigação;
- O modelo pedagógico heteroestruturado que está centrado no professor, sendo o desenvolvimento curricular do mesmo fechado, disciplinar e burocrático.

A extensão da escolaridade obrigatória, a massificação do ensino e a permanência na escola de um número elevado de alunos cujas motivações, expectativas e competências, por vezes, não são convergentes com as dinâmicas tradicionais da vida escolar, a par das transformações sociais e culturais (crescente heterogeneidade e multiculturalidade da população de alunos), bem como uma insuficiente resposta da tutela no ensino profissional, contribuíram para mudar os comportamentos na escola,

tendo surgido novas atitudes e valores que tornaram mais difícil o trabalho de toda a comunidade educativa na prossecução do processo socializador da escola.

As mudanças ocorridas ao nível dos modelos pedagógicos foram, naturalmente, acompanhadas por uma evolução gradual de paradigma à altura dos normativos, desde a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) até aos mais recentes Decreto-Lei 54/2018 e Decreto-Lei 55/2018, ambos de 6 de julho, que apontam para o passar de um ensino centrado no professor (modelo heteroestruturado) para uma aprendizagem mais focada nos alunos e nas suas necessidades (modelos interestruturado e autoestruturado).

Esta mudança foi, naturalmente, acompanhada também ao nível das pedagogias e das práticas em que se tentou proceder à inversão pedagógica amplamente divulgada numa Escola apelidada de tradicional (heteroestruturada), surgida no longínquo séc. XVII, transformando o objeto da educação no seu sujeito, bem ao jeito do movimento que despoletou no final do sec. XIX e se afirmou na primeira metade do séc. XX, conhecido por Escola Nova (autoestruturada), que preconiza o desenvolvimento da autonomia do educando e nele se confia a responsabilidade pela sua própria aprendizagem, numa fase da vida em que o aluno era considerado imaturo, logo incapaz de desvendar o seu autoconhecimento e assumir a sua autoaprendizagem.

Tivemos como apoiantes deste movimento (Escola Nova), entre outros, Neil, Montessori e Claparède que preconizaram pedagogias não diretivas de matriz Rousseauiana. A Escola Construtivista (interestruturada) assumiu também enorme protagonismo na mudança acima referida, tendo surgido com Piaget na segunda metade do séc. XX.

2. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Os primeiros registos de *ciência* surgiram na Antiga Grécia. Platão (428 a.C.-347 a.C.) acreditava na exatidão da ciência e que a existência das verdades universais não dependia da percepção dos sentidos. Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discípulo de Platão, relevou a importância dos sentidos para se alcançar o *conhecimento verdadeiro*.

Numa visão mais contemporânea, o método científico assentava numa perspectiva mais quantitativa e era tido como um conjunto de etapas cuja sequencialidade levam à obtenção de conhecimentos verdadeiros, válidos e que podem ser confiáveis. Tais etapas eram:

- Observação;
- Hipótese
- Experimentação;
- Aceitação da hipótese, o que leva ao estabelecimento da Lei.
ou
- Rejeição da hipótese, o que leva à formulação de nova(s) hipótese(s) e o procedimento sucede-se.

Ao longo dos tempos, e também com a preciosa contribuição dos *pensadores da ciência*, o método científico evoluiu, o que permitiu o surgimento de uma visão mais qualitativa nas investigações, tendo incorporado novas etapas que serão desenvolvidas neste trabalho e cuja explicação será dada mais à frente, no subcapítulo 2. 2..

Relativamente a esta evolução e ao paradigma dominante, Sousa Santos (2005) partilha-nos que

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (pp.20-21)

Segundo este autor, esta nova racionalidade científica, trata-se de um modelo totalitário, já que não aceita o conhecimento que é produzido segundo as suas regras metodológicas e que não esteja assente nos seus princípios epistemológicos. Aliás, isto é o que principalmente caracteriza este modelo global e o que melhor exprime o rompimento do novo paradigma científico com os anteriores. No entanto, e ainda segundo o autor, não faz muito sentido a distinção entre ciências naturais e ciências sociais, afirmando que estas últimas não trouxeram com elas uma metodologia própria, tendo a sua investigação imitado as práticas das primeiras.

A este respeito, Estrela (2011), acrescenta

Podemos inferir a atitude de indiferença por parte de muitos investigadores das “ciências duras”, sem grande prejuízo para os seus trabalhos, o mesmo se não poderá dizer dos investigadores das ciências sociais. Eles dificilmente poderão ficar indiferentes à reflexão epistemológica por várias razões, das quais a menor não é certamente o facto de o seu objeto de estudo visar o ser humano com o qual interage influenciando-o e sendo por ele influenciado. Por isso, torna-se fácil a radicalização que estão na base da chamada crise epistemológica da ciência e a sua extrapolação para as ciências humanas, levando à contestação dos princípios de neutralidade do investigador e, conseqüentemente, da sua objetividade e da possibilidade de produção de um conhecimento desinteressado e dotado de valor universal. Essa contestação traduz-se num novo pensamento epistemológico concretizado em diversas correntes (p.196)

Para esta autora, a tensão acima citada provocou grandes mudanças metodológicas nas ciências sociais, o que não se verificou naquela a que se referiu de “ciências duras”, que mais não são as ciências naturais que recorrem à experimentação e à matemática, na construção do conhecimento produzido. Ela continua associando o significativo desenvolvimento das metodologias qualitativas ao aparecimento das novas correntes epistemológicas, constituindo tais metodologias o mesmo denominador comum entre os investigadores antipositivistas, que, rejeitando o empirismo, vieram evidenciar as diferenças entre as ciências sociais e as ciências naturais.

Já antes, Estrela (2007), havia referido em relação ao ideal de ciência, assente na procura da verdade que se pretendia universal, prosseguido no paradigma positivista que

As tentativas de criação de uma ciência de educação no século XIX e princípios do século XX, com esta ou outra designação, tiveram origem num clima de cientismo triunfante, assente na confiança da razão para conhecer, prever e prover. As

décadas 60/70 no campo da investigação educacional representam o apogeu dessa confiança, mas simultaneamente o início do seu declínio. (p. 19)

Num sentido contrário, a simplicidade e a eficácia das Leis de Newton, converteram “a ciência moderna no modelo de racionalidade hegemónica que a pouco e pouco transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade. Tal como foi possível descobrir as leis da natureza, seria igualmente possível descobrir as leis da sociedade” (Sousa Santos, 2008, p.32).

A propósito da metodologia e epistemologia das Ciências Educacionais estarem alicerçadas nas que estão associadas às Ciências Físicas e Naturais, Duarte (2021), refere que

Consolidou-se a ideia de que a investigação educativa deveria mobilizar os mesmos crivos (ou standards) provenientes dessas ciências, tidos como os mais adequados e universalmente aceites. Por conseguinte, a ortodoxia da racionalidade hipotético-dedutiva tornou-se hegemónica. As tradições de uma reflexão influenciada pelo pensamento filosófico, na sua dimensão antropológica e metafísica, por exemplo, deram lugar a uma racionalidade que visava a neutralidade e objetividade, isto é, o método científico tradicional. (p. 122)

Relativamente a esta hegemonia, Sousa Santos, 2014, diz-nos

Como geralmente acontece em relação a qualquer hegemonia, a hegemonia da ciência estende-se além da ciência, sujeitando a filosofia, a teologia e as humanidades em geral a um processo de cientificização com tantas formas múltiplas como as múltiplas faces do positivismo. (p.171)

Ainda em 2021, Duarte refere cinco características que enquadram metodológica e conceptualmente este paradigma:

- identificação de leis universais;
- redução da complexidade;
- limitação dos enquadramentos operacionais;
- centralidade do quantificável;
- neutralidade e tecnicismo do investigador

Mais tarde, em 2023, Duarte, volta a destacar estas cinco características que possibilitam enquadrar o paradigma relatado:

- neutralidade e objetividade do investigador;
- centralidade na definição de verdades regulares, objetivas e universalizáveis;
- fragmentação e redução da complexidade da realidade em estudo;
- vocação extrativa, reducionista e quantitativa dos estudos;
- legitimação de estratégias metodológicas específicas.

Recordo com nostalgia que já nos primórdios da minha atividade de docente profissionalizado de Físico-Química, no início da década de 90, recém-formado, começava por explicar o método científico aos meus alunos (na época, os discentes iniciavam o estudo das ciências físico-químicas no 8º ano de escolaridade), fazendo uma analogia com um menino que estava a atirar pedras para um rio e que se intrigou ao ver uma tábua de madeira a flutuar, lavada pela corrente da água que passava, formulando a seguinte questão: *Porque é que alguns objetos flutuam e outros não?*

Eu começava por dizer que aquela criança tinha espírito científico, pois a sua curiosidade levou-a a interessar-se por perceber melhor o fenómeno da flutuabilidade dos corpos.

Nesta altura, já com toda a atenção dos meus discentes, continuava a história acrescentando que a criança tinha formulado uma hipótese para explicar o problema, que foi: *Os objetos retangulares flutuam e os de forma irregular não.*

Os alunos rapidamente percebiam que aquela explicação não era válida. Então eu continuava a história sem deixar de enaltecer o espírito científico do menino que não se contentou com a sua primeira hipótese e foi testá-la/experimentá-la, arranjando para o efeito, dois objetos retangulares, um de madeira e outro de metal, atirando ambos para o rio. Acrescentava, então que, deste modo, a criança chegou à conclusão de que a sua hipótese não era válida, aproveitando para dizer aos alunos que o rio tinha sido para a criança aquilo que o espaço onde eles estavam a assistir à aula iria ser para eles – o laboratório.

Referindo-me a outra característica dos cientistas, a perseverança, continuava referindo que a criança teve de refutar a sua primeira hipótese e formular outra que, por acaso, foi: *Os objetos de madeira flutuam e os outros não.*

Nesta altura, os alunos mais expeditos costumavam logo dizer que a explicação para o problema estava no peso, ou seja, os objetos mais pesados é que flutuam. Aqui eu dava-lhes algum tempo para pensarem se o peso/massa poderia ser a explicação... normalmente, havia sempre alguém que se lembrava dos navios para também essa hipótese ser abandonada.

Para abreviar a narração, lá lhes ia dizendo que um dia, aquele menino haveria de chegar à conclusão que os corpos menos densos flutuam nos mais densos, e essa sim, seria uma hipótese validada experimentalmente, passível de se transformar em Lei.

Naturalmente que não perdia a oportunidade de distinguir as grandezas peso e massa, bem como de lhes introduzir, se bem que de forma muito sucinta, o conceito de impulsão de Arquimedes que é outra forma de explicar a flutuabilidade (matéria dada apenas no 9º ano de escolaridade), evidenciando-lhe—desta forma que a ciência é evolutiva.

Na verdade, tudo evolui e não só as ciências!

Não podemos é reivindicar o pessimismo e a passividade do *Velho do Restelo*, antes estar abertos e acompanhar de forma crítica, mas sempre no respeito dos outros e pelas suas opiniões, as mudanças tão características deste nosso mundo em constante transformação.

É certo que o *caminho* para as ciências da educação, como para qualquer outra ciência, não deve ser o de *importar receitas*, mas sim de descobrir e traçar o seu próprio rumo.

O capítulo 2 está organizado em diferentes secções que esclarecem as etapas e decisões metodológicas tomadas ao longo do processo de investigação. Assim, o

capítulo inclui: 2.1. Objetivos de Investigação, onde se apresenta a questão de partida e se descrevem os propósitos que orientam o estudo; 2.2. Opções Metodológicas, tratando as abordagens e metodologias escolhidas; 2.3. Etapas, Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados, que detalham as ferramentas aplicadas para a obtenção de dados relevantes; e 2.4. Critérios de Validade Considerados, explicitando as práticas de validação que garantem a credibilidade dos resultados obtidos.

2.1. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Apresento de seguida aquela que é a primeira etapa do procedimento que esta investigação pretende seguir e que é dar resposta à seguinte **questão de partida**:

- Qual a relevância que os Diretores dos AE/ENA, afetos à Direção de Serviços da Região Norte (DSRN) da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), atribuem ao desenvolvimento do autoconhecimento e das práticas de autoaprendizagem dos estudantes, nas unidades orgânicas que dirigem?

Na sequência da escolha desta questão de investigação, defini os seguintes objetivos:

1. Aferir do interesse dos diretores em trabalhar o autoconhecimento dos alunos, em cada organização escolar.
 - 1.1. Analisar a valia, de acordo com a perspetiva dos diretores, do autoconhecimento quando associado aos estudantes;
 - 1.2. Identificar os condicionalismos que, de acordo com os diretores, favorecem práticas promotoras de autoconhecimento;
 - 1.3. Avaliar a importância do autoconhecimento na formação integral dos discentes, de acordo com a perspetiva dos diretores.
2. Compreender a motivação dos diretores à promoção de práticas facilitadoras de autoaprendizagem dos estudantes na unidade orgânica que dirigem.
 - 2.1. Traçar a perspetiva dos diretores sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares;

- 2.2. Identificar os conceitos que os diretores mais associam às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes;
- 2.3. Ponderar as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos, de acordo com a perspectiva dos diretores.

Por forma a ser possível convergir com os objetivos definidos, de modo a procurar responder à questão estabelecida, optei por um desenho metodológico concreto, que explicitarei no subcapítulo seguinte.

2.2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para Barañano (2008) “Ciência é o conjunto de conhecimentos precisos e metodologicamente ordenados em relação a um determinado domínio do saber. É o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Assim, pode-se dizer que a matéria-prima da ciência é o conhecimento” (p.19). Ainda segundo esta autora, o conhecimento científico deve ser racional, objetivo, analítico, explicativo, verificável, dependente da investigação metódica, sistemático, busca e aplica leis, pode fazer previsões, comunicável, aberto e útil. Ele depende ainda de uma investigação metódica que, por um lado, tem em conta investigações anteriores e, por outro, o respetivo processo de investigação desenvolve-se segundo etapas e está sujeito a técnicas cuja aplicação dá resposta ao método pré-determinado.

A investigação científica desenvolve-se através de ações que tendem responder de forma fundamentada aos problemas, e caracteriza-se, em geral, por recorrer a conceitos, teorias, técnicas e instrumentos para solucionarem as interrogações que surgem no âmbito do trabalho. Assim, a investigação científica é um processo de construção de conhecimentos, consistindo num método de aquisição de conhecimentos através de uma metodologia sistemática de recolha de dados que permite encontrar soluções para as questões que vão surgindo no decurso da investigação (Reis, 2022).

A este propósito, Campehout e colaboradores (2019, p.28) destacam que o trabalho científico pode ser entendido como

Um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo. Cada investigação é uma experiência única, um processo de descoberta que se desenvolve num contexto particular ao longo do qual o investigador encontra limitações, tem de ser flexível na adaptação a situações inicialmente imprevistas e é levado a fazer escolhas que acabarão por influenciar o seguimento do trabalho. No entanto, não se pode proceder de qualquer maneira, seguindo apenas a própria intuição ou as oportunidades do momento. A partir do instante em que se inicia uma investigação em ciências sociais, é necessário «método».

Refiro-me de seguida a uma dimensão de muitíssima importância e que deve acompanhar sempre, quer o trabalho científico, quer qualquer outro que é a ética. De facto, todos nos devemos reger individual, social e profissionalmente em códigos deontológicos que têm de respeitados.

Sobre o assunto, Duarte (2023) esclarece-nos que “A investigação em educação, nomeadamente os trabalhos centrados no estudo das organizações educativas, pressupõe, de modo articulado e complementar, um compromisso ético a partir do qual os investigadores desenham e realizam os seus projetos e um compromisso com o próprio conhecimento que é construído ou reconstruído” (p.99).

Mais à frente, o autor acrescenta

devido à natureza do trabalho científico, não é viável estabelecer desenhos de investigação dissociados de quaisquer referenciais epistemológicos ou éticos. Ainda que possam ser um exercício de criatividade, o trabalho científico impõe-nos um conjunto de desafios particulares, exatamente para garantirmos que respeitamos o compromisso com a ética e com o próprio conhecimento. (Duarte, 2023, p.126)

Com este estudo, pretendo a obtenção de informações para serem analisadas tendo em vista a definição de resultados que permitam aos diretores uma melhor consciencialização do problema/questão de partida, ajudando-os na efetiva implementação do autoconhecimento e da autoaprendizagem.

Ele insere-se num estudo de caso, já que ele visa uma classe profissional bem concreta que atua em contextos reais. A sua valorização, nomeadamente no ramo educacional, tem vindo a ser cada vez mais acentuada. A este respeito, Duarte (2023) diz-nos ainda que “a ideia de que os estudos de caso corresponderiam a trabalhos de menor importância científica ou de maior facilidade investigativa tem-se esbatido, sobressaindo a sua complexidade e, também, diversidade” (p.99). Para Reis (2022), “Um

estudo de caso é uma forma de se fazer trabalho empírico ao investigar um fenómeno atual dentro do seu contexto real, onde as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (p. 116).

Desta forma, este estudo de caso pretende constituir também um momento de reflexão aos diretores a cuja classe profissional eu já pertenci e grandes dificuldades então senti ao tentar desenvolver o autoconhecimento e a autoaprendizagem na minha escola e prossupõe a apresentação rigorosa de elementos do problema empíricos assente nas evidências quantitativas e qualitativas das respostas dos diretores, respetivamente, fechadas e abertas.

Embora este estudo de caso não seja generalizável à população dos diretores (generalização estatística), pretendo que ele se possa transformar numa proposição teórica (generalização teórica) que depois lhes poderá ser divulgada.

Consciente de que o conhecimento adquirido pela prática, enquanto diretor, e o já admitido interesse no desenvolvimento dos temas podem ser importantes na prossecução da investigação, está, contudo, subjacente algum envolvimento pessoal, pelo que é muito importante “o esforço para evitar formulações tendenciosas da pergunta de partida e as discussões que podem existir sobre esse assunto podem contribuir eficazmente para nos distanciarmos de ideias preconcebidas ou más ideias” (Campenhout et al., 2019, p.58). Assim, apesar do normal envolvimento, terei o cuidado com as conceções alternativas que tenho sobre o assunto.

Relativamente à metodologia, no sentido da maior e melhor informação recolhida e já que a investigação educativa é uma investigação do *porquê*, ela carece de uma multiplicidade metodológica, em vez de recorrer apenas a uma metodologia (Pacheco, 2005). Bogdan e Biklen (1994), a este respeito e na primeira das nove questões frequentes sobre a investigação qualitativa, questionavam “Será possível a utilização conjunta das abordagens qualitativa e quantitativa?” (p.63). Ainda em 1994, os referidos autores, ao problematizar algumas questões estruturantes da investigação

qualitativa, procuram esclarecer alguns aspetos relevantes e distingui-la da quantitativa. Apesar de começarem por afirmar que não é prudente integrar componentes quantitativas e qualitativas, sob pena de comprometer a qualidade do estudo, acabam por admiti-la, sendo frequente encontrar investigações que recorrem simultaneamente a métodos quantitativos e qualitativos, para serem mais completas e proporcionarem um estudo mais alargado.

O presente projeto integra-se num estudo empírico que se realizou no âmbito do Mestrado em Administração das Organizações Educativas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e que pretende, como já antes referido, analisar a relevância que os Diretores dos AE/ENA, afetos à DSRN da DGEstE, atribuem ao desenvolvimento do autoconhecimento e das práticas de autoaprendizagem nas unidades orgânicas que dirigem.

Pretendo que este estudo seja válido e pautada por valores éticos, pelo que me proponho fazer uma constante autorreflexão sobre a minha atuação enquanto investigador, quer na relação com os diretores, quer no envolvimento na recolha de dados.

Como já foi referido, atualmente, há maior valorização dos métodos mistos, como uma opção metodológica, pelo que neste projeto será desenvolvida uma metodologia de natureza mista, isto é, qualitativa e quantitativa, já que acredito que não há métodos ideais, existem sim erros naturais, próprios de qualquer investigação científica e que tentarei atenuar.

2.3. ÉTAPAS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Começo por apresentar as etapas e técnicas do procedimento científico que abordarei. No entanto, chamo à atenção que a sequencialidade apresentada pode ser

alterada, isto pelo dinamismo que pretendo inculir na investigação, bem como pela interação natural que surgirá entre as diferentes etapas no desenvolvimento do projeto:

Pergunta inicial – é a questão que possibilita ao investigador iniciar o seu trabalho constituindo o primeiro fio condutor deste (Campenhout et al., 2019). Ela deve ser clara, pertinente e resumir o que se quer descobrir e esclarecer e que tal seja realmente possível. É o primeiro passo necessário à investigação. Tal como todo o projeto de investigação que é evolutivo, ela não é definitiva, pois trata-se de uma questão que poderá/ deverá ser reformulada na etapa exploratória de acordo com a disponibilidade de novos recursos, informações ou fontes.

Exploração – técnica que permite a obtenção de informações que nos auxiliam a definir e delinear a problematização da temática escolhida através de leituras, bem como iniciar o contacto com sujeitos envolvidos na realidade estudada. Saliento aqui a importância que a leitura tem nos métodos exploratórios e que para delas tirarmos o máximo partido, elas devem ser acompanhadas de notas, grelhas e/ou resumos.

Problematização – trata-se de pôr em ordem, com base na informação recolhida, os diferentes panoramas dentro do(s) tema(s) que foi(ram) escolhido(s) como objeto. É aqui que se faz o balanço de toda a informação recolhida, se identificam as possíveis problemáticas e a questão de partida é, eventualmente, reformulada. A investigação movimenta-se alternadamente entre a teoria (bibliografia, reflexão, análise...) e o trabalho empírico (observação, leituras, questionários...). Opta-se pela problemática definindo/ formulando: o objeto de análise, o quadro teórico a utilizar, o fio condutor a seguir, bem como as hipóteses que permitam a recolha de informação.

Observação/Trabalho de campo/Experimentação – Segundo Campenhout et al. (2019), a observação é uma etapa crucial em todas as investigações em ciências sociais. É um processo considerado empírico, já que pressupõe sempre uma investigação com base na recolha e análise de material «concreto». Dos vários instrumentos de recolha de dados empíricos, optei pelo inquérito por questionário, assunto em destaque no subcapítulo 2.3. e cuja exploração ocorrerá no capítulo 3.

Análise – técnica pela qual se decompõe o todo nas suas partes a fim de que estas sejam mais bem analisadas. Para Barañano (2008), “A análise pode ser experimental, ou seja, aplicável a factos concretos; ou racional, quando consiste na redução da questão proposta a outra mais simples cuja resolução já seja conhecida” (p.24). Assim, a análise deve descortinar cada um dos elementos componentes de um todo, partindo dos primeiros para chegar ao último, através da técnica seguinte.

Síntese – Consiste no contrário da análise, isto é, com esta técnica permite-nos a reconstrução do todo que foi antes decomposto pela análise. Ainda segundo Barañano (2008, p.24)

... a síntese também pode ser experimental, quando aplicável a factos concretos, ou racional, quando parte de um princípio mais evidente passando de consequência em consequência até à solução. Recorre-se, portanto, à dedução. A síntese, que deve proceder gradualmente, tem de partir dos elementos separados pela análise, sem omitir nenhum, para reconstruir o composto total.

Tratamento de dados – etapa na qual se torna a informação recolhida (teórica e empírica) em informação relevante para responder às questões e hipóteses anteriormente formuladas. Relembrando o que atrás referi, o objetivo de uma investigação é dar resposta à questão de partida que deverá ter evoluído ao longo do processo. Assim, o investigador formula hipóteses e faz as observações por estas exigidas. De seguida há que verificar se as informações recolhidas correspondem efetivamente às questões previamente avançadas, isto é, se os resultados observados são coerentes com os esperados pela hipótese e correspondem à questão inicial da investigação, bem como aos seus objetivos.

Considerações finais – Esta derradeira etapa reveste de enorme importância, já que deve, de forma sintética, ultimar de modo particular a etapa anterior - *Tratamento de dados*, bem como, genericamente todas as outras, pela qual passou a investigação. Nela, retiram-se as conclusões sobre as análises efetuadas (Hill, 2016) e se o leitor optar por a ler em primeiro lugar, deverá aferir do interesse que a investigação tem para si e decidirá se lê ou não todo o trabalho (Campenhout et al., 2019). Não deve constituir apenas uma simples descrição das questões tratadas, mas, sobretudo, resumir o ponto

central da argumentação, bem como os resultados a que se chegou durante a investigação (Barañano, 2008).

Reis (2022), a este respeito, refere que

A conclusão do trabalho é formada pela síntese da interpretação dos resultados.

Após descrita a conclusão é usual acrescentar o contributo do trabalho para o progresso do conhecimento, enunciar as limitações que surgiram na elaboração da investigação, e elaborar algumas sugestões para futuras investigações. (p. 120)

Para Barañano (2008) “A aplicação do método científico não é igual em todas as ciências, daí a múltipla variedade de técnicas existentes.” (p.23).

Duarte (2023), evidencia cinco técnicas de recolha de dados, embora deixe bem claro que elas não representam a totalidade de opções possíveis, e que são: a observação, a análise documental, o inquérito por questionário, o inquérito por entrevista e as narrativas biográficas e histórias de vida.

Para Campenhout e colaboradores (2019), um inquérito por questionário consiste em fazer um determinado número de perguntas a uma determinada amostra sobre a sua situação profissional, as suas opiniões e expetativas, o seu nível de conhecimentos ou de consciência sobre de um problema ou ainda sobre qualquer ponto de interesse do investigador. O inquérito por questionário tem por objetivo conseguir esclarecer acerca dos pareceres, expetativas e conveniências relativas às questões e objetivos da investigação e a sua conceção realiza-se a partir da definição do problema e no quadro teórico de referência (Barañano, 2008).

Pretendo que este estudo seja, tanto quanto possível, original e se revista de interesse, quer para o universo que vai ser objeto de estudo (diretores de AE/ENA), quer para a própria comunidade científica. Assim, ao invés da utilização de dados secundários, obtidos por outros investigadores, por exemplo, a partir de estatísticas já existentes, recolherei os meus próprios dados primários conseguidos também eles em fontes primárias.

Para o presente estudo, optei, sobretudo, pela observação indireta, nomeadamente pela aplicação de um inquérito por questionário misto aos diretores dos AE/ENA, com questões fechadas e questões de resposta aberta. As questões de múltipla escolha, num total de treze (13), são de seleção única, sendo selecionável apenas uma resposta da lista de quatro opções apresentadas. As questões abertas, num total de seis (6), visam acolher respostas singulares a cada experiência, de forma transparente.

Tal questionário encontra-se disponível em apêndice (cf. Apêndice 1.), e foi enviado a uma amostra de 148 diretores(as) de 290 possíveis (51,0 %) e que são a totalidade dos diretores(as) afetos à DSRN da DGEstE, não sem antes lhes ter auscultado, via SMS, se aceitavam participar no inquérito (cf. Apêndice 2.).

Tratou-se de uma amostra por conveniência e correspondeu a contactos prévios com diretores(as). O questionário foi disseminado através do envio do *link* de acesso ao formulário, via correio eletrónico (cf. apêndice 3.), tendo respondido 93 diretores (62,8 %), entre 11/10/2024 e 13/11/2024.

2.4. CRITÉRIOS DE VALIDADE CONSIDERADOS

Durante uma investigação, Cohen, Manion e Moririson (2018), consideram as seguintes “práticas a evitar”:

1. Adulterar os dados, a análise ou apresentação;
2. Selecionar ou sub-representar os dados ou conclusões;
3. Fazer recomendações que não emergem do material empírico;
4. Usar a investigação para objetivos pessoais;
5. Desenvolver um trabalho que contribua para estigmatizar os grupos envolvidos;
6. Tratar os participantes meramente como objetos de investigação;
7. Trair a confiança das pessoas envolvidas ou enganar os participantes;
8. Envolver pessoas sem o seu consentimento ou de forma coerciva;
9. Enganar os participantes;
10. Invadir e/ou não preservar a privacidade dos envolvidos;
11. Induzir stress, a diminuição da autoestima, mal-físico ou similares;
12. Limitar os participantes a certos benefícios;
13. Não tratar os participantes de forma justa, consciente e/ou respeitosa.

Durante esta pesquisa tive o cuidado em observar cada uma destas recomendações, exemplificando, de seguida, o procedimento tido no caso da 8ª delas: o envio aos diretores do *link* de acesso ao formulário só ocorreu após lhes ter ligado diretamente e/ou enviado uma mensagem curta - *Short Message Service* (SMS) a questionar sobre a sua disponibilidade em responder ao inquérito.

Por outro lado, e de uma forma mais operacional, Merriam e Tisdell (2016) indicam as seguintes práticas a considerar:

1. Explicar o propósito e métodos da investigação;
2. Promover a reciprocidade;
3. Respeitar os compromissos assumidos;
4. Avaliar os riscos;
5. Garantir a confidencialidade;
6. Garantir o consentimento informado;
7. Transparência dos dados;
8. Respeitar o estado mental dos participantes;
9. Ter aconselhamento ético em relação ao estudo;
10. Reconhecer os limites da recolha de dados;
11. Estabelecer um posicionamento ético em relação às metodologias;
12. Discutir o enquadramento legal em relação ao ético.

Da mesma forma tive o cuidado em seguir estas práticas, referindo, ainda a título de exemplo, a garantia dada em termos de assegurar a confidencialidade, bem como em obter o consentimento informado, pelo que o questionário foi construído de forma que, sendo essa a primeira questão, o inquérito terminava logo ali no caso de ela ser respondida negativamente.

Quanto à importância atribuída às questões éticas, já me pronunciei anterior e sobejamente sobre a magnitude das mesmas.

Hill e Hill (2016) referem que embora validade e fiabilidade estejam relacionadas “A existência de fiabilidade adequada é necessária, mas não suficiente, para garantir validade adequada” (p.149). Relativamente à validade de um questionário, os autores adiantam a seguinte possível definição: “Uma medida tem validade se for uma medida da variável que o investigador pretende medir” (p.150).

No entanto, advertem que não se pode afirmar que uma medida é *válida* ou *não válida* já que existem diferentes graus de validade. Os referidos autores, definem três tipos de validade: Validade de conteúdo; Validade teórica; Validade prática.

Relativamente à validade de conteúdo, o critério considerado foi a *validade de construção*, essencial que é para que os resultados do estudo possam ser válidos e generalizados. Para tal assegurei que as questões abertas do questionário refletissem os três aspetos fundamentais de qualquer processo (educativo ou não): diagnóstico/análise, implementação/desenvolvimento e avaliação.

Quanto à validade teórica, considerei o critério *validade descritiva*, tão importante que é nos estudos quantitativos, e pelo qual tentarei trazer com a máxima precisão o discurso que os diretores assumem sobre a real implementação da autoaprendizagem e do autoconhecimento nas escolas que dirigem, enquadrado no contexto circunstancial em que se desenvolve o processo de ensino e de aprendizagem. Como já antes referido, tudo farei para que as conceções alternativas que tenho sobre o assunto não interfiram na análise dos dados e respetivas conclusões.

Finalmente, no que concerne à validade prática, o critério levado em conta tem a ver com a *triangulação* feita entre o autor desta investigação, o orientador do mestrado no qual se desenvolve este trabalho e a DGE que aprovou o questionário que se encontra registado na respetiva plataforma de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar com o n.º 1444000001.

Para finalizar, descrevo, de forma sintética, as opções metodológicas tomadas neste estudo.

Definida a **pergunta inicial**, que constituiu o início do fio condutor desta investigação, passei à etapa da **exploração**, na qual e através de leituras, obtive as informações que permitiram delinear a **problemática**. Por sua vez, esta última possibilitou organizar a informação, reformular a pergunta de partida e dar continuidade ao fio condutor a ser seguido. Posteriormente, já na fase da **observação**, esta foi realizada de forma indireta e com recurso a um inquérito por questionário, de

conceção metodológica mista, que permitiu a recolha de dados. Estes foram depois **analisados**, o que propiciou a elaboração de um **plano de ação** tendo em vista a melhoria nos diferentes contextos da prática educativa. Por fim, teçi as **considerações finais** estabelecidas através das análises efetuadas.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As questões do inquérito por questionário 1, 6, 7, 8, 11, 12, 17, 18 e 19 relacionam-se mais com a autoaprendizagem. Já as questões 3, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 15 e 16 dizem respeito, sobretudo, ao autoconhecimento.

A questão 2 abarca as duas temáticas.

As 13 primeiras são questões de múltipla escolha e as 6 últimas são de resposta aberta.

Elas foram ordenadas de forma a descomprometer (e até baralhar) o respondente para que este não as categorizasse de imediato ao efetuar as respetivas leituras, tentando-se assim promover uma maior espontaneidade nas respostas.

Utilizarei o método misto, mas começarei por fazer, no subcapítulo 3.1., a apresentação dos dados relativos ao estudo estatístico e respeitantes à análise e interpretação dos dados quantitativos, que será complementado pela análise de conteúdo relativa à interpretação dos dados qualitativos, que se relacionem e consolidem o primeiro. No subcapítulo 3.2. serão discutidos, sobretudo, os resultados da análise de conteúdo. Já no subcapítulo 3.3., cruzam-se os resultados de 3.1. e 3.2..

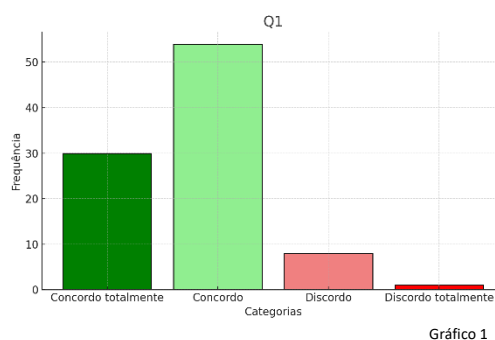
3.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Desenvolverei uma estatística descritiva, pela qual a recolha, apresentação, análise e interpretação dos dados numéricos referentes às das treze primeiras questões do questionário, fechadas e de múltipla escolha, far-se-á através de histogramas, vulgarmente designados gráficos de barras, obtidos pela ferramenta de plotagem (*Plot tool*) do Excel.

No caso dos gráficos seguintes, no eixo das abcissas existem quatro categorias possíveis de resposta obtidas num referencial de concordância com a seguinte escala: *concordo totalmente*, *concordo*, *discordo* e *discordo totalmente*. Quanto aos valores apresentados no eixo das ordenadas são absolutos, isto é, são o número efetivo de respostas dadas pelos diretores que no máximo poderá assumir o valor 93 correspondente ao número de diretores que responderam ao questionário. Na análise e interpretação dos dados e sempre que tal seja conveniente, calcularei os valores relativos que serão apresentados percentualmente.

Nos textos seguinte, sempre que se faça referência à resposta de um determinado diretor será usada a sigla *D* seguida do número de identificação (*em itálico*) para cada resposta (ID) do *Microsoft Office Forms*, de onde foi recolhida toda a informação necessária a este estudo.

Questão 1 [Acredito que o processo de ensino e de aprendizagem está atualmente mais centrado no aluno] – Constata-se que 54 diretores (58,1%) respondeu que concorda com a afirmação produzida. Tal resposta está em harmonia com outras 30 (32,3%) que concordam totalmente, pelo que as respostas



em discordância (inferiores a 10%) têm pouco significado e está assim aqui fortemente fomentada a crença, por parte dos diretores, da possibilidade e importância da prática da autoaprendizagem que só pode ser desenvolvida num ensino centrado no aluno.

Esta postura foi reforçada através de outras questões, nomeadamente evidenciada por 11 respostas que na **questão 17** associam a autoaprendizagem ao processo educativo/de ensino e de aprendizagem entendendo-a como “*uma ferramenta fundamental para a construção de um processo educativo mais eficaz e personalizado*” (D12) e, ainda, como algo “*fundamental durante todo o processo de desenvolvimento de aprendizagens e demais competências*” (D63). Também na **questão 19**, 7 respostas associam a autoaprendizagem a processos centrados no aluno, nomeadamente ao

defenderem que “a autoaprendizagem permite que os estudantes assumam um papel ativo no seu processo de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, autonomia e sentido de responsabilidade” (D1), “permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo” (D6). Também através da resposta à **questão 15** se consta que os diretores defendem que “as práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno” (D51) e “quando a escola assumir que o elemento principal da escola é o aluno e quando a escola for desenhada do aluno para cima” (D89).

Isto evidencia a importância atribuída pelos diretores ao autoconhecimento e à autoaprendizagem.

Questão 2 [Considero que o processo de ensino e de aprendizagem se desenvolve no respeito das capacidades e das características individuais dos alunos] – Foram 64 as respostas (68,8%) que concordaram com a consideração apresentada sendo esta concordância reforçada por outras 20 (21,5%)

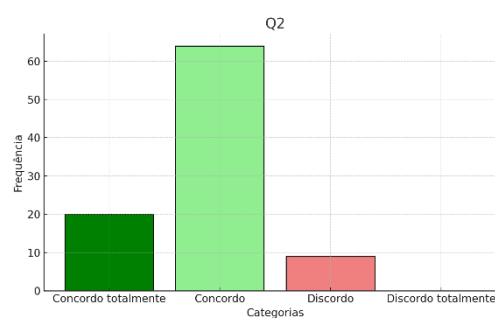


Gráfico 2

que concordam totalmente, esta que foi a 2ª opção mais escolhida. Ninguém discordou totalmente e apenas 9,7% é que apenas desconcordaram, pelo que, também aqui se regista uma forte convicção, por parte dos diretores, da exequibilidade e do mérito do autoconhecimento e da autoaprendizagem. A reforçar esta ideia temos 15 respostas de diretores que na **questão 16** reconhecem a importância do autoconhecimento no processo de aprendizagem, defendendo que a autoaprendizagem “capacita-os a definir metas realistas, adaptar-se a novas situações e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem e crescimento” (D2). Essa postura converge com a ideia de que a autoaprendizagem se encontra associada a processos educativos relacionados com a valorização integral de cada individuo e maior consciencialização de si mesmo:

Um aluno, nestas circunstâncias, carrega para a sua formação integral uma infinidade de assuntos e conhecimentos que irão exponenciar e tornar mais perenes as aprendizagens realizadas (D2)

O autoconhecimento é potenciador de autoconfiança o que leva à motivação para a aprendizagem e para a construção de uma formação integral do indivíduo. (D83)

Ao longo do processo educativo, o autoconhecimento permite que os estudantes se tornem mais conscientes de suas próprias capacidades, limitações, valores e emoções, o que contribui para uma aprendizagem mais eficaz e um maior equilíbrio em diversas áreas da sua vida. (D85)

Questão 3 [Creio que os alunos têm consciência da importância de se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender] – Nesta questão, 53 dos diretores (57,0%) dela dissentiu, deixando a longa distância aqueles que com ela estão em consonância e que são 33 (35,5%) e mais

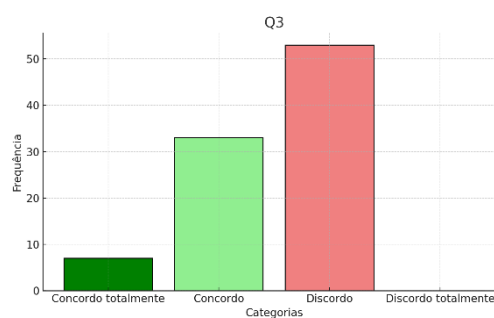


Gráfico 3

ainda os que tecem um assentimento total e que são 7 diretores (7,5%). Esta ideia encontra-se especialmente bem captada por um diretor que considera que

A valia do autoconhecimento é fundamental para todo o processo da aprendizagem dos estudantes ao longo do processo escolar. Contudo a maior parte deles não têm condições sociofamiliares e uma retaguarda para terem índices de motivação e acompanhamento para poderem ter sucesso escolar. Assim a Escola terá que ter a iniciativa de promover as melhores condições para favorecer a aprendizagem dos mesmos (D56)

Apesar de existirem evidências que demonstram que alguns diretores reconhecem esta importância, o gráfico 3 permite deduzir que existe um grande caminho a percorrer para que os discentes tenham consciência da importância de se autoconhecerem e para que a escola facilite este caminho. Existem, contudo, condicionalismos identificados pelos diretores que poderão ajudar a explicar essa dificuldade de valorização do autoconhecimento nas experiências de aprendizagem, em contexto escolar, tais como

Os preconceitos dos docentes aliado a estratégias de ensino desatualizadas, tais como, as aulas expositivas (D3)

A quantidade de disciplinas que os alunos têm no seu currículo (D4);

Do meu ponto de vista, o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras do autoconhecimento é o professor (D15);

Formação inicial de professores e falta de formação contínua (D11);

Falta de maturidade dos alunos e deficiente apoio familiar (D17);

Utilização elevadas das redes sociais e dos Chats GPT (D23);

Falta de tempo, dada a heterogeneidade dos alunos (D27);

A formação e o comportamento dos professores (D67);

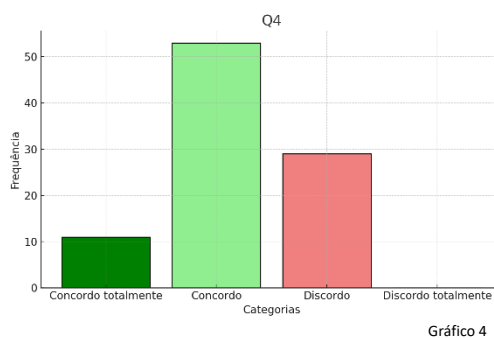
Programas e exames (D68);

Matrizes muito preenchidas (D78);

As orientações ao nível dos programas (AE) e dos exames finais forçam um ritmo de aprendizagem e um rumo muito orientado não permitindo ritmos de aprendizagem muito diferentes. As práticas promotoras de autoconhecimento obrigam a mais tempo de preparação dos alunos o que não se coaduna com os timings impostos pelo MEC. Preparar os alunos para o autoconhecimento e serem capazes de demonstrar os seus pontos fortes e menos fortes exige tempo e trabalho extra. (D82)

Embora a **questão 19** seja referente à autoaprendizagem, inclui-se neste estudo a resposta *D66* nela obtida e que vem confirmar novamente a reciprocidade das duas temáticas, de acordo com a perspetiva dos diretores: *Quanto mais elevado for o nível do autoconhecimento e das autoaprendizagens mais elevado será o sucesso educativo dos alunos, conduzindo a cidadãos melhor preparados para a vida. No entanto, o maior desafio está na descoberta do caminho para atingir esta meta.*

Questão 4 [Sinto que os professores têm consciência da importância dos alunos se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender] – Verifica-se que também há 53 diretores (57,0%) a responder do mesmo modo, desta feita a concordar com a questão



que lhes foi apresentada. Outros 11 (11,8%) estão com ela em harmonia total e os restantes 29 (31,2%) sentem de modo diferente. Pode-se assim considerar que há confiança por parte dos diretores em que os docentes possam atenuar a divergência encontrada na questão anterior e se consiga assim que os alunos valorizem mais o seu autoconhecimento. A robustecer esta posição, contamos com as seguintes respostas:

As práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno (D51); Cultivar o autoconhecimento nos alunos implica, em primeiro lugar, reconhecer a importância dessa prática. É, portanto, fundamental que, na formação de docentes, a promoção do autoconhecimento seja uma temática a tratar (D69); É fundamental o autoconhecimento na formação integral dos alunos, só assim é que consegue progredir e ultrapassar todas as barreiras educativas com um maior sucesso (D35); De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente. (D42)

Estas evidências ilustram como os diretores entendem o autoconhecimento como um elemento promotor de aprendizagem, defendendo a sua relação com a atuação e formação docente.

Questão 5 [Considero que a legislação existente no âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC), promove o desenvolvimento do autoconhecimento dos alunos] – Nesta questão há 62 respostas (66,7%) que com ela concordam e 12 (12,9%) que com ela estão em total consonância. Em

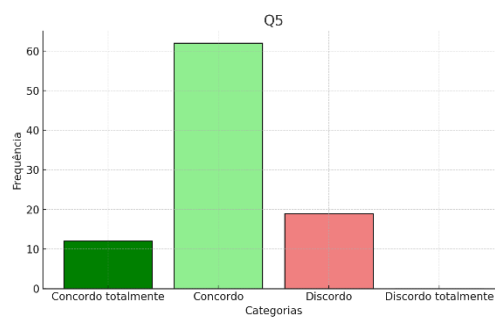


Gráfico 5

contradição estão apenas 19 diretores (20,4%) que dela discordam. Assim, há legislação que podemos considerar que, pelo menos, tenta promover o desenvolvimento do autoconhecimento dos alunos. A evidenciá-lo dispomos das respostas *D15, D24 e D56* à **questão 19**, respetivamente, que destacam a ideia que *“O sucesso educativo dos alunos só é eficaz se responder à aquisição de competências integradas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”* defendendo que as opções normativas associadas a este projeto *“poderão para a mudança de um paradigma social: hoje a frequência da escola ainda é “obrigatória” e definida por lei”*, ainda que façam essa análise *“alguma reticência pois o sistema educativo está sempre com mudanças, de acordo com as orientações dos diferentes governos o que dificulta todo o trabalho dos diferentes agentes escolares”*.

Questão 6 [Considero que, em sentido lato, a autorregulação permite interiorizar melhor o significado daquilo que se aprende, facilitando os processos de mudança durante o processo pelo qual se aprende] – Aqui, foram 48 as respostas (51,6%) que concordaram com a consideração

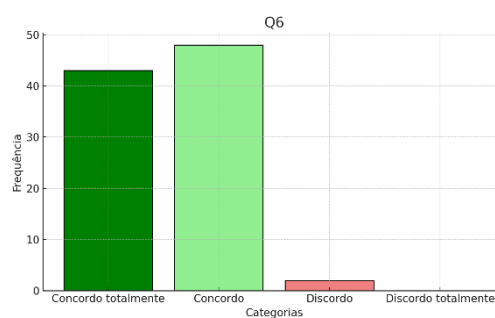


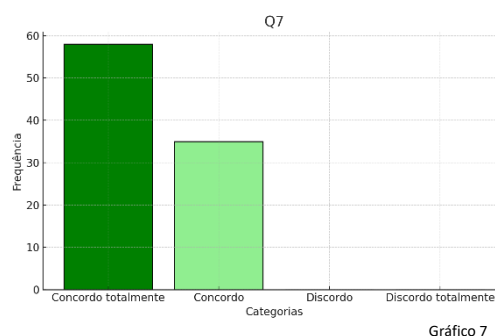
Gráfico 6

apresentada sendo esta concordância consubstanciada por outras 43 respostas (46,2%) que concordam totalmente. Restam apenas 2 diretores (2,2%) que discordam, pelo que a autorregulação pode ser uma excelente ferramenta para o incremento da autoaprendizagem. A corroborá-lo temos, por exemplo, as 5 respostas que na **questão 18** associam a autorregulação à autoaprendizagem e ao desenvolvimento de competências:

Autonomia com conceito intimamente ligado ao aprender a aprender, à motivação intrínseca, à responsabilidade pessoal e ao desenvolvimento de competências de autorregulação (D12);
Autorregulação. O aluno conseguir identificar as suas fragilidades, moderar a sua conduta em todo o processo de adaptação a novas realidades e contextos (D63);
Desenvolver processos que permitam aos alunos desenvolver conhecimento, com sessões de trabalho colaborativo, aulas invertidas, processos de autorregulação e feedback mútuo, podem resultar numa melhor e maior aprendizagem (D80);
Autorregulação da aprendizagem enquanto processo pelo qual os alunos assumem o controlo das suas aprendizagens, estabelecendo metas, monitorizando o seu progresso, ajustando as estratégias de estudo e refletindo sobre os resultados obtidos (D85);
O conceito que mais associa às ações dos discentes é o de autorregulação da aprendizagem, referindo-se à capacidade do aluno de planejar, monitorizar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, assumindo um papel ativo na construção de seu conhecimento (D91).

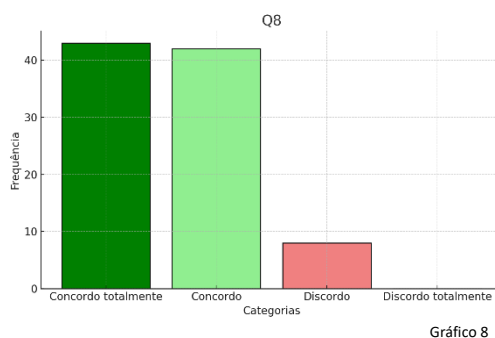
Apesar de a **questão 14** estar mais relacionada com o autoconhecimento, a resposta D21 destaca que *“Um dos benefícios é exatamente a questão da motivação e autorregulação. Ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar o que os motiva intrinsecamente e assim criam metas pessoais”*, reforçando, uma vez mais, que o autoconhecimento e a autoaprendizagem potenciam-se mutuamente, na perspetiva dos diretores.

Questão 7 [Penso que a autorregulação da aprendizagem pressupõe, quer por parte do aluno, quer pelo seu professor, planeamento, monitorização e, fundamentalmente, uma avaliação contínua das aprendizagens] – Constata-se aqui que todos os diretores dão assentimento à questão, tendo 58 deles



(62,4,3%) com ela concordado totalmente e os restantes 35 (37,6%) estão apenas em acordo. À semelhança da questão anterior, mas de forma ainda mais reforçada, se conclui que a autorregulação constitui, para os inquiridos, uma excelente forma de desenvolver a autoaprendizagem.

Questão 8 [Acredito que a autoaprendizagem potencia a autossuficiência educativa e cultural dos alunos desde bem cedo e até muito tarde] – Nesta questão, há um grande equilíbrio de concordância, verificando-se 43 respostas (46,2%) em consonância total e 42 (45,2%) apenas estão de acordo. Restam



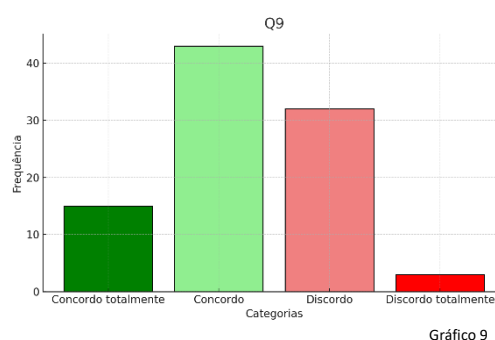
apenas 8 (8,6%) a discordar, deduzindo-se assim a forte associação feita entre a autossuficiência e a autoaprendizagem. A reforçar a ideia e que esta última deve ser trabalhada desde cedo, dado que a *“autoaprendizagem está ligada à autonomia e à autorregulação. Em ciclos mais baixos perspetivo um grau muito baixo que vai melhorando com a idade”* (D16).

Uma vez mais, e na lógica da reciprocidade entre a autoaprendizagem e o autoconhecimento, os diretores reforçam que é *“importante que esse autoconhecimento se inicie no primeiro ciclo em conformidade com o seu grau de maturidade”* (D17), reconhecendo que a *“base da formação da personalidade inicia-se nos primeiros anos de vida de uma criança. Daí ser importante iniciar-se este processo na Educação Pré-Escolar e dar-lhe continuidade ao longo dos 3 ciclos do ensino básico”* (D92).

Questão 9 [Sinto que, sob o ponto de vista dos

alunos, a educação é entendida mais como um direito do que uma obrigação] – Verifica-se aqui que 43 diretores (46,2%) a concordam com a questão e outros 15 (16,1%) que o fazem totalmente. Quanto aos que sentem de modo diferente, 32 (34,4%) apenas discordam

e há 3 (3,2%) que o fazem de forma total. Evidencia-se, assim, que os diretores consideram que, num exercício de cidadania, os alunos reconhecem os seus próprios direitos, são responsáveis e tomam as suas decisões o que subentende o domínio do seu próprio autoconhecimento.



Efetivamente, diferentes participantes associam o autoconhecimento ao desenvolvimento pessoal/social/emocional/académico, referindo que *“Quanto mais cedo o aluno se for “descobrimo a si próprio” ou seja tomar conhecimento de si próprio, irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções (inteligência socioemocional), permitindo-lhe definir os seu objetivos com maior clareza, fazer escolhas acertadas e tomar decisões conscientes no seu dia a dia”* (D7) e, como tal, que

o “*autoconhecimento fomenta a autonomia dos estudantes e potencia o desenvolvimento de competências de cidadania*” (D90), destacando, assim, que o “*verdadeiro desenvolvimento de uma pessoa (e estudante) só pode partir do autoconhecimento e da autoconfiança, obrigatoriamente consequente*” (D90). Nesta linha de pensamento, os diretores tendem a relacionar o autoconhecimento com a responsabilidade, nomeadamente ao defenderem que o “*autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade*” (D61). De acordo com esse pressuposto, o “*autoconhecimento contribui de forma decisiva para formar cidadãos ativos, informados e participativos*” (D66), pelo que “*é fundamental para a formação integral dos alunos, pois contribui para o desenvolvimento de todas as dimensões necessárias à sua realização como indivíduos e cidadãos: a intelectual, a emocional, a social e a ética*” (D91).

Importa, contudo, não assumir uniformidade no pensamento dos diretores. A denotar a divergência, identificamos participantes a defender que a “*qualidade do processo de autoconhecimento pode estar, de algum modo, condicionada pelo grau de autonomia de cada aluno*” (D47) ou pela “[f]alta de respostas da escola relativamente a algumas expectativas dos alunos” (D50) ou, ainda, associada à “*a falta de autoestima dos alunos*” (D84).

Questão 10 [Creio que a escola forma cidadãos responsáveis, conhecedores dos seus direitos e dos seus deveres, ativos e interventivos na sociedade] – Aqui, certifica-se que a grande maioria dos diretores, 63 (67,7%) dão assentimento à questão e que outros 22 (23,7%) o fazem totalmente. Em sentido contrário a estes, há apenas 8 (8,6%) que discordam. Pode constatar-se então a

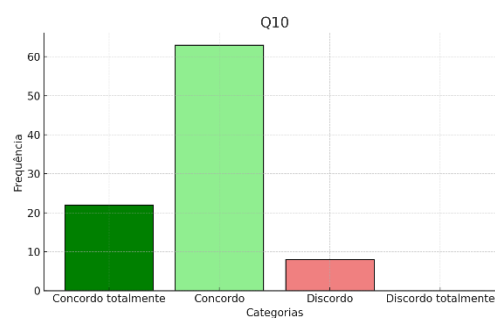


Gráfico 10

existência de uma ação direta da escola tendo em vista a formação de cidadãos responsáveis e socialmente interventivos. Tal fica aqui também consolidado por todas as respostas que foram objeto de estudo na questão 9.

Questão 11 [Sinto que nas escolas se salvaguarda o desenvolvimento da autonomia do educando e nele se confia a responsabilidade pela sua própria aprendizagem] – Existem 60 diretores (64,5%) a responder do mesmo modo, ou seja, a concordar com a questão apresentada.

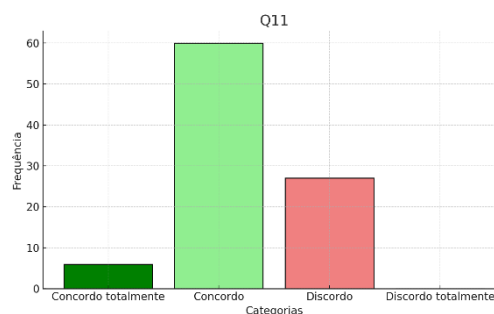


Gráfico 11

Outros 6 (6,5%) com ela concordam totalmente e os restantes 27 (29,0%) sentem de modo diferente, dela discordando, pelo que se pode reconhecer que a maioria dos participantes defende que a escola desenvolve a autoaprendizagem dos seus discentes o que muito contribui também para o desenvolvimento da sua responsabilidade e autonomia. A demonstrá-lo estão 16 respostas dadas à **questão 18** que combinam a autoaprendizagem com o desenvolvimento de competências, das quais sobressai a ideia de que o *“conceito que mais se associa às ações dos discentes que promovem a autoaprendizagem é a “autonomia”. A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizado, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorando o seu progresso e avaliando os resultados”* (D6).

Em sintonia, destaca-se, ainda, a *“capacidade crítica que o aluno desenvolve no que respeita ao seu processo de aprendizagem dá-lhe a possibilidade de planificar todas as tarefas a desenvolver, reconhecer e compreender as etapas que as compõem, examinar e compreender as falhas praticadas, assim como os sucessos atingidos”* (D35) assim como a *“[r]eflexão. Ter a capacidade de identificar o que esta menos bem e implementar estratégias que o ajudem à melhoria”* (D43),

Num sentido complementare, importa igualmente salientar que diferentes diretores vinculam a autoaprendizagem à responsabilidade, destacando que a

“autonomia implica a capacidade dos estudantes de assumirem o controlo do seu próprio processo de aprendizagem, tomando decisões informadas sobre o que, como e quando aprender, sem depender exclusivamente da orientação constante de professores ou outros orientadores “ (D5), associando-a, assim, às ideias de “[r]esponsabilidade e disponibilidade” (D31). Como sintetiza um diretor, a autoaprendizagem fica associada a “[m]aior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo” (D45)

Questão 12 [Penso que se incute no aluno processos de autonomia quando este é responsabilizado no ato pedagógico] – Temos 53 diretores (57,0%) em consonância com a questão, reforçados por outros 34 (36,6%) que com ela estão totalmente de acordo. Sobram então apenas 6 (6,5%) em

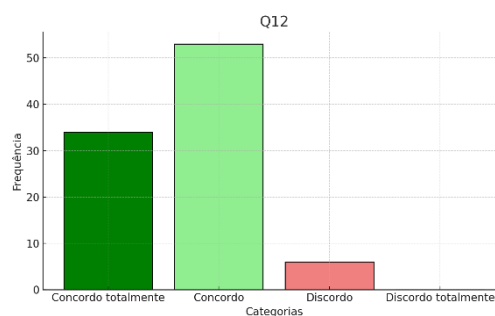


Gráfico 12

desafinamento que com ela não concordam. Assim, constata-se uma vez mais a relação estabelecida pelos inquiridos entre a autonomia do discente e a capacidade do mesmo em desenvolver a sua autoaprendizagem, desta feita de forma muito significativa. Alerta-se, a este propósito, a análise realizada a propósito da questão 11, assim como os excertos do discurso direto dos participantes nessa análise.

Questão 13 [Acredito que quanto mais o discente confiar nas suas competências, mais estará a fomentar a sua aprendizagem] – Assim como na 7ª questão, o consentimento dos diretores é total, tendo a esmagadora maioria deles, 71 (76,3%), concordado totalmente e os restantes 22 (23,7%), apenas

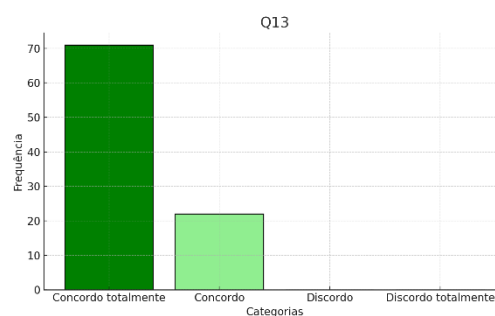


Gráfico 13

concordado, pelo que se pode observar, de forma muito segura, que com o reconhecimento das suas competências, o aluno promove da melhor maneira a sua aprendizagem. A atestá-lo estão as 29 respostas dadas à **questão 19** e que associam a autoaprendizagem ao desenvolvimento de competências. Através das respostas de natureza qualitativa, foi possível reconhecer que os diretores inquiridos consideram

“que quando uma pessoa se conhece, é mais capaz de usar suas aptidões de forma inteligente e estratégica em diversas áreas da vida” (D18), defendendo que “[u]m aluno que, seja por estímulo familiar, próprio ou dos docentes (ou mesmo aqueles que o rodeiam, sejam pares, seja pessoas do seu círculo de relações) desenvolva mais cedo uma capacidade de autorreflexão, estudo e autoaprendizagem, revelar-se-á um estudante mais propício ao sucesso educativo (D28).

Em harmonia com este posicionamento, os diretores defendem que a *“autoaprendizagem pressupõe uma atitude proativa perante o conhecimento e assim é uma peça fundamental para o sucesso educativo dos alunos. Contribui para o adotar de uma atitude metacognitiva que contribui para eficácia da aprendizagem”*. Em sintonia, pode-se considerar que, genericamente, os diretores inquiridos associam, então, a autoaprendizagem favorece o sucesso educativo e o desenvolvimento dos estudantes:

A autoaprendizagem tem fortes repercussões no sucesso educativo dos alunos e na preparação dos alunos para a vida ativa e para a aprendizagem ao longo da vida. Permite-lhes também adquirir competência para reagir de forma mais preparada à mudança e à tomada de decisões de forma mais consciente (D44);

A autoaprendizagem contribui para o sucesso educativo dos alunos de uma forma mais consistente e interligando várias áreas do saber. Torna um aluno um aprendiz ao longo da vida (D81);

A capacidade de autoaprendizagem é de extrema importância para que o aluno consiga o seu sucesso educativo. O aluno, ao ser ator da sua (auto)aprendizagem, adquire competências que vão ser facilitadoras do seu sucesso educativo. (D93)

3.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste subcapítulo, como atrás referido, serão discutidos, sobretudo, os resultados da análise de conteúdo. Saliento, como já mencionado, que cada uma das questões abertas do inquérito por questionário dizem respeito aos objetivos específicos desta investigação e têm a responsabilidade de dar resposta às três fases fundamentais de qualquer processo (diagnóstico/análise, implementação/desenvolvimento e avaliação).

O tratamento das respostas obtidas obedeceu à seguinte metodologia, pela ordem a seguir apresentada:

1. As respostas foram ordenadas de acordo com o número de identificação (ID) que o *Microsoft Office Forms*, atribuiu a cada uma delas e associadas aos temas (cf. Apêndices 4.1., 5.1., 6.1., 7.1., 8.1 e 9.1.);
2. Descortinados os temas desenvolvidos nas respostas dadas pelos diretores (cf. Apêndices 4.2., 5.2., 6.2., 7.2., 8.2 e 9.2.);
3. Categorização das respostas de acordo com os temas (cf. Apêndices 4.3., 5.3., 6.3., 7.3., 8.3 e 9.3.).

Os critérios usados para a escolha das respostas com as quais se fez a análise de conteúdo que aqui será apresentada, pela prioridade apresentada, foram os seguintes:

1. Aquelas que em maior número contribuíram para a categorização das respostas de acordo com os temas descortinados nas respostas dos diretores (10% ou mais, ou seja, 9 ou mais respostas das 93 possíveis);
2. As que mais se relacionam com o quadro teórico e dão resposta à questão de partida desta investigação;
3. As respostas com temas que ainda não tivessem sido abordados.

No que concerne a questão **Questão 14** [Como analisa a valia do autoconhecimento quando associado aos estudantes?], relativa à 1ª fase (diagnóstico/análise) – autoconhecimento, este foi associado aos processos de avaliação e de aprendizagem, bem como ao desenvolvimento pessoal/social/emocional/académico e de capacidades/competências. O autoconhecimento foi ainda relacionado com a autonomia, a autoconfiança, a autorregulação, a autoperceção e a autoestima. Dos diretores indagados nesta questão 80,0% consideraram o autoconhecimento como ponto forte e os 20,0% restantes tomam o autoconhecimento como ponto fraco/constrangimento.

A propósito da questão **Questão 15** [Identifique o condicionalismo que, do seu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento], respeitante à 2ª fase (implementação/desenvolvimento) – autoconhecimento, que foi novamente tido como um processo de aprendizagem, assim como salientado que é favorecido por ambientes apropriados. O autoconhecimento esteve aqui, correlacionado com a autonomia, a autorreflexão, a autoestima, a autorregulação, a autoavaliação e o autocontrolo. Nesta questão só 26,7% dos diretores é consideraram o autoconhecimento um ponto forte e são 73,3% que o julgam um ponto fraco/constrangimento.

Sobre a **Questão 16** [Como avalia a importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos?], relativa à 3ª fase (avaliação) – autoconhecimento, este foi reiteradamente conectado aos processos de avaliação e de aprendizagem, bem como, novamente, ao desenvolvimento pessoal/social/emocional/acadêmico dos alunos. Esteve ainda ligado à autonomia, à autoestima, à autoconfiança e à autorregulação. Aqui, 88,5% das respostas consideraram o autoconhecimento como ponto forte, enquanto 11,5% das respostas veem-no como ponto fraco/constrangimento.

Relativamente à **Questão 17** [Qual a sua perspectiva sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares?], relativa à 1ª fase (diagnóstico/análise) – autoaprendizagem, foi realçada a importância do diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes no início e no final dos ciclos escolares, bem como, uma vez mais, associada ao processo educativo e de ensino e de aprendizagem. Aquém, autoaprendizagem esteve correlacionada com a autonomia, a autorregulação, a autoavaliação, a autoimagem, o autocontrole e a autoformação. Das respostas dos diretores, 70,0% percebem a autoaprendizagem como ponto forte e os restantes 30,0% como um ponto fraco/constrangimento.

No âmbito da **Questão 18** [Identifique o conceito que mais associa às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes], relativa à 2ª fase (implementação/desenvolvimento) – autoaprendizagem, esta foi outra vez associada a um processo de aprendizagem, ao desenvolvimento de competências assim como referido que é favorecida por ambientes apropriados. A autoaprendizagem foi aqui relacionada com a autonomia, a autorreflexão, a autoestima, a autorregulação, a autoavaliação e o autocontrole. Nesta questão, 84,1% dos diretores consideraram a autoaprendizagem como ponto forte e 15,9% das respostas têm a autoaprendizagem como ponto fraco/constrangimento.

Por fim, sobre a Questão 19 [Como pondera as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos], relativa à 3ª fase (avaliação) – autoaprendizagem, esta foi de novo vinculada ao desenvolvimento de competências e, desta feita, também ao estudo e ao conhecimento. Aqui, a autoaprendizagem esteve ligada à autonomia, à autorregulação, à autorreflexão, à autogestão, à autoria e à autoestima. Dos diretores questionados, 73,5% acreditam que a autoaprendizagem é um ponto forte e os que sobram, 26,5% julgam tratar-se de um ponto fraco/constrangimento.

3.3. SÍNTESE

Confrontando as considerações feitas no subcapítulo 3.1. com as deduções tecidas no subcapítulo 3.2., conclui-se que:

- Os diretores inquiridos reconhecem, genericamente, que o autoconhecimento e a autoaprendizagem *caminham* lado a lado e *sustentam-se* mutuamente, ou seja, as duas temáticas influenciam-se e potenciam-se reciprocamente, tanto quanto o pressuposto assumido na introdução;
- Os diretores atribuem muita importância, quer ao autoconhecimento, quer à autoaprendizagem e acreditam que é possível serem desenvolvidas ambas as práticas em contexto escolar, reforçando que estas:
 - Estão associadas aos processos de aprendizagem/de ensino/de avaliação;
 - Promovem o sucesso educativos dos alunos;
 - Favorecem o desenvolvimento pessoal/social e de competências;
 - Contribuem para termos alunos ativos nos seus processos de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, tanto quanto o preconizado por *Silva* e colaboradores;
- Além do autoconhecimento e da autoaprendizagem, os diretores acreditam que é necessário que a escola promova permanentemente a educação cidadã tendo em vista a formação de cidadãos responsáveis, respeitadores, ativos e interventivos na sociedade, tanto quanto o defendido por Duarte (2023).

- Os diretores acreditam, ainda, que autoconhecimento e a autoaprendizagem desenvolvem/são desenvolvidos o(a)/pelo(a), sobretudo, a autonomia, a autorregulação e a autoavaliação, mas também a autoconfiança, a autoestima, a autorreflexão, o autocontrole, a autogestão, a autoformação, a autoimagem, a autopercepção, a autoria e a autodireção.

Concretamente e apenas em relação ao autoconhecimento, os diretores atribuem-lhe grande importância tal como, a título exemplificativo, este diretor o atesta ao considerar que

O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade. (D61)

No entanto, os inquiridos reconhecem condicionalismos na prática do autoconhecimento (e da autoaprendizagem), relacionados, sobretudo, com a formação dos professores, inicial e contínua; a existência de demasiadas componentes do currículo e de uma vasta carga curricular que exigem demasiado do aluno e lhe deixam pouco tempo para o *resto*; e a insistência de docentes em aulas expositivas que ao invés ensinar, teimam em transferir matéria, perigos para os quais Freire (2011;2018) não se cansava de alertar.

De facto, contrariamente às outras cinco questões de resposta aberta, tal como acima apresentado, o tratamento da **questão 15**, revela que a maioria das respostas dos diretores sustentam o autoconhecimento como um ponto fraco/ constrangimento. À mesma conclusão já havíamos chegado aquando do estudo da **questão 3**, na qual se constata que a maioria dos diretores não acreditam que os alunos têm consciência da importância de se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender. Aliás, esta foi a única de treze questões de múltipla escolha, cuja maioria das respostas dos diretores foi categorizada pela discordância.

Já em relação, unicamente, à autoaprendizagem, os diretores estão recetivos às práticas facilitadoras de autoaprendizagem. A sustentar esta motivação, temos, de forma bem evidente, as respostas dos seguintes diretores à **questão 19**, onde associam

a autoaprendizagem à *Aquisição de competências (D3)*, *elevada motivação que faz Alunos bem-sucedidos (D23)*, *Melhoria das aprendizagens (D25)*, *Necessidade de avaliação/enquadramento/reflexão (D27)*, *Maior sucesso dos alunos (D42)*, *Maior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo (D45)* e *Maior sucesso nas aprendizagens (D60)*.

Relevante é também opinião, genérica, dos questionados de que a autoaprendizagem responsabiliza os alunos no ato pedagógico o que lhes suscita processos de autonomia, tal como o sustentado por Estrela (2007), e de autorregulação. A evidenciá-lo, de forma particularmente feliz, estão as seguintes respostas à **questão 18**:

Autonomia com conceito intimamente ligado ao aprender a aprender, à motivação intrínseca, à responsabilidade pessoal e ao desenvolvimento de competências de autorregulação (D12);

Proatividade, quer na mobilização de conhecimentos que já possui para adquirir novos. A curiosidade, a vontade de aprender e o esforço que o discente faz é de suma importância na autoaprendizagem (D81);

Autorregulação da aprendizagem enquanto processo pelo qual os alunos assumem o controlo das suas aprendizagens, estabelecendo metas, monitorizando o seu progresso, ajustando as estratégias de estudo e refletindo sobre os resultados obtidos (D85).

4. PLANO DE AÇÃO

Chegados à conclusão da importância atribuída pelos diretores, quer ao autoconhecimento, quer à autoaprendizagem, bem como ao consenso, genérico, de que estas duas práticas se induzem mutuamente, e são capazes de potenciar outras, como a autonomia, a autorregulação, a autoavaliação, a autoconfiança, a autoestima, a autorreflexão, o autocontrolo, a autogestão e a autoformação e, por estas, serem igualmente *compensadas*, será de nelas apostar.

Apesar disso, são também apontados pelos diretores alguns constrangimentos, relembrados de seguida, e cujas intervenções/ações de melhoria juntamente e também a seguir se recomendada, nos seguintes itens: (i) Exames e provas de aferição; (ii) Organização da escola; (iii) Liderança do diretor; (iv) Educação cidadã; (v) Avaliação; (vi) Formação inicial e contínua dos docentes; (vii) Matrizes curriculares; e (viii) Relação com as famílias

(i) Exames e provas de aferição

Perante a preocupação dos diretores sobre a enorme pressão causada pelos exames finais que condicionam o ritmo e o rumo das aprendizagens, eles referem sobrar pouco tempo para as práticas promotoras do autoconhecimento e da autoaprendizagem.

De facto, sobretudo, as escolas secundárias, estão sujeitas a essa pressão, tendo em vista a preparação dos seus alunos para os exames, além de que ficam, muitas vezes, reféns dos *rankings* escolares.

Não sendo, de modo algum, apologista da abolição dos exames e das provas de aferição, já que elas encerram em si tanto de importante como de necessário naquilo que entendo que é o dever de trabalharmos para a excelência, já não o sou da divulgação pública de uma classificação ordenada de escolas de acordo com um único critério quantitativo.

A este respeito, apesar de saudar a introdução de outros critérios mais qualitativos e que têm em conta as realidades específicas das comunidades educativas, bem como dos territórios onde elas estão integradas, sou de opinião de que os *rankings* têm de ser revogados.

Quanto aos exames, eles devem ser mantidos, mas elaborados tendo em conta não só a aquisição de conhecimentos, mas, sobretudo, o desenvolvimento de competências. Tal iria *forçar* a que todos dessem realmente mais atenção e trabalhassem o autoconhecimento e a autoaprendizagem em grau superior.

(ii) Organização da escola

No seguimento do explanado no tópico anterior e na linha do referido no subcapítulo 1.4., com a maior autonomia reconhecida à escola, também se lhe exige mais responsabilidades pelos resultados e sucesso dos seus alunos. Estes resultados e tal sucesso devem estar associados ao desenvolvimento integral dos alunos e não apenas a avaliação da maior ou menor aquisição de conhecimentos que é possível reter pelas provas escritas.

Assim, os órgãos responsáveis pela organização e funcionamento escolar, a começar pelo CG onde está representada toda a comunidade educativa e onde se devem tomar as decisões estratégicas e de planeamento, devem ter em vista a promoção da autonomia, da autorregulação e da autoavaliação dos alunos e o desenvolvimento das suas competências, no respeito que todos têm de ter com todos.

Depois, todas as diligências das chefias intermédias, com especial relevo para o CP que tem uma importância determinante naquelas que devem ser as ações de coordenação e de supervisão pedagógica e orientação educativa, nos domínios pedagógico-didático, terão o encargo de estar consertadas com as referidas no parágrafo anterior.

Na relação do professor com o aluno, o primeiro não se deve sentir o centro da sala de aula, mas passar esse *cenário* para o segundo, escutá-lo, responder às suas

questões, estar atento às suas inibições e respeitar a sua identidade e a sua autonomia, tal como Freire (2011) tão bem o defendeu. Se assim proceder, criará ambientes apropriados ao desenvolvimento, quer do autoconhecimento, quer da autoaprendizagem.

(iii) Liderança do diretor

O diretor é o principal responsável pela gestão, entre outras, pedagógica, pelo que o seu papel é determinante no incremento das práticas de autoconhecimento e de autoaprendizagem. Para tal, deve estar atento aos outros e ouvir as suas opiniões antes de tomar as decisões e depois ter a humildade de explicar convenientemente que elas foram tomadas, em geral, no interesse da comunidade e, em particular, no benefício dos alunos.

A gestão educativa não deverá ser arbitrária, ela deve ser democrática, como foi sustentado por Lima (2011), estratégica, sujeita a planeamento, que leve à ação, não se ficando apenas no domínio das intenções. Para isso, tal como já enunciado em 1.5., é necessário que o diretor seja perseverante, assumindo, tal como referido por Rego e Cunha (2011), o equilíbrio entre a preguiça/indolência e a teimosia/obstinação.

Cada diretor, tem de saber priorizar, já que não se podendo resolver tudo ao mesmo tempo, há que começar por distinguir o essencial do acessório para depois aferir da gravidade dos verdadeiros problemas, da urgência da sua resolução, bem como se os mesmos tendem, ou não, a piorar com o passar do tempo. É igualmente importante o poder de síntese no ato da gestão, bem como distinguir o que delegar, o que agendar ou até mesmo o que eliminar.

Qualquer diretor deve definir na sua missão que o discente ocupa o lugar central da instituição, é o princípio e o fim de todas as ações ao qual cabe ser o ator principal no seu processo de ensino e de aprendizagem, mobilizando e promovendo os seus recursos, bem como os envolventes, visando assim uma formação em plenitude, não só ao nível do *saber*, como também do *saber fazer* e do *saber estar*. Deverá assumir como visão a promoção do autoconhecimento e da autoaprendizagem, tendo em vista a

formação de cidadãos autónomos, responsáveis, livres, genuínos e, apesar de atentos aos outros, pensar pelas suas cabeças e decidirem por si próprios, desenvolvendo as competências necessárias que lhes permitam executar as decisões tomadas. E, ainda, promover experiências educativas que permitam aos estudantes assumir valores como o rigor, a exigência, a responsabilidade, o respeito, isto sem descorar a tolerância, a solidariedade, a partilha e a vinculação à comunidade.

(iv) Educação cidadã

A educação cidadã foi, paralelamente à importância atribuída ao autoconhecimento e à autoaprendizagem, considerada fundamental pelos diretores, tendo em vista a formação integral dos alunos que se pretende que sejam responsáveis, conscientes dos seus direitos, mas também das suas obrigações, decididos e interventivos numa sociedade politicamente democrática, tal como apoiado por Biesta (2016), e que devemos defender, sempre no respeito da opinião dos outros, pois isso é o que nos distingue das sociedades autocráticas.

Acredito que ao autoconhecer-se e ao aprender por si próprio, o aluno desenvolve a sua identidade e autenticidade, tão necessária nesta sociedade global e massificada na qual há a tendência em que a opinião pública predomine sobre a opinião pessoal e própria. Deste modo, o discente tenderá a tornar-se uma personalidade completa e única. Este auto trabalho permitirá expandir, desde o interior de cada um, a consciência e o reconhecimento de que todos são diferentes, o que permitirá desenvolver personalidades autênticas.

Estas personalidades, serão verdadeiramente livres. Refiro-me, sobretudo, a uma liberdade interior que permitirá ao indivíduo pensar e decidir pela sua cabeça e, por fim, concretizar tais decisões. Este crescimento, a partir do interior de cada um, traz a vantagem de vincular cada um à comunidade escolar, originando-se assim uma consciência de pertença que perante os obstáculos, motivará à sua superação, gerará tensões e simultaneamente coesão. Esta comunidade será, assim, genuína.

A complexidade e enorme transformação que caracterizam a sociedade contemporânea conduzem, assim, à necessidade do desenvolvimento de competências diversas para o exercício da cidadania democrática, e, por isso, a escola tem um papel importante na oferta de uma educação assente em práticas de cidadania.

Esta educação, assimilada como um direito, por um lado, visa o desenvolvimento completo dos cidadãos, e, por outro, torna-se a estrutura base para os restantes direitos, liberdades e garantias, tal como explanado por Duarte (2023).

(v) Avaliação

A avaliação da escola deve ser compreendida como a melhoria de todos os seus setores, conferindo-lhes objetivos estratégicos e operacionais que vão de encontro à sua visão que não é mais do que a visão do seu diretor, apresentada em (iii) e onde foi estabelecido que deve conter o autoconhecimento e a autoaprendizagem.

Avaliar é um processo muito complexo e que envolve exigência para com os resultados e o desempenho de tudo e de todos: alunos, professores, técnicos especializados para a docência ou para outras funções, assistentes técnicos, assistentes operacionais, escolas, e das próprias políticas educativas. Nesse estudo, refiro-me apenas à avaliação dos alunos. Esta deve constituir a fase derradeira de qualquer processo, incluindo o educativo, embora como acima apresentado ela também esteja presente na primeira fase, ao nível do diagnóstico/análise e, em bom rigor, também precisa de estar na segunda, implementação/desenvolvimento do processo, pelo que é necessário ser sempre devidamente ponderada e trabalhada.

Independentemente do objeto da avaliação, devem-se promover práticas educativas em que o foco estará no aluno, permitindo-lhe aferir sobre o seu estado de desenvolvimento, melhorando-o e adaptando-o às constantes exigências da sociedade. Mas, mais do que avaliar, é preciso avaliar bem, pois pior do que não avaliar é avaliar

sem que daí resulte qualquer consequência, o que nada mais é do que uma perda de tempo!

(vi) Formação inicial e contínua dos docentes

Os diretores assinalaram dificuldades nos seus professores em trabalhar o autoconhecimento e a autoaprendizagem, pelo facto também de esses conceitos não serem, na sua perspetiva, devidamente exploradas na sua formação, quer na inicial, quer na que vão fazendo ao longo do seu percurso profissional.

Assim, as Universidades e as Escolas Superiores de Educação deveriam proceder à revisão dos *curricula* de modo que essas temáticas sejam melhor refletidas na formação inicial dos docentes.

Simultaneamente, os Centros de Formação de Associação de Escolas (CFAE), e outras instituições que prestam formação contínua, deverão também disponibilizar tais matérias nas ofertas formativas, para que os docentes em exercício tenham a possibilidade de interagir, de forma mais sistematizada, com estes conceitos e sobre como se podem repercutir na sua prática letiva.

(vii) Matrizes curriculares

A extensão dos programas que albergam uma vasta carga curricular é outra das limitações apontadas pelos diretores que condiciona o tempo disponível para o desenvolvimento do autoconhecimento e da autoaprendizagem, como já discutido no primeiro eixo de análise, arrastando o professor para o *despejar* de matéria, sem que tal se adeque às reais necessidades dos alunos.

Em sentido contrário, recordo que o PAFC defende o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades e que a escola tem de encontrar respostas que possibilite a cada um deles a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social. Assim, este normativo abre a porta à reformulação de matrizes curriculares para que tal

realmente aconteça, pelo que também poderá passar por aqui o traçar caminhos que, legalmente, formalizem o autoconhecimento e a autoaprendizagem em ambiente escolar.

(viii) Relação com as famílias

Os diretores referem também que a falta de retaguarda dos discentes devida às suas condições sociofamiliares que não são propícias à motivação e salvaguarda do investimento temporal (e não só...), tão necessário à motivação e adequação às práticas do autoconhecimento e da autoaprendizagem. Associado a esta falta de apoio familiar, os diretores registam ainda a falta de maturidade dos alunos e a abusiva utilização que eles fazem das redes sociais e dos Chats GPT.

Assim, o professor, nomeadamente o DT, deve sensibilizar o EE no sentido de tentar reverter estas situações, bem como estar propenso a desenvolver as práticas acima referidas, também como forma ao incentivo das mesmas, em contexto sociofamiliar, privilegiando formas transparentes e sistemáticas de comunicação com as famílias. Os SPO assumem aqui um papel preponderante, devendo promover o autoconhecimento e a autoaprendizagem, tanto em contexto escolar, como num enquadramento mais familiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta o **objetivo geral 1** desta investigação [Aferir do interesse dos diretores em trabalhar o autoconhecimento dos alunos, em cada organização escolar], as respostas dos questionados demonstram, na generalidade, interesse em que o autoconhecimento seja desenvolvido nas suas escolas, por todas as inúmeras vantagens anteriormente explanadas.

No entanto, da análise dessas respostas, também se detetam dificuldades, principalmente, ao nível do autoconhecimento, as quais, sobretudo, motivaram à elaboração de um plano de ação, apresentado no capítulo anterior.

Com o evoluir das metodologias de investigação e de análise de dados, tal como sustentado por *Carapeto*, tornou-se mais fácil desenvolver o autoconhecimento. Neste sentido, o presente estudo tem o potencial de contribuir para potenciar as práticas não só do autoconhecimento, como também da autoaprendizagem, pelo que me proponho partilhá-lo com todos os diretores que assim o desejarem.

Quanto ao **objetivo geral 2** [Compreender a motivação dos diretores à promoção de práticas facilitadoras de autoaprendizagem dos estudantes na unidade orgânica que dirigem], as explicações dos diretores transmitem a ideias de que eles estão entusiasmados e recetivos às potencialidades desta prática, igualmente, pelas incontáveis razões já anteriormente apresentadas.

Relativamente aos **6 objetivos específicos**, correspondentes às seis questões abertas e referentes às três fases do processo educativo (diagnóstico/análise, implementação/desenvolvimento e avaliação), quer para o autoconhecimento, quer para a autoaprendizagem, apenas numa das treze questões de múltipla escolha, no âmbito do autoconhecimento, as conclusões da maioria das respostas dos diretores foi categorizada pela discordância e somente uma das seis perguntas abertas, relativa à 2ª fase, implementação/desenvolvimento do processo educativo, também no domínio do autoconhecimento, evidencia que a maioria das respostas dos diretores identificam

constrangimentos ao desenvolvimento do autoconhecimento, condicionando-o, sobretudo, à formação dos professores, às matrizes curriculares e à (in)existência de ambientes de aprendizagem apropriados.

Todas as outras inquirições, fossem elas respeitantes ao autoconhecimento ou relacionadas com a autoaprendizagem, de escolha múltipla ou de resposta aberta obtiveram respostas, respetivamente, concordantes ou que foram associadas a pontos fortes.

Recordando que os objetivos definidos para esta investigação, quer os gerais, quer os específicos, foram tidos em conta para dar resposta à questão de partida [Qual a relevância que os Diretores dos AE/ENA, afetos à Direção de Serviços da Região Norte (DSRN) da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), atribuem ao desenvolvimento do autoconhecimento e das práticas de autoaprendizagem dos estudantes, nas unidades orgânicas que dirigem?], podemos afirmar, com os dados recolhidos, que estão reunidas as condições para que se possa concluir que os diretores, tal como eu, dão relevância ao autoconhecimento e à autoaprendizagem.

Do mesmo modo que eu, também os diretores aqui inquiridos reconhecem que são temas complexos e difíceis de aplicar num enquadramento escolar. No entanto, a análise das suas respostas permitiu reforçar a minha convicção de que estas duas temáticas, são seguramente enormes desafios e desbravar estes caminhos assemelha-se a percorrermos uma autoestrada "sem fim".

Esta investigação substancia a máxima de que *o caminho se faz caminhando*, à qual acrescento, preferencialmente *passo a passo*, pois devagar se vai mais longe do que depressa e sem rumo. Se já o considerava antes, agora mais seguro estou de que o autoconhecimento e a autoaprendizagem *provocam-se* reciprocamente e são capazes de *semear/deixarem-se semear* outras/por outras temáticas que lhes dizem respeito, nomeadamente a autonomia, a autorregulação e a autoavaliação que foram as que os inquiridos mais associaram às primeiras.

Concordo que o desenvolvimento destas práticas, terão forte reverberação nesta sociedade em constante mudança, na qual, de acordo com D12, ... *a capacidade de aprender de forma autónoma é uma competência chave. A autoaprendizagem ensina aos alunos como continuar a aprender e a adaptar-se a novas realidades.* A este propósito, sobrescrevo plenamente, de igual modo, o que é partilhado por um diretor inquirido:

Considero que quando uma pessoa se conhece, é mais capaz de usar suas aptidões de forma inteligente e estratégica em diversas áreas da vida (D18)

Esta referência acabada de fazer à estratégia, deve estar aliada ao planeamento e ser uma ferramenta base na atuação de um diretor, pois não basta planear, há que fazê-lo de forma estratégica através de uma gestão que só faz sentido se passarmos ao ato, devendo esta ação estar focada no aluno e nele produzir efeitos de acordo com a sua especificidade.

Tal como já referido em 1.5., para além da *eficácia* e da *eficiência*, o planeamento estratégico deve sustentar a *efetividade*, já que não há nada mais inútil do que fazer-se muita coisa e muito bem feita e depois isso não servir para nada.

Fundamental num bom planeamento é o conceito enunciado, no plano acima traçado, de priorização que deve acompanhar a ação do diretor.

A este respeito, complemento com a recomendação simples, mas consistente, que perante situações de grande complexidade, é necessário voltarmos ao essencial que muitas vezes consiste apenas em *parar para respirar*.

Quanto à segunda fase do processo educativo, pelas explicações dos questionados, fica a ideia comum de que o desenvolvimento/implementação do autoconhecimento e da autoaprendizagem é favorecido por ambientes apropriados, tal como o suportado por Holbein.

Neste sentido, destaco os diretores que sugerem que são necessários ambientes apropriados para o desenvolvimento das práticas de autoconhecimento e de

autoaprendizagem que tornam o aluno como principal agente do seu processo de ensino e de aprendizagem. A demonstrá-lo, de modo particularmente feliz, está o referido pelo diretor D44: *... o papel do professor como facilitador do processo de aprendizagem, criando um ambiente de autonomia, reflexão crítica e desenvolvimento de competências que conduzam a que o aluno se torne ator da sua aprendizagem.*

Sublinho, ainda, a importância atribuída pelos diretores à educação cidadã que para além de formar plenamente as pessoas, permite ainda formar dignamente as suas personalidades. Destaco as três citações a seguir apresentadas:

A autoaprendizagem tem repercussões substantivas no sucesso educativo, na medida em que contribui decisivamente para formar cidadãos autónomos, confiantes nas suas capacidades e mais interventivos (D51);

O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos, pois contribui para o desenvolvimento de todas as dimensões necessárias à sua realização como indivíduos e cidadãos: a intelectual, a emocional, a social e a ética (D91);

Aprender a aprender com autonomia, sem ser limitado pelas condições do sistema escolar, devendo transformar-se numa filosofia de vida voltada para o crescimento pessoal ao longo da vida (D92).

Deixando ainda um olhar sobre as políticas educativas, saliento que a autonomia e a flexibilidade, mais do que conceitos legais, constituem instrumentos de trabalho. Desde a legislação menos recente como o Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, que veio conferir autonomia às escolas e não obriga, mas permite uma maior descentralização que esteja de acordo com a realidade de cada comunidade educativa, até aos mais recentes normativos PAFC que reforçam a autonomia e a flexibilidade curricular e que foram muitos pretendidos pelas escolas, durante anos e anos, continuamos, por vezes, com dificuldades em implementar as políticas que sustentem uma verdadeira inclusão dos alunos na sociedade.

Dada a minha visão prática que tenho das *coisas*, sou de opinião de que pouco serve aquilo que muito sei, se tal não for aplicado, nomeadamente ao serviço de todos. As práticas de autoconhecimento e de autoaprendizagem, em ambiente escolar, contribuirão, seguramente, para um efetivo desenvolvimento de competências, tão necessárias para os alunos (e para todos).

Porém, para a implementação real do autoconhecimento e da autoaprendizagem, é preciso mudanças.

Estas exigem um árduo trabalho precedido por um planeamento que envolva toda a comunidade educativa e responda às questões *O que fazer? Porquê? Como? Quando? Durante quanto tempo? Onde?* e *Por quem?*

A mudança gera receios, mas os receios não geram a mudança...

REFERÊNCIAS

- Barañano, A. M. (2008). *Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão*. Edições Sílabo.
- Bazo, C. D. (2005). La organización escolar: ¿burocracia o comunidad?: reflexiones desde una mirada ética. *Educación*, 14(26), 43-58.
<https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/educacion/article/view/8341>
- Biesta, G. (2016). Democracia, ciudadanía y educación: de la socialización a la subjetivación. *Foro de Educación*, 14(20), 21-34.
<http://dx.doi.org/10.14516/fde.2016.014.020.003>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Campana, P. S. (2016). PEDAGOGIA DE SCHÖNSTATT: *Um estudo das bases pedagógicas do Colégio Mãe de Deus*. Londrina.
- Campbell, D. E. (2019). O que os cientistas sociais aprenderam sobre a educação cívica: uma revisão da literatura, *Peabody Journal of Education*, 94:1, 32-47,
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0161956X.2019.1553601>
- Campenhout, L. V., Marquet, J., & Quivy, R. (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Campos, V. R. V., & Rolindo, A. C. (2022). Liderança e gestão escolar: um olhar questionador sobre o conceito de liderança em educação na perspectiva filosófica de Espinosa. *Revista De Educação PUC-Campinas*, 27, 1–15.
<https://doi.org/10.24220/2318-0870v27e2022a5829>
- Carapeto, M. J. (2021). Autoconhecimento: uma breve revisão narrativa. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD. Revista de Psicología, Nº2 - Volumen 2, 2021, 237-244*.
<http://hdl.handle.net/10662/14260>

Carita, A. & Fernandes, G. (2012). *Indisciplina na sala de aula* (4ª ed.). Editorial Presença

Carvalho, J. M. S. (2010). *Estatística. Série "Manuais"*. Instituto superior da Maia.

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2018). *Research Methods in Education* (8ª ed.).
Londres: Routledge.

Dinis, R., & Alonso, L. (2008). Democracia E/ou Burocracia? A teia e a trama do trabalho
colegial e individual de professores. In Costa, J., A., et al (Orgs.), *Trabalho Docente
e Organizações Educativas* (pp. 357-375). Universidade de Aveiro.

Decreto-Lei n.º 21/2019, da Presidência do Conselho de Ministros (2019). Diário da
República n.º 21/2019, Série I de 30-01-2019.

Decreto-lei n.º 54/2018, da Presidência do Conselho de Ministros (2018). Diário da
República n.º 129/2018, Série I de 06-07-2018.

Decreto-lei n.º 55/2018, da Presidência do Conselho de Ministros (2018). Diário da
República n.º 129/2018, Série I de 06-07-2018.

Decreto-Lei n.º 75/2008, do Ministério da Educação (2008). Diário da República n.º
79/2008, Série I de 22-04-2008.

Decreto-Lei n.º 137/2012, do Ministério da Educação e Ciência (2012). Diário da
República n.º 126/2012, Série I de 02-07-2012.

Decreto-Lei n.º 144/2008, da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério da
Educação (2008). Diário da República n.º 144/2008, Série I de 28-07-2008.

Decreto-Lei 224/2009, do Ministério da Educação (2008). Diário da República n.º
177/2009, Série I de 11-09-2009.

Despacho n.º 6173/2016, da Presidência do Conselho de Ministros (2016). Diário da
República n.º 129/2018, Série II de 10-05-2016.

Despacho n.º 6478/2017, da Presidência do Conselho de Ministros (2016). Diário da República n.º 143/2017, Série II de 26-07-2017.

Direção-Geral da Educação. (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>

Duarte, P. (2021). *Pensar o desenvolvimento curricular: uma reflexão centrada no ensino*. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação.

Duarte, P. (2023). *Felizmente há Escola! A escola como espaço para e em cidadania*. Furar o Cerco.

Duarte, P. (2023). *Olhar, pensar e ouvir a escola! Rutura com o senso comum. Ética e pluralidade metodológica*. Furar o Cerco.

Estrela, M. T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula* (4ª ed.). Porto Editora.

Estrela, M. T. (2007). Um Olhar sobre a Investigação Educacional a partir dos anos 60. Em *Investigação em Educação: Teorias e Práticas* (pp. 13-41). Lisboa: Educa/Unidade I&D de Ciências da Educação.

Estrela, M. T. (2011). Caminhos e Descaminhos da Investigação Educacional. *Revista Portuguesa de Pedagogia, Extra-Série*, 195-203.

Freire, P. (2011). *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2018). *Pedagogia do oprimido* (3ª ed). Edições Afrontamento.

Hill, M.M., & Hill, A. (2016). *Investigação por questionário* (6ª ed.). Edições Sílabo.

Holbein, J. B. (2017). Desenvolvimento de habilidades na infância e participação política de adultos. *Revisão de Ciência Política Americana*, 111(3), 572-583.

<https://doi.org/10.1017/S0003055417000119>

Lei de Bases do sistema educativo, da Assembleia da República (1986). Diário da República n.º 237/1986, Série I de 14-10-1986.

Lei 75/2013, da Assembleia da República (2013). Diário da República n.º 176/2013, Série I de 12-09-2013.

Lima, L. (2005). Cidadania e Educação: Adaptação ao mercado competitivo ou participação na democratização da democracia? *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, nº. 23, p. 71-90.
<http://hdl.handle.net/1822/33974>

Lima, L. (2011). *Administração Escolar: Estudos*. Porto Editora.

Lima, L. (2014). A gestão democrática das escolas: do autogoverno à ascensão de uma pós-democracia gestionária? *Revista Educação & Sociedade*, v. 35, nº. 129, p. 1067-1083.
<https://hdl.handle.net/1822/34662>

Martins, G. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrilho, J. L. A., Silva, L. M. U., Encarnação, M. M. G. A., Horta, M. J. V. C., Calçada, M. T. C. S., Nery, R. F. V., & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Merrian, S. B. & Tisdell (2016). *Qualitative Research. A Guide to Design and Implementation* (4ª ed.). São Francisco: Jossey-Bass

Pacheco, J. A. (2005). *Estudos Curriculares. Para a compreensão crítica da educação*. Porto Editora.

Pina, R. M. F. J. T. (2016). *Da liderança do diretor aos resultados escolares dos alunos: um caminho a percorrer*. (Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa). Repositório Aberto da Universidade Católica Portuguesa.

<http://hdl.handle.net/10400.14/20103>

Reis, F. L. (2022). *Investigação Científica e Trabalhos Académicos* (2ª ed.). Edições Sílabo

Rego, A. & Cunha, M. P. (2011). *Liderança: A virtude está no meio*. Atual Editora.

Sousa Santos, B. (2008). *Um discurso sobre as ciências* (5.ª ed.). São Paulo: Cortez Editora.

Sousa Santos, B. (2014). *Epistemologies of the South: Justice against Epistemicide*. Oxon: Routledge.

Schlickmann, D. M. (2007). *Tempestades de Outono 1912. O início de uma revolução interior*. Sociedade Mãe Rainha.

Silva, A.L., Duarte, A. M., Sá, Isabel, & Simão, A. M. V. (2004). *Aprendizagem auto-regulada – Perspectivas psicológicas e educacionais*. Porto Editora.

Silva, A. L. da, Simão, A. M. V., & Sá, I. (2016). A AUTO-REGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ESTUDOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS. Intermeio: *Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação - UFMS*, 10(19).

<https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2592>

Trindade, R. (2014). A autoaprendizagem no ensino superior e a aprendizagem baseada na resolução de problemas: perspetivas e questões. *Revista Lusófona de Educação*, (27), 43-57.

http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502014000200004

Ytarte, R. M. M, Moreno, R., & Hipólito, N. (2016). Educação e cidadania. Propostas educativas desde a controvérsia. *Fórum de Educação*, 14 (20), 49–69.

<https://doi.org/10.14516/fde.2016.014.020.005>

APÊNDICE

1. Inquérito por questionário distribuído aos diretores
2. SMS enviado aos diretores a questionar se aceitam participar no inquérito
3. Correio eletrónico pelo qual foi enviado o *link* de acesso ao formulário
4. Análise de conteúdo da questão 14 – 1ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase do diagnóstico/análise
 - 4.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 4.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 4.3. Categorização das respostas
5. Análise de conteúdo da questão 15 – 2ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase da implementação/desenvolvimento
 - 5.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 5.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 5.3. Categorização das respostas
6. Análise de conteúdo da questão 16 – 3ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase da avaliação
 - 6.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 6.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 6.3. Categorização das respostas
7. Análise de conteúdo da questão 17 – 1ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase do diagnóstico/análise
 - 7.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 7.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 7.3. Categorização das respostas
8. Análise de conteúdo da questão 18 – 2ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase da implementação/desenvolvimento
 - 8.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 8.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 8.3. Categorização das respostas
9. Análise de conteúdo da questão 19 – 3ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase da avaliação
 - 9.1. Respostas dos diretores associadas aos temas
 - 9.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores
 - 9.3. Categorização das respostas

1. Inquérito por questionário distribuído aos diretores

INQUÉRITO - AUTOCONHECIMENTO E AUTOAPRENDIZAGEM

O presente inquérito integra-se num estudo empírico que se está a realizar no âmbito do Mestrado em Administração das Organizações Educativas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Esta investigação pretende analisar a relevância que os Diretores dos Agrupamentos de Escolas/ Escolas não Agrupadas, afetos à Direção de Serviços da Região Norte da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, atribuem ao desenvolvimento do autoconhecimento e das práticas de autoaprendizagem nas unidades orgânicas que dirigem.

Todas as respostas são admissíveis, não havendo respostas certas ou erradas, garantindo-se sempre a total confidencialidade das respostas.

As questões de múltipla escolha são de seleção única, pelo que deverá apenas selecionar uma resposta da lista de 4 (quatro) opções apresentadas.

As questões abertas visam acolher respostas singulares a cada experiência, de forma transparente.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Arlindo José Falhas Ferreira

email: arlindoferreira3@gmail.com

1. Declaração de consentimento.

Declaro que compreendi os objetivos e procedimentos deste estudo, sendo a minha participação voluntária e informada.

Tenho conhecimento que as minhas respostas serão anónimas e confidenciais, e nunca serão divulgadas em termos individuais.

Os resultados serão obtidos, unicamente, em relação à totalidade da amostra, sendo utilizados, estritamente, para efeitos académicos e científicos.

Está salvaguardado o cumprimento do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD).

Tomei conhecimento e concordo

Discordo

2. Acredito que o processo de ensino e de aprendizagem está atualmente mais centrado no aluno.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

3. Considero que o processo de ensino e de aprendizagem se desenvolve no respeito das capacidades e das características individuais dos alunos.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

4. Creio que os alunos têm consciência da importância de se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

5. Sinto que os professores têm consciência da importância dos alunos se autoconhecerem antes de conhecerem o que vão aprender.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

6. Considero que a legislação existente no âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC), promove o desenvolvimento do autoconhecimento dos alunos.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

7. Considero que, em sentido lato, a autorregulação permite interiorizar melhor o significado daquilo que se aprende, facilitando os processos de mudança durante o processo pelo qual se aprende.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

8. Penso que a autorregulação da aprendizagem pressupõe, quer por parte do aluno, quer pelo seu professor, planeamento, monitorização e, fundamentalmente, uma avaliação contínua das aprendizagens

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

9. Acredito que a autoaprendizagem potencia a autossuficiência educativa e cultural dos alunos desde bem cedo e até muito tarde.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

10. Sinto que, sob o ponto de vista dos alunos, a educação é entendida mais como um direito do que uma obrigação.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

11. Creio que a escola forma cidadãos responsáveis, conhecedores dos seus direitos e dos seus deveres, ativos e interventivos na sociedade.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

12. Sinto que nas escolas se salvaguarda o desenvolvimento da autonomia do educando e nele se confia a responsabilidade pela sua própria aprendizagem.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

13. Penso que se incute no aluno processos de autonomia quando este é responsabilizado no ato pedagógico.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Discordo
- Discordo totalmente

14. Acredito que quanto mais o discente confiar nas suas competências, mais estará a fomentar a sua aprendizagem.

Concordo totalmente

Concordo

Discordo

Discordo totalmente

15. Como analisa a valia do autoconhecimento quando associado aos estudantes?

16. Identifique o condicionalismo que, do seu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento.

17. Como avalia a importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos?

18. Qual a sua perspetiva sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares?



19. Identifique o conceito que mais associa às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes.

20. Como pondera as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos?

This content is neither created nor endorsed by Microsoft. The data you submit will be sent to the form owner.

 Microsoft Forms

2. SMS enviado aos diretores a questionar se aceitam participar no inquérito

Bom dia/ Boa tarde/ noite Dr.../ Dra...

Sou o Arlindo Ferreira da DGEstE, mas este contacto é de natureza pessoal.

Estou a realizar um mestrado e gostava de saber se lhe posso enviar um inquérito totalmente anónimo (com 20 questões) e destinado apenas a diretores de AE/ENA?

Se sim, por favor, indique-me o mail para onde devo enviar o link.

Contudo, sei que os diretores estão sempre muito ocupados, pelo que se não for oportuno responder, não há problema e muito lhe agradeço, desde já, o tempo que o/ a fiz perder com este assunto.

Qualquer dúvida, não hesite em contactar-me.

Muito obrigado,

Bom fim de semana/ Boa semana

3. Correio eletrónico pelo qual foi enviado o *link* de acesso ao formulário

Caro(a) Diretor(a)

Venho por este meio solicitar a sua colaboração no preenchimento de um inquérito por questionário intitulado "Autoconhecimento e Autoaprendizagem", enquadrado numa investigação no âmbito do Mestrado em Administração das Organizações Educativas da Escola Superior de Educação do Instituto P.Porto.

Este inquérito tem como público-alvo unicamente os(as) Srs(as). Diretores(as) dos AE / ENA e encontra-se disponível online em:

<https://forms.office.com/e/ZMPdpmYTxE>

O questionário foi aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE) e encontra-se registado na respetiva plataforma de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar com o n.º 1444000001.

Desde já, agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Arlindo José Falhas Ferreira

4. Análise de conteúdo da questão 14 – 1ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase do diagnóstico/análise

4.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOCONHECIMENTO – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 14 – Como analisa a valia do autoconhecimento quando associado aos estudantes?

(1ª questão aberta)

1	Permite reconhecer os seus pontos fracos e fortes a)
2	Julgo ser muito importante e, nas areias dos dias, pouco trabalhado. j)
3	O aluno ao ter noção do seu autoconhecimento estará mais habilitado para a autoaprendizagem. b)
4	Considero que os alunos em geral não têm conhecimento da importância do autoconhecimento que em si também não é fácil de atingir. j)
5	O autoconhecimento ajuda os estudantes a identificarem suas aptidões, interesses e valores. Isso facilita as escolhas académicas e profissionais mais alinhadas às suas paixões e habilidades, evitando frustrações e mudanças de rumo frequentes. a) i)
6	Discordar da ideia de que o autoconhecimento tem um valor positivo para os estudantes, pode ser fundamentado em alguns argumentos: 1. Foco Excessivo no Individualismo: O autoconhecimento pode levar os estudantes a se concentrarem demais nas suas próprias necessidades e desejos, em detrimento de desenvolver habilidades sociais e empatia, que são cruciais para o trabalho em grupo e a convivência escolar. 2. Ansiedade e Sobrecarga Emocional: Incentivar um processo profundo de autoconhecimento pode aumentar a ansiedade entre os jovens, que podem não estar prontos para lidar com as complexidades internas, especialmente em uma fase de formação da identidade. 3. Desvio do Foco Académico: O excesso de ênfase no autoconhecimento pode desviar a atenção dos alunos das metas académicas e do aprendizado curricular, comprometendo o desempenho escolar. 4. Imaturidade Emocional: Muitos estudantes ainda estão em um estágio de desenvolvimento em que não têm a maturidade emocional necessária para fazer uma análise precisa de si mesmos. Isso pode resultar em autopercepções distorcidas ou até em desmotivação. Estes pontos sugerem que, embora o autoconhecimento possa ser útil, a sua implementação no contexto escolar deve ser cuidadosamente equilibrada. h) j)
7	Quanto mais cedo o aluno se for "descobrir a si próprio" ou seja tomar conhecimento de si próprio, irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções

	(inteligência socioemocional), permitindo-lhe definir os seu objetivos com maior clareza, fazer escolhas acertadas e tomar decisões conscientes no seu dia a dia. c) f) h) i)
8	Importante e necessário i)
9	Muito importante j)
10	Muito positivo. i)
11	Muito residual e sem consciência da sua importância j)
12	Quando os alunos desenvolvem a capacidade de se conhecerem melhor, conseguem identificar as suas forças e fraquezas, o que lhes permite adotar estratégias mais eficazes para a aprendizagem e para a gestão das suas emoções e comportamentos. a) b) i)
13	A DESCOBERTA DO EXTERIOR SÓ É MAIS ACESSIVEL QUANDO SE CONHECE MINIMAMENTE O INTERIOR i)
14	Fundamental i)
15	É fundamental que os nossos alunos tenham esta competência para melhorar as suas aprendizagens. b) i)
16	É muito valioso! O autoconhecimento permite o aluno conhecer os seus limites o que, na tentativa de os superar, potencia a sua autoconfiança. a) h) i)
17	É importante que esse autoconhecimento se inicie no primeiro ciclo em conformidade com o seu grau de maturidade. k)
18	Concordo totalmente desprezar
19	Analiso positivamente desprezei
20	Existe muita dependência do aluno e pouca autonomia na formação do seu autoconhecimento. h) j)

21	Na minha opinião, o autoconhecimento é uma ferramenta muito importante para estudantes, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento pessoal e acadêmico porque ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar os seus pontos fortes e fraquezas bem como os seus interesses. Um dos benefícios é exatamente a questão da motivação e autoregulação. Ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar o que os motiva intrinsecamente e assim criam metas pessoais. a) c) h) i)
22	É de vital importância para potenciar o sucesso na aprendizagem. b)
23	É uma mais valia no processo de aprendizagem b)
24	Penso que seria importante e positivo. Como dizia o filósofo "Conhece-te a ti mesmo". i)
25	Promotor do sentido de responsabilidade. g)
26	Fundamental para conseguir superar as dificuldades. i)
27	Passo prévio fundamental para conseguir avançar i)
28	Os alunos, jovens em geral, são extremamente egocêntricos, como é característico das idades que atravessam. As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu quotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro. c) d)
29	O processo de autoconhecimento estimula os processos de autoconfiança e permite ao aluno apropriar-se e ser a peça central e modelador das suas aprendizagens. b) h) i)
30	É fundamental o autoconhecimento dos estudantes de modo a capacitá-los nas aprendizagens. b) i)
31	Permite fomentar uma melhor aprendizagem por parte dos alunos. b)
32	É mais facilmente aprendido e retido. b) i)
33	O autoconhecimento fomenta a autonomia dos estudantes e potencia o desenvolvimento de competências de cidadania e) h)

34	Permite melhores aprendizagens, desenvolvimento e o sucesso educativo. c)
35	O autoconhecimento consiste em conhecer verdadeiramente suas qualidades, capacidades, desejos e pontos fracos e pontos forte, desenvolver esta capacidade é fundamental para qualquer estudante, ele estará mais preparado para lidar com o imprevisto, para ter uma melhor precessão do mundo que o rodeia, o que lhe permite atuar de uma forma mais eficaz e eficiente sobre os problemas que vão surgindo. a) e) i)
36	Uma das premissas para a nossa formação integral depende da valia do autoconhecimento. i)
37	É uma forma de responsabilizar os alunos. g)
38	É algo em que os alunos deviam investir, mas tal raramente acontece. j)
39	O autoconhecimento é o conhecimento que os alunos têm sobre as suas aprendizagens e competências. a) b) e) f)
40	Quando os alunos estão motivados e têm "sede" de saber mais, a aquisição de conhecimentos de uma forma autónoma favorece-os no seu desenvolvimento/aquisição de competências. Os discentes "curiosos" são mais ativos, pelo que são positivamente mais participativos. e) i)
41	De uma forma positiva, pois implica o estudante na sua própria aprendizagem. b)
42	Entender para que serve o aprender b)
43	Permite a melhoria dos resultados académicos, melhoria de relacionamento emocional e social e desenvolvimento da autoconfiança. h) i)
44	O autoconhecimento é essencial para o crescimento e sucesso dos estudantes e uma componente chave para o seu sucesso pessoal e escolar. Influencia na forma como o aluno aprende, como se relaciona com os outros e como toma decisões no seu dia a dia. c) f) i)
45	O autoconhecimento permite a capitalização e potenciação das capacidades de cada um. e)
46	É essencial. i)
47	O autoconhecimento permite uma aprendizagem personalizada e autónoma. b) h)

48	Importante para definição de uma estratégia direcionada para aquisição de aprendizagens significativas b)
49	Não acredito que todos os alunos sejam cientistas. desprezei
50	O autoconhecimento pode constituir uma valia para o aluno se também a escola tiver um papel orientador nesta matéria. i) j)
51	Penso que é um fator determinante na construção da identidade individual e na aquisição dos conhecimentos. d)
52	Muito importante i)
53	Acho, teoricamente, muito importante desprezei
54	Entendo que autoconhecimento é uma valia que permite aos estudantes , a curto e a longo prazo, rentabilizar e fazer uma utilização mais eficaz dos conhecimentos adquiridos e das competências desenvolvidas. d) e)
55	O autoconhecimento potencia a efetiva aprendizagem dos alunos. b)
56	O valia do autoconhecimento é fundamental para todo o processo da aprendizagem dos estudantes ao longo do processo escolar. Contudo a maior parte deles não têm condições socio-familiares e uma retaguarda para terem índices de motivação e acompanhamento para poderem ter sucesso escolar. Assim a Escola terá que ter a iniciativa de promover as melhores condições para favorecer a aprendizagem dos mesmos. j)
57	Os alunos maioritariamente não percebem a importância nem trabalham nesse sentido. j)
58	Motivação para a aprendizagem b)
59	Tem um papel fundamental no desenvolvimento global do aluno. c) i)
60	O autoconhecimento permite reconhecer pontos fortes e de melhoria, crenças e valores. O que ajuda na tomada de decisões mais conscientes a) f) i)

61	O autoconhecimento permite aos estudantes aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, identificando forças e fraquezas. O autoconhecimento permite uma melhor gestão do tempo e da tomada de decisões. f) i)
62	É um fator importante de promoção das aprendizagens ao permitir obter dados para a diversificação de atitudes e estratégias pessoais. b) f)
63	O autoconhecimento potencia a aprendizagem. b)
64	Já dizia Sócrates "conhece-te a ti mesmo". Quando associado aos estudantes é uma mais valia, na medida em que o autoconhecimento é potenciador da aprendizagem. b)
65	É indispensável para que a aprendizagem seja efetiva b)
66	Poderá ser determinante para que o aluno consiga atingir patamares de conhecimento mais avançados, valorizando as aprendizagens. d)
67	Só o autoconhecimento sustenta e promove nos alunos a aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que levam às competências d) e)
68	muito importante i)
69	O autoconhecimento é essencial para o aluno se compreender e desenvolver a consciência das suas capacidades, clarificando as suas apetências e motivações e, conseqüentemente, os seus objetivos. e) i)
70	O autoconhecimento é o ponto de partida para a procura de uma aprendizagem permanente que responda, a cada momento, às necessidades de cada um. b)
71	Fundamental para a educação integral do aluno i)
72	Essencial ao equilíbrio do processo de Ensino/Aprendizagem b)
73	Identificando as suas habilidades, vulnerabilidades e comportamentos. i)
74	Ter consciência dos seus pontos fortes e fracos, assim como um bom desenvolvimento de empatia e bem-estar. a) c) i)

75	O autoconhecimento é essencial para o processo de ensino e aprendizagem sem qual o qual os estudantes têm mais dificuldades em realizar aprendizagens significativas. b)
76	O autoconhecimento permite aos estudantes perceber os seus pontos fortes, investindo assim naquilo que será menos bom. desprezei
77	É fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. h)
78	É importante para o desenvolvimento da responsabilidade g)
79	Sendo promotor de uma melhoria do desempenho académico e desenvolvimento emocional, por exemplo, isso permite melhorar o seu desempenho e alinhar procedimento para superar dificuldades. c) i)
80	O processo de autoconhecimento é sempre importante em qualquer fase da vida. Os estudantes terão de ter conhecimento como se posicionam em relação à aprendizagem, para melhor aprenderem. b)
81	Estudantes com maior autoconhecimento tendem a ser mais organizados, melhor aprendestes, com âncoras que suportam novas aprendizagens e permitem a articulação entre os saberes. Na mesma linha, aprendem de forma mais consistente e em todas as vertentes da construção do indivíduo, mais intervertido na sociedade, consciente e crítico. i)
82	O autoconhecimento é importante. Pode demonstrar a capacidade/vontade do aluno em aprender, por um lado e, por outro, revelará a maior ou menor predisposição para novas aprendizagens. b) e)
83	O autoconhecimento é um fator fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. Só assim se promove a autonomia, o pensamento crítico e o equilíbrio emocional. c) h) i)
84	Contribui para o desenvolvimento cognitivo c) d)
85	Alunos que têm uma boa compreensão de si mesmos — isto é, que conhecem os seus pontos fortes, as suas dificuldades, os seus interesses e os seus estilos de aprendizagem — tendem a ser mais eficazes em gerir o seu processo de aprendizagem. Quando os estudantes sabem como melhor aprender (se preferem estudar sozinhos ou em grupo, se o estudo visual, auditivo ou kinestésico é mais eficaz para eles, por exemplo), eles podem aplicar estratégias

	mais apropriadas. O autoconhecimento também permite que o aluno seja mais autónomo e menos dependente de orientações externas. a) b) h)
86	Relevante para o seu desenvolvimento pessoal e académico c)
87	O autoconhecimento é essencial para o desenvolvimento pessoal e, como tal, também o é quando associado aos estudantes c)
88	Não domino suficientemente o conceito de autoconhecimento para dar uma opinião válida. desprezei
89	É muito importante o autoconhecimento desde que aliado à responsabilização do ensino aprendizagem. g)
90	O verdadeiro desenvolvimento de uma pessoa (e estudante) só pode partir do autoconhecimento e da autoconfiança, obrigatoriamente consequente. c) h)
91	O autoconhecimento é uma ferramenta poderosa para os estudantes, pois impacta diretamente tanto no desenvolvimento pessoal quanto no académico, já que passa a entender melhor suas próprias forças, fraquezas, interesses e valores. a) c)
92	Desenvolver as habilidades socioemocionais durante o percurso escolar dos alunos resultará no crescimento de pessoas mais maduras e mais capazes para lidar com situações de conflito, tomadas de decisão e situações que causam algum constrangimento, inclusive de dor e sofrimento. c) e) f) e)
93	O autoconhecimento pode ser muito importante na regulação do estudo e dos interesses dos estudantes. e) g)

4.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOCONHECIMENTO – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 14 – Como analisa a valia do autoconhecimento quando associado aos estudantes?

(1ª questão aberta)

Temas descortinados:

- a) Autoconhecimento associado a um processo de avaliação/autoavaliação
- b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem
- c) Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal/social/emocional/académico
- d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento
- e) Autoconhecimento no desenvolvimento das capacidades/competências
- f) Autoconhecimento na tomada de decisões
- g) Autoconhecimento e responsabilidade
- h) Autoconhecimento e outro(a)s auto...
- i) Autoconhecimento: pontos fortes
- j) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos
- k) Autoconhecimento quando se desenvolve

4.3. Categorização das respostas

AUTOCONHECIMENTO – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 14 – Como analisa a valia do autoconhecimento quando associado aos estudantes?

(1ª questão aberta)

a) Autoconhecimento associado a um processo de autoavaliação	
1	Permite reconhecer os seus pontos fracos e fortes
5	O autoconhecimento ajuda os estudantes a identificarem suas aptidões, interesses e valores. Isso facilita as escolhas académicas e profissionais mais alinhadas às suas paixões e habilidades, evitando frustrações e mudanças de rumo frequentes.
12	Quando os alunos desenvolvem a capacidade de se conhecerem melhor, conseguem identificar as suas forças e fraquezas, o que lhes permite adotar estratégias mais eficazes para a aprendizagem e para a gestão das suas emoções e comportamentos.
16	É muito valioso! O autoconhecimento permite o aluno conhecer os seus limites o que, na tentativa de os superar, potencia a sua autoconfiança.
21	Na minha opinião, o autoconhecimento é uma ferramenta muito importante para estudantes, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento pessoal e académico porque ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar os seus pontos fortes e fraquezas bem como os seus interesses. Um dos benefícios é exatamente a questão da motivação e autoregulação. Ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar o que os motiva intrinsecamente e assim criam metas pessoais.
35	O autoconhecimento consiste em conhecer verdadeiramente suas qualidades, capacidades, desejos e pontos fracos e pontos forte, desenvolver esta capacidade é fundamental para qualquer estudante, ele estará mais preparado para lidar com o imprevisto, para ter uma melhor precessão do mundo que o rodeia, o que lhe permite atuar de uma forma mais eficaz e eficiente sobre os problemas que vão surgindo.
39	O autoconhecimento é o conhecimento que os alunos têm sobre as suas aprendizagens e competências.
60	O autoconhecimento permite reconhecer pontos fortes e de melhoria, crenças e valores. O que ajuda na tomada de decisões mais conscientes
74	Ter consciência dos seus pontos fortes e fracos, assim como um bom desenvolvimento de empatia e bem-estar.
85	Alunos que têm uma boa compreensão de si mesmos — isto é, que conhecem os seus pontos fortes, as suas dificuldades, os seus interesses e os seus estilos de aprendizagem — tendem a ser mais eficazes em gerir o seu processo de aprendizagem. Quando os estudantes sabem como melhor aprender (se preferem estudar sozinhos ou em grupo, se o estudo visual, auditivo ou kinestésico é mais eficaz para eles, por exemplo), eles podem aplicar estratégias mais apropriadas. O autoconhecimento também permite que o aluno seja mais autónomo e menos dependente de orientações externas.
91	..., já que passa a entender melhor suas próprias forças, fraquezas, interesses e valores.

b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem	
3	O aluno ao ter noção do seu autoconhecimento estará mais habilitado para a autoaprendizagem.

12	Quando os alunos desenvolvem a capacidade de se conhecerem melhor, conseguem identificar as suas forças e fraquezas, o que lhes permite adotar estratégias mais eficazes para a aprendizagem e para a gestão das suas emoções e comportamentos.
15	É fundamental que os nossos alunos tenham esta competência para melhorar as suas aprendizagens.
22	É de vital importância para potenciar o sucesso na aprendizagem.
23	É uma mais-valia no processo de aprendizagem
29	O processo de autoconhecimento estimula os processos de autoconfiança e permite ao aluno apropriar-se e ser a peça central e modelador das suas aprendizagens.
30	É fundamental o autoconhecimento dos estudantes de modo a capacitá-los nas aprendizagens.
31	Permite fomentar uma melhor aprendizagem por parte dos alunos.
32	É mais facilmente aprendido e retido.
39	O autoconhecimento é o conhecimento que os alunos têm sobre as suas aprendizagens e competências.
41	De uma forma positiva, pois implica o estudante na sua própria aprendizagem.
42	Entender para que serve o aprender
47	O autoconhecimento permite uma aprendizagem personalizada e autónoma.
48	Importante para definição de uma estratégia direcionada para aquisição de aprendizagens significativas
55	O autoconhecimento potencia a efetiva aprendizagem dos alunos.
58	Motivação para a aprendizagem
62	É um fator importante de promoção das aprendizagens ao permitir obter dados para a diversificação de atitude e estratégias pessoais.
63	O autoconhecimento potencia a aprendizagem.
64	Já dizia Sócrates "conhece-te a ti mesmo". Quando associado aos estudantes é uma mais-valia, na medida em que o autoconhecimento é potenciador da aprendizagem.
65	É indispensável para que a aprendizagem seja efetiva
70	O autoconhecimento é o ponto de partida para a procura de uma aprendizagem permanente que responda, a cada momento, às necessidades de cada um.
72	Essencial ao equilíbrio do processo de Ensino/Aprendizagem
75	O autoconhecimento é essencial para o processo de ensino e aprendizagem sem qual o qual os estudantes têm mais dificuldades em realizar aprendizagens significativas.
80	O processo de autoconhecimento é sempre importante em qualquer fase da vida. Os estudantes terão de ter conhecimento como se posicionam em relação à aprendizagem, para melhor aprenderem.
82	O autoconhecimento é importante. Pode demonstrar a capacidade/vontade do aluno em aprender, por um lado e, por outro, revelará a maior ou menor predisposição para novas aprendizagens.
85	Alunos que têm uma boa compreensão de si mesmos — isto é, que conhecem os seus pontos fortes, as suas dificuldades, os seus interesses e os seus estilos de aprendizagem — tendem a ser mais eficazes em gerir o seu processo de aprendizagem. Quando os estudantes sabem como melhor aprender (se preferem estudar sozinhos ou em grupo, se o estudo visual, auditivo ou kinestésico é mais eficaz para eles, por exemplo), eles podem aplicar estratégias mais apropriadas. O autoconhecimento também permite que o aluno seja mais autónomo e menos dependente de orientações externas.

c) Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal /social/emocional/acadêmico	
7	irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções (inteligência socioemocional), permitindo-lhe definir os seus objetivos com maior clareza, fazer escolhas acertadas e tomar decisões conscientes no seu dia a dia.
21	Na minha opinião, o autoconhecimento é uma ferramenta muito importante para estudantes, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento pessoal e académico porque ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar os seus pontos fortes e fraquezas bem como os seus interesses.
28	Os alunos, jovens em geral, são extremamente egocêntricos, como é característico das idades que atravessam. As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu quotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro.
34	Permite melhores aprendizagens, desenvolvimento e o sucesso educativo.
44	O autoconhecimento é essencial para o crescimento e sucesso dos estudantes e uma componente chave para o seu sucesso pessoal e escolar.
59	Tem um papel fundamental no desenvolvimento global do aluno.
74	Ter consciência dos seus pontos fortes e fracos, assim como um bom desenvolvimento de empatia e bem-estar.
79	Sendo promotor de uma melhoria do desempenho académico e desenvolvimento emocional, por exemplo, isso permite melhorar o seu desempenho e alinhar procedimento para superar dificuldades.
83	O autoconhecimento é um fator fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. Só assim se promove a autonomia, o pensamento crítico e o equilíbrio emocional.
84	Contribui para o desenvolvimento cognitivo
86	Relevante para o seu desenvolvimento pessoal e académico
87	O autoconhecimento é essencial para o desenvolvimento pessoal e, como tal, também o é quando associado aos estudantes
90	O verdadeiro desenvolvimento de uma pessoa (e estudante) só pode partir do autoconhecimento e da autoconfiança, obrigatoriamente consequente.
91	O autoconhecimento é uma ferramenta poderosa para os estudantes, pois impacta diretamente tanto no desenvolvimento pessoal quanto no académico, ...
92	Desenvolver as habilidades socioemocionais durante o percurso escolar dos alunos resultará no crescimento de pessoas ...

d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento	
28	Os alunos, jovens em geral, são extremamente egocêntricos, como é característico das idades que atravessam. As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu quotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro.
51	Penso que é um fator determinante na construção da identidade individual e na aquisição dos conhecimentos.
54	Entendo que autoconhecimento é uma valia que permite aos estudantes , a curto e a longo prazo, rentabilizar e fazer uma utilização mais eficaz dos conhecimentos adquiridos e das competências desenvolvidas.

66	Poderá ser determinante para que o aluno consiga atingir patamares de conhecimento mais avançados, valorizando as aprendizagens.
67	Só o autoconhecimento sustenta e promove nos alunos a aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que levam às competências
84	Contribui para o desenvolvimento cognitivo

e) Autoconhecimento no desenvolvimento das capacidades/competências	
33	O autoconhecimento fomenta a autonomia dos estudantes e potencia o desenvolvimento de competências de cidadania
35	O autoconhecimento consiste em conhecer verdadeiramente suas qualidades, capacidades, desejos e pontos fracos e pontos forte, desenvolver esta capacidade é fundamental para qualquer estudante, ele estará mais preparado para lidar com o imprevisto, para ter uma melhor precessão do mundo que o rodeia, o que lhe permite atuar de uma forma mais eficaz e eficiente sobre os problemas que vão surgindo.
39	O autoconhecimento é o conhecimento que os alunos têm sobre as suas aprendizagens e competências.
40	Quando os alunos estão motivados e têm "sede" de saber mais, a aquisição de conhecimentos de uma forma autónoma favorece-os no seu desenvolvimento/aquisição de competências. Os discentes "curiosos" são mais ativos, pelo que são positivamente mais participativos.
45	O autoconhecimento permite a capitalização e potenciação das capacidades de cada um.
54	Entendo que autoconhecimento é uma valia que permite aos estudantes , a curto e a longo prazo, rentabilizar e fazer uma utilização mais eficaz dos conhecimentos adquiridos e das competências desenvolvidas.
67	Só o autoconhecimento sustenta e promove nos alunos a aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que levam às competências
69	O autoconhecimento é essencial para o aluno se compreenda e desenvolva a consciência das suas capacidades, clarificando as suas apetências e motivações e, conseqüentemente, os seus objetivos.
82	O autoconhecimento é importante. Pode demonstrar a capacidade/vontade do aluno em aprender, por um lado e, por outro, revelará a maior ou menor predisposição para novas aprendizagens.
92	... resultará no crescimento de pessoas mais maduras e mais capazes para lidar com situações de conflito, tomadas de decisão e situações que causam algum constrangimento, inclusive de dor e sofrimento.
93	O autoconhecimento pode ser muito importante na regulação do estudo e dos interesses dos estudantes.

f) Autoconhecimento na tomada de decisões	
7	Quanto mais cedo o aluno se for "descobrir a si próprio" ou seja tomar conhecimento de si próprio, irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções (inteligência socio emocional), permitindo-lhe definir os seu objetivos com maior clareza, fazer escolhas acertadas e tomar decisões conscientes no seu dia a dia.
39	O autoconhecimento é o conhecimento que os alunos têm sobre as suas aprendizagens e competências.
44	O autoconhecimento é essencial para o crescimento e sucesso dos estudantes e uma componente chave para o seu sucesso pessoal e escolar. Influencia na forma como o

	aluno aprende, como se relaciona com os outros e como toma decisões no seu dia a dia.
60	O autoconhecimento permite reconhecer pontos fortes e de melhoria, crenças e valores. O que ajuda na tomada de decisões mais conscientes
61	O autoconhecimento permite aos estudantes aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, identificando forças e fraquezas. O autoconhecimento permite uma melhor gestão do tempo e da tomada de decisões.
92	... mais capazes para lidar com situações de conflito, tomadas de decisão e situações que causam algum constrangimento, inclusive de dor e sofrimento.

g) Autoconhecimento e responsabilidade	
25	Promotor do sentido de responsabilidade.
37	É uma forma de responsabilizar os alunos.
78	É importante para o desenvolvimento da responsabilidade
89	É muito importante o autoconhecimento desde que aliado à responsabilização do ensino aprendizagem.
93	O autoconhecimento pode ser muito importante na regulação do estudo e dos interesses dos estudantes.

h) Autoconhecimento e outro(a)s auto...	
6	Muitos estudantes ainda estão em um estágio de desenvolvimento em que não têm a maturidade emocional necessária para fazer uma análise precisa de si mesmos. Isso pode resultar em autopercepções distorcidas ou até em desmotivação
7	... irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções...
16	É muito valioso! O autoconhecimento permite o aluno conhecer os seus limites o que, na tentativa de os superar, potencia a sua autoconfiança.
20	Existe muita dependência do aluno e pouca autonomia na formação do seu autoconhecimento.
21	... Um dos benefícios é exatamente a questão da motivação e autorregulação. Ao se conhecerem melhor, os estudantes conseguem identificar o que os motiva intrinsecamente e assim criam metas pessoais.
29	O processo de autoconhecimento estimula os processos de autoconfiança e permite ao aluno apropriar-se e ser a peça central e modelador das suas aprendizagens.
33	O autoconhecimento fomenta a autonomia dos estudantes e potencia o desenvolvimento de competências de cidadania
43	Permite a melhoria dos resultados académicos, melhoria de relacionamento emocional e social e desenvolvimento da autoconfiança.
47	O autoconhecimento permite uma aprendizagem personalizada e autónoma.
77	É fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.
83	O autoconhecimento é um fator fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos estudantes. Só assim se promove a autonomia, o pensamento crítico e o equilíbrio emocional.
85	... O autoconhecimento também permite que o aluno seja mais autónomo e menos dependente de orientações externas.
90	O verdadeiro desenvolvimento de uma pessoa (e estudante) só pode partir do autoconhecimento e da autoconfiança, obrigatoriamente consequente.

i) Autoconhecimento: pontos fortes

5	O autoconhecimento ajuda os estudantes a identificarem suas aptidões, interesses e valores. Isso facilita as escolhas acadêmicas e profissionais mais alinhadas às suas paixões e habilidades, evitando frustrações e mudanças de rumo frequentes.
7	..., irá melhorar a sua autoestima e autoconfiança, controlar as suas emoções (inteligência socioemocional), permitindo-lhe definir os seus objetivos com maior clareza, fazer escolhas acertadas e tomar decisões conscientes no seu dia a dia.
8	Importante e necessário
9	Muito importante
10	Muito positivo
12	... adotar estratégias mais eficazes para a aprendizagem e para a gestão das suas emoções e comportamentos.
13	A DESCOBERTA DO EXTERIOR SÓ É MAIS ACESSÍVEL QUANDO SE CONHECE MINIMAMENTE O INTERIOR
14	Fundamental
15	É fundamental que os nossos alunos tenham esta competência para melhorar as suas aprendizagens.
16	É muito valioso! O autoconhecimento permite o aluno conhecer os seus limites o que, na tentativa de os superar, potencia a sua autoconfiança.
21	... os estudantes conseguem identificar ... os seus interesses. Um dos benefícios é exatamente a questão da motivação e autorregulação. ... o que os motiva intrinsecamente e assim criam metas pessoais.
24	Penso que seria importante e positivo. Como dizia o filósofo "Conhece-te a ti mesmo".
26	Fundamental para conseguir superar as dificuldades.
27	Passo prévio fundamental para conseguir avançar
29	O processo de autoconhecimento estimula os processos de autoconfiança e permite ao aluno apropriar-se e ser a peça central e modelador das suas aprendizagens.
30	É fundamental o autoconhecimento dos estudantes de modo a capacitá-los nas aprendizagens.
32	É mais facilmente aprendido e retido.
35	... conhecer verdadeiramente suas qualidades, capacidades, desejos e pontos fracos e pontos forte, desenvolver esta capacidade é fundamental para qualquer estudante, ele estará mais preparado para lidar com o imprevisto, para ter uma melhor percepção do mundo que o rodeia, o que lhe permite atuar de uma forma mais eficaz e eficiente sobre os problemas que vão surgindo.
36	Uma das premissas para a nossa formação integral depende da valia do autoconhecimento.
40	Quando os alunos estão motivados e têm "sede" de saber mais, a aquisição de conhecimentos de uma forma autónoma favorece-os no seu desenvolvimento/aquisição de competências. Os discentes "curiosos" são mais ativos, pelo que são positivamente mais participativos.
43	Permite a melhoria dos resultados académicos, melhoria de relacionamento emocional e social e desenvolvimento da autoconfiança.
44	O autoconhecimento é essencial para o crescimento e sucesso dos estudantes e uma componente chave para o seu sucesso pessoal e escolar. Influencia na forma como o aluno aprende, como se relaciona com os outros e como toma decisões no seu dia a dia.
46	É essencial
51	Penso que é um fator determinante na construção da identidade individual e na aquisição dos conhecimentos.
52	Muito importante
59	Tem um papel fundamental no desenvolvimento global do aluno.

60	O autoconhecimento permite reconhecer pontos fortes e de melhoria, crenças e valores
61	O autoconhecimento permite aos estudantes aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, identificando forças e fraquezas. O autoconhecimento permite uma melhor gestão do tempo e da tomada de decisões.
68	muito importante
69	O autoconhecimento é essencial para o aluno se compreenda e desenvolva a consciência das suas capacidades, clarificando as suas apetências e motivações e, conseqüentemente, os seus objetivos.
71	Fundamental para a educação integral do aluno
73	Identificando as suas habilidades, vulnerabilidades e comportamentos.
74	Ter consciência dos seus pontos fortes e fracos, assim como um bom desenvolvimento de empatia e bem-estar.
79	Sendo promotor de uma melhoria do desempenho académico e desenvolvimento emocional, por exemplo, isso permite melhorar o seu desempenho e alinhar procedimento para superar dificuldades.
81	Estudantes com maior autoconhecimento tendem a ser mais organizados, melhor aprendizes, com âncoras que suportam novas aprendizagens e permitem a articulação entre os saberes. Na mesma linha, aprendem de forma mais consistente e em todas as vertentes da construção do indivíduo, mais intervertido na sociedade, consciente e crítico.
83	... promove ..., o pensamento crítico e o equilíbrio emocional.

j) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos	
2	Julgo ser muito importante e, nas areias dos dias, pouco trabalhado.
4	Considero que os alunos em geral não têm conhecimento da importância do autoconhecimento que em si também não é fácil de atingir.
6	Discordar da ideia de que o autoconhecimento tem um valor positivo para os estudantes, pode ser fundamentado em alguns argumentos: 1. Foco Excessivo no Individualismo: O autoconhecimento pode levar os estudantes a se concentrarem demais nas suas próprias necessidades e desejos, em detrimento de desenvolver habilidades sociais e empatia, que são cruciais para o trabalho em grupo e a convivência escolar. 2. Ansiedade e Sobrecarga Emocional: Incentivar um processo profundo de autoconhecimento pode aumentar a ansiedade entre os jovens, que podem não estar prontos para lidar com as complexidades internas, especialmente em uma fase de formação da identidade. 3. Desvio do Foco Académico: O excesso de ênfase no autoconhecimento pode desviar a atenção dos alunos das metas académicas e do aprendizado curricular, comprometendo o desempenho escolar. 4. Imaturidade Emocional: Muitos estudantes ainda estão em um estágio de desenvolvimento em que não têm a maturidade emocional necessária para fazer uma análise precisa de si mesmos. Isso pode resultar em autopercepções distorcidas ou até em desmotivação. Estes pontos sugerem que, embora o autoconhecimento possa ser útil, a sua implementação no contexto escolar deve ser cuidadosamente equilibrada.
11	Muito residual e sem consciência da sua importância
20	Existe muita dependência do aluno e pouca autonomia na formação do seu autoconhecimento.
38	É algo em que os alunos deviam investir, mas tal raramente acontece.
50	O autoconhecimento pode constituir uma valia para o aluno se também a escola tiver um papel orientador nesta matéria.

56	A valia do autoconhecimento é fundamental para todo o processo da aprendizagem dos estudantes ao longo do processo escolar. Contudo a maior parte deles não têm condições sociofamiliares e uma retaguarda para terem índices de motivação e acompanhamento para poderem ter sucesso escolar. Assim a Escola terá que ter a iniciativa de promover as melhores condições para favorecer a aprendizagem dos mesmos.
57	Os alunos maioritariamente não percebem a importância nem trabalham nesse sentido.

k) Autoconhecimento quando se deve desenvolver	
17	É importante que esse autoconhecimento se inicie no primeiro ciclo em conformidade com o seu grau de maturidade

5. Análise de conteúdo da questão 15 – 2ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase da implementação/desenvolvimento

5.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOCONHECIMENTO – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 15 – Identifique o condicionalismo que, do seu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento.

(2ª questão aberta)

1	Desenvolvimento da autonomia g)
2	Um ambiente educativo reflexivo, traduzido em trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo, apresentações com discussão, tertúlias dialógicas, mentorias, prática de um feedback construtivo,... Julgo ainda que o recurso a métodos de educação não formal poderia ser impactante nesta questão. c)
3	Os preconceitos dos docentes aliado a estratégias de ensino desatualizadas, tais como, as aulas expositivas. i)
4	A quantidade de disciplinas que os alunos têm no seu currículo. ij)
5	O condicionalismo que, do meu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento nos estudantes é a criação de um ambiente educativo seguro e de apoio. Quando os estudantes se sentem seguros, valorizados e compreendidos pelos seus professores e colegas, tendem a abrir-se mais ao processo de reflexão interna e à partilha das suas experiências e sentimentos. Esse tipo de ambiente facilita a introspeção e a autorreflexão, que são fundamentais para o autoconhecimento. c) g)
6	Um dos condicionalismos que mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é a criação de um ambiente seguro e de reflexão. Quando as pessoas têm espaço para explorar seus pensamentos e emoções sem julgamentos, conseguem olhar para dentro de si mesmas com maior honestidade. Este ambiente pode ser facilitado por práticas como a meditação, o diálogo interno e a presença de um apoio social empático. A segurança emocional e a liberdade de expressão são essenciais para que cada indivíduo se conheça melhor e reflita sobre suas próprias experiências e motivações. c)

7	Do meu ponto de vista, o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras do autoconhecimento é o professor. h) i)
8	Inclusão h)
9	Educação e instrução ou falta delas h) i)
10	Responsabilidade e autonomia. e) g)
11	Formação inicial de professores e falta de formação contínua h)
12	C desprezar
13	PARADIGMA TRADICIONAL DO ENSINO-APRENDIZAGEM b) i)
14	A formatação social e familiar c) h)
15	O ambiente de aprendizagem. b) c)
16	A reflexão. f)
17	Falta de maturidade dos alunos e deficiente apoio familiar. i)
18	A relação de empatia professor/aluno. h)
19	A necessidade de autoconhecimento i)
20	A distração com assuntos supérfluos; a perda de foco e o reduzido investimento no seu processo de ensino e de aprendizagem. b) i)
21	O condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento, do meu ponto de vista, é um ambiente de apoio e reflexão contínua. c)
22	Empatia e relação de cumplicidade e responsabilidade entre professor-aluno, com o patrocínio efetivo da família. e) h)

23	Utilização elevadas da redes sociais e dos Chats GPT i)
24	Penso que a falta de cultura específica, entendimento e prática educacional (tanto na família, como na escola) condicionam o desenvolvimento desta prática. Assumimos que "somos todos diferentes", mas não somos capazes de incentivar o uso dessa diferença em prol do bem comum. E na escola, apesar de todos diferentes, continua a "dar muito jeito ensinar a todos como a um só". i)
25	Trabalho de Projeto c)
26	Demasiada contração na matéria. i)
27	Falta de tempo, dada a heterogeneidade dos alunos i)
28	O estudante deve ser levado a participar nas decisões, dentro do possível, do seu processo de ensino-aprendizagem - refletindo e justificando as opções. b) f)
29	As grande diversidade de didáticas a utilizar no espaço educativo face às diversas formas de aprender dos vários alunos são encorajadoras do autoconhecimento. b) f)
30	Idade i)
31	Disponibilidade do aluno para desenvolver uma aprendizagem. b) i)
32	O desenvolvimento da autonomia nos alunos g)
33	A formação de professores i)
34	Autoaprendizagem. b)
35	Para mim será a capacidade de autocontrolo e de foco que cada aluno consegue em cada momento ter relativamente ao mundo que o rodeia. g)
36	Depende da perspetiva de cada um, mas introspeção é que favorece mais as práticas promotoras do autoconhecimento. Criar um ambiente adequado permite que o aluno promova o seu autoconhecimento. c) f)

37	O meio onde estão inseridos c)
38	O aluno estar verdadeiramente consciente da sua importância. a)
39	As vivências pessoais. h)
40	O ambiente familiar, bem como o ambiente onde se vive, condicionam bastante as práticas promotoras de autoconhecimento. c)
41	Autonomia dos alunos. g)
42	A mudança do paradigma da avaliação a)
43	Criação de ambientes de aprendizagem cooperativos onde se ajuda a ultrapassar o "erro". b) c)
44	Um ambiente educativo que incentive a reflexão pessoal e que ofereça apoio emocional livre de julgamentos. Um ambiente que estimule a reflexão crítica e a liberdade de explorar o bem-estar pessoal e coletivo. Um ambiente que estimule o autoconhecimento através de experiências desafiadoras e oportunidades de aprendizagem. Um ambiente que se articule com a família e a valorize. b) c) f)
45	Julgo que o maior condicionalismo é a abertura de espírito. c)
46	Experimentalismo. h)
47	A qualidade do processo de autoconhecimento pode estar, de algum modo, condicionada pelo grau de autonomia de cada aluno. g) i)
48	A empatia h)
49	Os alunos precisam sempre de serem orientados. Na Covid verificou-se que falhou em toda a linha o autoconhecimento. i)
50	Falta de respostas da escola relativamente a algumas expectativas dos alunos. i)
51	As práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno. f) h)

52	o interesse em querer saber d)
53	A própria idiossincrasia do aluno f)
54	As práticas ativas em sala de aula que potenciem o envolvimento constante dos estudantes. c)
55	As aulas e o trabalho fora da sala de aula ser muito focada nos conteúdos e no que o professor quer ensinar. i)
56	Promover uma aprendizagem tendo em conta uma relação pedagógica e relacional com um contínuo feedback com os diferentes atores na educação dos estudantes. b) c) f)
57	. desprezar
58	Aprender fazendo. b)
59	O ambiente e valores da família c)
60	A responsabilização dos alunos. e) f)
61	Reflexão orientada. Quando os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre as suas experiências, sentimentos e comportamentos num ambiente estruturado, mais capazes serão de desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre a sua identidade. a) c) f)
62	Não adotar estratégias de avaliação formativa com feedback de qualidade que conduzam o aluno à consciencialização das suas capacidades. a) f)
63	Um ambiente de aprendizagem que valorize o trabalho colaborativo, a interajuda e a valorização da opinião do aluno. b) c) f)
64	Feedback frequente e fomento da prática da autorreflexão. f) g)
65	A cultura da nossa sociedade i)
66	A motivação e resiliência. h)

67	A formação e comportamento dos professores h) i)
68	programas e exames i)
69	Cultivar o autoconhecimento nos alunos implica, em primeiro lugar, reconhecer a importância dessa prática. É, portanto, fundamental que, na formação de docentes, a promoção do autoconhecimento seja uma temática a tratar. i)
70	A percepção que cada um - docentes e discentes - tem, do seu papel, no que respeita à aquisição do conhecimento d) f)
71	Motivação dos alunos para a aprendizagem b)
72	O contexto em que cada aluno vive c)
73	A autorreflexão g)
74	Melhora as emoções, autoestima, reduz a ansiedade, conhecer as limitações e motivações. a) g)
75	Uma sólida educação de base, a que se adquire em meio familiar, é um fator promotor do autoconhecimento. c)
76	A construção cooperativa com o docente, no que concerne às suas aprendizagens. b) c)
77	O autoconhecimento é fundamental para se desenvolver e crescer como pessoa, pois permite que o estudante identifique as suas fraquezas e potencialidades. Por vezes há dificuldades em promover, ferramentas, testes, dicas e leituras, no contexto escolar. a) i)
78	Matrizes muito preenchidas i)
79	Os condicionalismos que mais favorecem as práticas promotoras de autoconhecimento são a existência de modelos positivos, ambiente seguro e a cultura de uma aprendizagem contínua. b) c)
80	Tempo; dinâmicas pedagógicas, trabalho colaborativo, autorregulação. c) g)

81	As práticas promotoras do autoconhecimento só são favorecidas se, por um lado os docentes promoverem formas exigentes, articuladas dos diferentes domínios com tónica na mobilização de conhecimentos e na sua aplicação; por outro lado, considero como mais importante, a vontade em aprender, da busca pelo saber, a curiosidade do aluno. O aluno tem de querer, esse é o maior condicionalismo. Querer saber, ter consciência do que não sabe, e acima de tudo ter vontade de crescer, incrementar o seu saber através da consciência de si mesmo. b) d) i)
82	As orientações ao nível dos programas (AE) e dos exames finais forçam um ritmo de aprendizagem e um rumo muito orientado não permitindo ritmos de aprendizagem muito diferentes. As práticas promotoras de autoconhecimento obrigam a mais tempo de preparação dos alunos o que não se coaduna com os timings impostos pelo MEC. Preparar os alunos para o autoconhecimento e serem capazes de demonstrar os seus pontos fortes e menos fortes exige tempo e trabalho extra. b) i)
83	O trabalho em equipa, hábitos de trabalho colaborativo. c)
84	a falta de autoestima dos alunos g) i)
85	O condicionalismo que, do meu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é o condicionalismo pedagógico, que envolve a criação de um ambiente educativo que propicie reflexão pessoal, feedback constante, e oportunidades de autoavaliação a) c) i)
86	práticas letivas centradas na transmissão de conhecimento d) i)
87	O autodesconhecimento desprezar
88	Não domino suficientemente o conceito de autoconhecimento para dar uma opinião válida. desprezar
89	Quando a escola assumir que o elemento principal da escola é o aluno e quando a escola for desenhada do aluno para cima. f) i)
90	Autoavaliação/Autorregulação g) a)
91	o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é a criação de um ambiente seguro e de apoio, seja no contexto escolar, familiar ou social, onde o estudante se sinta valorizado e compreendido. c)

92	Formação dos docentes; investimento nas competências socioemocionais, através da arte, em especial as artes visuais e a música, disciplinas que foram muito desvalorizadas no currículo. c) i)
93	A disponibilidade de tempo e espaço para reflexão pessoal e introspeção. c) f)

5.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOCONHECIMENTO – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 15 – Identifique o condicionalismo que, do seu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento.

(2ª questão aberta)

Temas descortinados:

- a) Autoconhecimento associado a um processo de avaliação/autoavaliação
- b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem
- c) Autoconhecimento favorecido por ambientes apropriados
- d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento
- e) Autoconhecimento e responsabilidade
- f) Autoconhecimento associado a processos centrados no aluno
- g) Autoconhecimento e outro(a)s auto...
- h) Autoconhecimento: pontos fortes
- i) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos

5.3. Categorização das respostas

AUTOCONHECIMENTO – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 15 – Identifique o condicionalismo que, do seu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento

(2ª questão aberta)

a) Autoconhecimento associado a um processo de avaliação/autoavaliação	
42	A mudança do paradigma da avaliação
38	O aluno estar verdadeiramente consciente da sua importância.
61	Reflexão orientada. Quando os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre as suas experiências, sentimentos e comportamentos num ambiente estruturado, mais capazes serão de desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre a sua identidade..
62	Não adotar estratégias de avaliação formativa com feedback de qualidade que conduzam o aluno à consciencialização das suas capacidades
74	Melhora as emoções, autoestima, reduz a ansiedade, conhecer as limitações e motivações
77	O autoconhecimento é fundamental para se desenvolver e crescer como pessoa, pois permite que o estudante identifique as suas fraquezas e potencialidades. ...
85	O condicionalismo que, do meu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é o condicionalismo pedagógico, que envolve a criação de um ambiente educativo que propicie reflexão pessoal, feedback constante, e oportunidades de autoavaliação
90	Autoavaliação/Autorregulação

b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem	
13	PARADIGMA TRADICIONAL DO ENSINO-APRENDIZAGEM
15	O ambiente de aprendizagem.
20	A distração com assuntos supérfluos; a perda de foco e o reduzido investimento no seu processo de ensino e de aprendizagem.
28	O estudante deve ser levado a participar nas decisões, dentro do possível, do seu processo de ensino-aprendizagem - refletindo e justificando as opções.
29	As grande diversidade de didáticas a utilizar no espaço educativo face às diversas formas de aprender dos vários alunos são encorajadoras do autoconhecimento
31	Disponibilidade do aluno para desenvolver uma aprendizagem
34	Autoaprendizagem
43	Criação de ambientes de aprendizagem cooperativos onde se ajuda a ultrapassar o "erro".
44	Um ambiente educativo que incentive a reflexão pessoal e que ofereça apoio emocional livre de julgamentos. Um ambiente que estimule a reflexão crítica e a liberdade de explorar o bem-estar pessoal e coletivo. Um ambiente que estimule o autoconhecimento através de experiências desafiadoras e oportunidades de aprendizagem. Um ambiente que se articule com a família e a valorize.
56	Promover uma aprendizagem tendo em conta uma relação pedagógica e relacional com um contínuo feedback com os diferentes atores na educação dos estudantes
58	Aprender fazendo.

63	Um ambiente de aprendizagem que valorize o trabalho colaborativo, a interajuda e a valorização da opinião do aluno.
71	Motivação dos alunos para a aprendizagem
76	A construção cooperativa com o docente, no que concerne às suas aprendizagens
79	Os condicionalismos que mais favorecem as práticas promotoras de autoconhecimento são a existência de modelos positivos, ambiente seguro e a cultura de uma aprendizagem contínua.
81	As práticas promotoras do autoconhecimento só são favorecidas se, por um lado os docentes promoverem formas exigentes, articuladas dos diferentes domínios com tónica na mobilização de conhecimentos e na sua aplicação; por outro lado, considero como mais importante, a vontade em aprender, da busca pelo saber, a curiosidade do aluno. O aluno tem de querer, esse é o maior condicionalismo. Querer saber, ter consciência do que não sabe, e acima de tudo ter vontade de crescer, incrementar o seu saber através da consciência de si mesmo.
82	As orientações ao nível dos programas (AE) e dos exames finais forçam um ritmo de aprendizagem e um rumo muito orientado não permitindo ritmos de aprendizagem muito diferentes. As práticas promotoras de autoconhecimento obrigam a mais tempo de preparação dos alunos o que não se coaduna com os timings impostos pelo MEC. Preparar os alunos para o autoconhecimento e serem capazes de demonstrar os seus pontos fortes e menos fortes exige tempo e trabalho extra.

c) Autoconhecimento favorecido por ambientes apropriados	
2	Um ambiente educativo reflexivo, traduzido em trabalhos de pesquisa, trabalhos de grupo, apresentações com discussão, tertúlias dialógicas, mentorias, prática de um feedback construtivo,... Julgo ainda que o recurso a métodos de educação não formal poderia ser impactante nesta questão.
5	... a criação de um ambiente educativo seguro e de apoio. Quando os estudantes se sentem seguros, valorizados e compreendidos pelos seus professores e colegas, tendem a abrir-se mais ao processo de reflexão interna e à partilha das suas experiências e sentimentos. Esse tipo de ambiente facilita a introspeção e a autorreflexão, que são fundamentais para o autoconhecimento.
6	... criação de um ambiente seguro e de reflexão. Quando as pessoas têm espaço para explorar seus pensamentos e emoções sem julgamentos, conseguem olhar para dentro de si mesmas com maior honestidade. Este ambiente pode ser facilitado por práticas como a meditação, o diálogo interno e a presença de um apoio social empático. A segurança emocional e a liberdade de expressão são essenciais para que cada indivíduo se conheça melhor e reflita sobre suas próprias experiências e motivações.
14	A formatação social e familiar
15	O ambiente de aprendizagem
21	... um ambiente de apoio e reflexão contínua.
25	Trabalho de Projeto
36	Depende da perspetiva de cada um, mas introspeção é que favorece mais as práticas promotoras do autoconhecimento. Criar um ambiente adequado permite que o aluno promova o seu autoconhecimento
37	O meio onde estão inseridos
40	O ambiente familiar, bem como o ambiente onde se vive, condicionam bastante as práticas promotoras de autoconhecimento
43	Criação de ambientes de aprendizagem cooperativos onde se ajuda a ultrapassar o "erro".
45	Julgo que o maior condicionalismo é a abertura de espírito

54	As práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno.
56	Promover uma aprendizagem tendo em conta uma relação pedagógica e relacional com um contínuo feedback com os diferentes atores na educação dos estudantes.
59	O ambiente e valores da família
61	Reflexão orientada. Quando os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre as suas experiências, sentimentos e comportamentos num ambiente estruturado, mais capazes serão de desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre a sua identidade.
63	Um ambiente de aprendizagem que valorize o trabalho colaborativo, a interajuda e a valorização da opinião do aluno.
72	O contexto em que cada aluno vive
75	Uma sólida educação de base, a que se adquire em meio familiar, é um fator promotor do autoconhecimento.
76	A construção cooperativa com o docente, no que concerne às suas aprendizagens.
79	Os condicionalismos que mais favorecem as práticas promotoras de autoconhecimento são a existência de modelos positivos, ambiente seguro e a cultura de uma aprendizagem contínua.
80	Tempo; dinâmicas pedagógicas, trabalho colaborativo, autorregulação
83	O trabalho em equipa, hábitos de trabalho colaborativo.
85	O condicionalismo que, do meu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é o condicionalismo pedagógico, que envolve a criação de um ambiente educativo que propicie reflexão pessoal, feedback constante, e oportunidades de autoavaliação
91	o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é a criação de um ambiente seguro e de apoio, seja no contexto escolar, familiar ou social, onde o estudante se sinta valorizado e compreendido.
92	... investimento nas competências socioemocionais, através da arte, em especial as artes visuais e a música, disciplinas que foram muito desvalorizadas no currículo.
93	A disponibilidade de tempo e espaço para reflexão pessoal e introspeção.

d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento

52	o interesse em querer saber
70	A perceção que cada um - docentes e discentes - tem, do seu papel, no que respeita à aquisição do conhecimento
81	As práticas promotoras do autoconhecimento só são favorecidas se, por um lado os docentes promoverem formas exigentes, articuladas dos diferentes domínios com tónica na mobilização de conhecimentos e na sua aplicação; por outro lado, considero como mais importante, a vontade em aprender, da busca pelo saber, a curiosidade do aluno. O aluno tem de querer, esse é o maior condicionalismo. Querer saber, ter consciência do que não sabe, e acima de tudo ter vontade de crescer, incrementar o seu saber através da consciência de si mesmo.
86	práticas letivas centradas na transmissão de conhecimento

e) Autoconhecimento e responsabilidade

10	Responsabilidade e autonomia.
22	Empatia e relação de cumplicidade e responsabilidade entre professor-aluno, com o patrocínio efetivo da família.
60	A responsabilização dos alunos.

f) Autoconhecimento associado a processos centrados no aluno	
16	A reflexão
28	O estudante deve ser levado a participar nas decisões, dentro do possível, do seu processo de ensino-aprendizagem - refletindo e justificando as opções.
29	As grande diversidade de didáticas a utilizar no espaço educativo face às diversas formas de aprender dos vários alunos são encorajadoras do autoconhecimento.
36	Depende da perspetiva de cada um, mas introspeção é que favorece mais as práticas promotoras do autoconhecimento. Criar um ambiente adequado permite que o aluno promova o seu autoconhecimento.
44	Um ambiente educativo que incentive a reflexão pessoal e que ofereça apoio emocional livre de julgamentos. Um ambiente que estimule a reflexão crítica e a liberdade de explorar o bem-estar pessoal e coletivo. Um ambiente que estimule o autoconhecimento através de experiências desafiadoras e oportunidades de aprendizagem. Um ambiente que se articule com a família e a valorize.
51	As práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno
53	A própria idiosincrasia do aluno
56	Promover uma aprendizagem tendo em conta uma relação pedagógica e relacional com um contínuo feedback com os diferentes atores na educação dos estudantes.
60	A responsabilização dos alunos.
61	Reflexão orientada. Quando os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre as suas experiências, sentimentos e comportamentos num ambiente estruturado, mais capazes serão de desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre a sua identidade.
62	Não adotar estratégias de avaliação formativa com feedback de qualidade que conduzam o aluno à consciencialização das suas capacidades
63	Um ambiente de aprendizagem que valorize o trabalho colaborativo, a interajuda e a valorização da opinião do aluno.
64	Feedback frequente e fomento da prática da autorreflexão
70	A perceção que cada um - docentes e discentes - tem, do seu papel, no que respeita à aquisição do conhecimento
89	Quando a escola assumir que o elemento principal da escola é o aluno e quando a escola for desenhada do aluno para cima.
93	A disponibilidade de tempo e espaço para reflexão pessoal e introspeção.

g) Autoconhecimento e outro(a)s auto...	
1	Desenvolvimento da autonomia
5	... Quando os estudantes se sentem seguros, valorizados e compreendidos pelos seus professores e colegas, tendem a abrir-se mais ao processo de reflexão interna e à partilha das suas experiências e sentimentos. Esse tipo de ambiente facilita a introspeção e a autorreflexão, que são fundamentais para o autoconhecimento.
10	Responsabilidade e autonomia.
32	O desenvolvimento da autonomia nos alunos
35	Para mim será a capacidade de autocontrolo e de foco que cada aluno consegue em cada momento ter relativamente ao mundo que o rodeia.
41	Autonomia dos alunos.
47	A qualidade do processo de autoconhecimento pode estar, de algum modo, condicionada pelo grau de autonomia de cada aluno.

64	Feedback frequente e fomento da prática da autorreflexão.
73	A autorreflexão
74	Melhora as emoções, autoestima, reduz a ansiedade, conhecer as limitações e motivações.
80	Tempo; dinâmicas pedagógicas, trabalho colaborativo, autorregulação.
84	a falta de autoestima dos alunos
90	Autoavaliação/Autorregulação

h) Autoconhecimento: pontos fortes	
7	Do meu ponto de vista, o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras do autoconhecimento é o professor
8	Inclusão
9	Educação e instrução ou falta delas
14	A formatação social e familiar
18	A relação de empatia professor/aluno
22	Empatia e relação de cumplicidade e responsabilidade entre professor-aluno, com o patrocínio efetivo da família
39	As vivências pessoais
44	Experimentalismo
48	A empatia
51	As práticas promotoras de autoconhecimento são favorecidas por processos pedagógicos centrados no aluno.
66	A motivação e resiliência
67	A formação e comportamento dos professores

i) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos	
3	Os preconceitos dos docentes aliado a estratégias de ensino desatualizadas, tais como, as aulas expositivas.
4	A quantidade de disciplinas que os alunos têm no seu currículo.
7	Do meu ponto de vista, o condicionalismo que mais favorece as práticas promotoras do autoconhecimento é o professor
9	Educação e instrução ou falta delas
11	Formação inicial de professores e falta de formação contínua
13	PARADIGMA TRADICIONAL DO ENSINO-APRENDIZAGEM
17	Falta de maturidade dos alunos e deficiente apoio familiar
19	A necessidade de autoconhecimento
20	A distração com assuntos supérfluos; a perda de foco e o reduzido investimento no seu processo de ensino e de aprendizagem
23	Utilização elevadas da redes sociais e dos Chats GPT
24	Penso que a falta de cultura específica, entendimento e prática educacional (tanto na família, como na escola) condicionam o desenvolvimento desta prática. Assumimos que "somos todos diferentes", mas não somos capazes de incentivar o uso dessa diferença em prol do bem comum. E na escola, apesar de todos diferentes, contínua a "dar muito jeito ensinar a todos como a um só".
26	Demasiada contração na matéria
27	Falta de tempo, dada a heterogeneidade dos alunos
30	Idade
31	Disponibilidade do aluno para desenvolver uma aprendizagem
33	A formação de professores

47	A qualidade do processo de autoconhecimento pode estar, de algum modo, condicionada pelo grau de autonomia de cada aluno.
49	Os alunos precisam sempre de serem orientados. Na Covid verificou-se que falhou em toda a linha o autoconhecimento.
50	Falta de respostas da escola relativamente a algumas expectativas dos alunos.
55	As aulas e o trabalho fora da sala de aula ser muito focada nos conteúdos e no que o professor quer ensinar.
65	A cultura da nossa sociedade
67	A formação e comportamento dos professores
68	Programas e exames
69	Cultivar o autoconhecimento nos alunos implica, em primeiro lugar, reconhecer a importância dessa prática. É, portanto, fundamental que, na formação de docentes, a promoção do autoconhecimento seja uma temática a tratar.
77	... Por vezes há dificuldades em promover, ferramentas, testes, dicas e leituras, no contexto escolar.
78	Matrizes muito preenchidas
82	As orientações ao nível dos programas (AE) e dos exames finais forçam um ritmo de aprendizagem e um rumo muito orientado não permitindo ritmos de aprendizagem muito diferentes. As práticas promotoras de autoconhecimento obrigam a mais tempo de preparação dos alunos o que não se coaduna com os timings impostos pelo MEC. Preparar os alunos para o autoconhecimento e serem capazes de demonstrar os seus pontos fortes e menos fortes exige tempo e trabalho extra.
81	As práticas promotoras do autoconhecimento só são favorecidas se, por um lado os docentes promoverem formas exigentes, articuladas dos diferentes domínios com tónica na mobilização de conhecimentos e na sua aplicação; ...
84	a falta de autoestima dos alunos
85	O condicionalismo que, do meu ponto de vista, mais favorece as práticas promotoras de autoconhecimento é o condicionalismo pedagógico ...
86	práticas letivas centradas na transmissão de conhecimento
89	Quando a escola assumir que o elemento principal da escola é o aluno e quando a escola for desenhada do aluno para cima
92	Formação dos docentes; ...

6. Análise de conteúdo da questão 16 – 3ª questão aberta, relativa ao autoconhecimento e correspondente à fase da avaliação

6.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOCONHECIMENTO – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 16 – Como avalia a importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos?

(3ª questão aberta)

1	Considero fundamental para que o aluno possa, futuramente, selecionar o seu percurso académico c)
2	Atribuo grande importância! O autoconhecimento é essencial na formação integral dos alunos, pois serve como base para o desenvolvimento de várias competências pessoais e sociais. Quando os alunos têm uma compreensão clara de si mesmos – das suas forças, fraquezas, emoções, valores e motivações – estão mais bem equipados para tomar decisões conscientes e alinhar as suas escolhas com os seus objetivos pessoais e profissionais. Na formação integral, que visa o desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também emocional, social e ético, o autoconhecimento permite aos alunos gerir melhor os seus desafios, desenvolver empatia e resiliência, e trabalhar de forma mais eficaz em equipa. Além disso, capacita-os a definir metas realistas, adaptar-se a novas situações e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem e crescimento. Assim, o autoconhecimento não só apoia o sucesso académico, mas também prepara os alunos para uma vida equilibrada e significativa. a) b) c) e) h)
3	Os alunos estarão mais habilitados para serem mais autónomos g) h)
4	O autoconhecimento é importante na formação integral dos alunos pela capacidade de resiliência que lhes pode transmitir/ensinar para enfrentar as dificuldades quer da vida académica quer da vida particular. c) h)
5	A importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos é fundamental, pois é através dele que os estudantes desenvolvem uma compreensão mais profunda de si próprios, das suas emoções, capacidades, limitações e valores. Esta consciência pessoal é crucial para o crescimento equilibrado e sustentável, não só no âmbito académico, mas também a nível emocional, social e profissional. a) c)
6	O autoconhecimento é fundamental na formação integral dos alunos, pois permite que compreendam melhor as suas emoções, competências e limitações. Isso fortalece a autoestima e promove a autonomia, são aspectos essenciais para o desenvolvimento pessoal e académico. Alunos que conhecem as suas preferências, motivações e desafios são mais capazes de definir metas e adotar estratégias de aprendizagem eficazes. Além disso, o autoconhecimento facilita a gestão de conflitos e a convivência com os outros, contribuem para um ambiente escolar mais

	harmonioso e colaborativo, além de preparar os estudantes para os desafios futuros. a) b) c) g) f) h)
7	É fundamental em todo o processo de ensino e aprendizagem de forma a desenvolver todas as dimensões formativas do aluno. b) h)
8	Relevante, considerando que o aluno que se conhece bem está no caminho da sua formação integral h)
9	Medianamente importante i)
10	De extrema importância. h)
11	Muito importante h)
12	O autoconhecimento é fundamental na formação integral dos alunos, pois permite que se compreendam melhor, identifiquem as suas potencialidades e desafios, e desenvolvam a capacidade de gerir as suas emoções e comportamentos. a) c)
13	SÓ SE CONHECE O "OUTRO" MUNDO QUANDO SE "DOMINA" O PRÓPRIO MUNDO a) d)
14	Essencial h)
15	É fundamental. h)
16	É muito importante. O autoconhecimento leva à autoconfiança, à resiliência e à sua disponibilidade para o "outro".. g) h)
17	É fundamental desde que adequado ao grau de maturidade do aluno. h) i)
18	É fundamental para tomar decisões conscientes e acertadas. Ajuda a controlar as emoções e a evitar problemas de autoestima, ansiedade, frustração e instabilidade emocional. c) e) g)
19	Muito positivamente h)
20	É muito importante desde que os alunos se preocupem h) i)

21	A importância é máxima porque vai além da simples aquisição de conhecimento acadêmico. É igualmente importante no desenvolvimento de competências emocionais, sociais, éticas e cognitivas, moldando não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o crescimento pessoal e profissional. c)
22	Determinante para o seu futuro como cidadão e como profissional. h)
23	Primordial h)
24	Se cada um souber até onde pode ir, considerando as suas capacidades específicas, evitaríamos frustrações e todos os inconvenientes daí derivados. a)
25	Importância crucial h)
26	Fundamental. h)
27	Importantíssima, sendo pedra basilar de toda a construção da aprendizagem/ conhecimento b) d) h)
28	Vide resposta 15 e 16. 15 - Os alunos, jovens em geral, são extremamente egocêntricos, como é característico das idades que atravessam. As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu cotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro. c) d) 16 - O estudante deve ser levado a participar nas decisões, dentro do possível, do seu processo de ensino-aprendizagem b)
29	Um aluno, nestas circunstâncias, carrega para a sua formação integral uma infinidade de assuntos e conhecimentos que irão exponenciar e tornar mais perenes as aprendizagens realizadas. b)
30	Fundamental. h)
31	Permite que os alunos disponham de ferramentas para assimilar e decidir sobre todos os aspectos da sua vida pessoal, profissional e fazer as opções em termos sociais. c)

32	É importante pois permite aos alunos relacionar os seus interesses com o mundo envolvente e crescer enquanto pessoa. c)
33	Tem um papel central na formação e informação. c) d)
34	Muito importante h)
35	É fundamental o autoconhecimento na formação integral dos alunos, só assim é que consegue progredir e ultrapassar todas as barreiras educativas com um maior sucesso. h)
36	É a premissa fundamental para a formação integral dos alunos. O autoconhecimento não se limita à simples aquisição de conhecimentos, é também importante conhecermo-nos a nível emocional como reagimos perante determinadas situações. c) d)
37	No meu ponto de vista é de alta importância h)
38	Essencial. h)
39	O autoconhecimento é muito importante para a formação integral dos alunos. h)
40	Avalio-o (muito) positivamente. Querer saber mais é sempre muito importante para o desenvolvimento pleno dos alunos. c)
41	De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente. a) b)
42	Ajuda a perceber onde estão e o que precisam de fazer para chegar onde pretendem a) h)
43	Permite o desenvolvimento do aluno como um TODO. c)
44	A importância do autoconhecimento pode ser avaliada ao observar como o autoconhecimento contribui para o desenvolvimento escolar, emocional e social do aluno. Pode ser avaliada também verificando se os alunos através da sua capacidade de autonomia, resiliência e pelo seu grau de responsabilidade. c) e) g)
45	Acho muito importante. h)

46	Indispensável. h)
47	É muito importante. h)
48	Importante para a construção da sua personalidade c)
49	Pouco eficaz i)
50	Difícil de responder, mas muito depende da capacidade individual de validação das fontes. i)
51	O autoconhecimento é uma condição basilar na formação integral do aluno, contribuindo para desenvolver a sua autonomia e a confiança nas suas capacidades. c) g)
52	Muito importante h)
53	Muito importante h)
54	É fundamental para que os estudantes explorem o potencial máximo de cada um , quer como aluno quer como cidadão ativo. a) c)
55	É muito importância pela confiança e segurança que transmite aos alunos, fundamental para a sua formação. c)
56	O saber ser e estar são premissas fundamentais para um melhor autoconhecimento em toda a formação dos alunos. Serve para que o aluno tenha noção das suas capacidades no sentido de potenciar as mesmas para o seu desempenho e assim melhorar as suas aprendizagens. a) b)
57	Importante porque incrementa a autonomia do aluno e competências de ser sempre um aprendiz ao longo da vida g) f)
58	Importante, mas pouco valorizada. h) i)
59	Extremamente importante. h)
60	O autoconhecimento permite compreender as emoções, pensamentos, comportamentos e personalidade, o que é fundamental no dia a dia escolar, desde a interação com os colegas a momentos de maior stress como provas. a)

61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade. b) c) e) g) h)
62	Permite ao aluno obter uma visão holística sobre as diferentes áreas de competências onde é mais forte e/ou onde tem mais fragilidades, emocional, corporal, criativa, científica, tecnológica, etc. a) f)
63	O autoconhecimento é fundamental na formação integral do aluno porque lhe permite conhecer várias perspetivas, questionar e filtrar a informação e, conseqüentemente promove o desenvolvimento do espírito crítico. d) h)
64	A formação integral do aluno implica o seu autoconhecimento, caso contrário não é integral. desprezei
65	Sem ele não há formação íntegral desprezei
66	O autoconhecimento contribui de forma decisiva para formar cidadãos ativos, informados e participativos. e) h)
67	Importância máxima para o desenvolvimento de competências f)
68	muito importante h)
69	O aluno adquire ferramentas e desenvolve estratégias que lhe permitem conhecer-se enquanto indivíduo, enquanto aprendiz, definir os seus objetivos e a melhor forma de os concretizar. b) f)
70	Muito importante. h)
71	Imprescindível no percurso escolar dos alunos h)
72	Preponderante h)
73	Gestão das suas emoções, conhecer os seus limites a) c)

74	É muito importante ter esse autoconhecimento, pois permite uma maior consciencialização das suas capacidades e limitações. a)
75	Quanto maior for o autoconhecimento que os alunos têm de si, melhor poderão conhecer/expressar o que preferem estudar, formular opiniões, interagir em contextos de aprendizagem e, desta forma, adquirir múltiplas competências. b) f)
76	Tremendamente importante. h)
77	Desenvolver o autoconhecimento na escola traz uma série de benefícios para os estudantes. Além de contribuir para a inteligência socioemocional, o autoconhecimento capacita as crianças e adolescentes a gerir as suas emoções, promovendo um ambiente escolar mais saudável. c) h)
78	Acho imprescindível h)
79	Vai permitir o desenvolvimento de habilidades sociais, desenvolvimento pessoal e autonomia. c) g)
80	Sem esse autoconhecimento não há desenvolvimento. Daí avalio como crucial para acrescentar valor. h)
81	O autoconhecimento potencia a formação integral do aluno na medida que a consciência de si mesmo, do que sabe é o que sabe que não sabe, lhe permite alavancar novas aprendizagens em várias dimensões da sua formação. Todas as aprendizagens confluem para um indivíduo mais capaz, e com competências que se interligam e que compreendem o aluno como um todo. O autoconhecimento permite essa possibilidade de crescimento integral. b) f)
82	Muito importante. Conhecendo-se melhor, o aluno estará melhor capacitado para olhar os novos conhecimentos a adquirir. É importante e expectável que esse autoconhecimento evolua ao longo do processo educativo. O docente será um orientador mais próximo do alunos e facilitador das suas aprendizagens numa fase inicial, e mais distante no sentido de não facilitar as aprendizagens, mas dar/ensinar ferramentas de controlo das aprendizagens de forma autónoma. b) d) g) h)
83	Fundamental. O autoconhecimento é potenciador de autoconfiança o que leva à motivação para a aprendizagem e e para a construção de uma formação integral do indivíduo. b) h)

84	Maior compreensão de como as suas ações e emoções afetam os outros. c) h)
85	É um dos pilares fundamentais para o seu desenvolvimento académico, emocional, social e até mesmo profissional. Ao longo do processo educativo, o autoconhecimento permite que os estudantes se tornem mais conscientes de suas próprias capacidades, limitações, valores e emoções, o que contribui para uma aprendizagem mais eficaz e um maior equilíbrio em diversas áreas da sua vida a) b) c)
86	Grau elevado de importância dado que irá contribuir para uma consolidação e facilitação de aprendizagens ao longo da vida b)
87	É essencial h)
88	Não domino suficientemente o conceito de autoconhecimento para dar uma opinião válida. desprezar
89	O aluno torna-se autónomo, participativo e crítico. c) g)
90	Fundamental na construção da autoconfiança e da autorregulação. g)
91	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos, pois contribui para o desenvolvimento de todas as dimensões necessárias à sua realização como indivíduos e cidadãos: a intelectual, a emocional, a social e a ética. c) d)
92	A base da formação da personalidade inicia-se nos primeiros anos de vida de uma criança. Daí ser importante iniciar-se este processo na Educação Pré-Escolar e dar-lhe continuidade ao longo dos 3 ciclos do ensino básico. j)
93	É muito importante. h)

6.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOCONHECIMENTO – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 16 – Como avalia a importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos?

(3ª questão aberta)

Temas descortinados:

- a) Autoconhecimento associado a um processo de avaliação/autoavaliação
- b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem
- c) Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal/social/emocional/acadêmico/ética
- d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento
- e) Autoconhecimento e responsabilidade
- f) Autoconhecimento no desenvolvimento de competências
- g) Autoconhecimento e outro(a)s auto...
- h) Autoconhecimento: pontos fortes
- i) Autoconhecimento pontos fracos/constrangimentos
- j) Autoconhecimento quando se desenvolve

6.3. Categorização das respostas

AUTOCONHECIMENTO – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 16 – Como avalia a importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos?

(3ª questão aberta)

a) Autoconhecimento associado a um processo de avaliação/autoavaliação	
2	... Quando os alunos têm uma compreensão clara de si mesmos – das suas forças, fraquezas, emoções, valores e motivações – estão mais bem equipados para tomar decisões conscientes e alinhar as suas escolhas com os seus objetivos pessoais e profissionais. ...
5	A importância do autoconhecimento na formação integral dos alunos é fundamental, pois é através dele que os estudantes desenvolvem uma compreensão mais profunda de si próprios, das suas emoções, capacidades, limitações e valores. ...
6	O autoconhecimento é fundamental na formação integral dos alunos, pois permite que compreendam melhor as suas emoções, competências e limitações. ...
12	O autoconhecimento é fundamental na formação integral dos alunos, pois permite que se compreendam melhor, identifiquem as suas potencialidades e desafios, e desenvolvam a capacidade de gerir as suas emoções e comportamentos.
13	SÓ SE CONHECE O "OUTRO" MUNDO QUANDO SE "DOMINA" O PRÓPRIO MUNDO
24	Se cada um souber até onde pode ir, considerando as suas capacidades específicas, evitaríamos frustrações e todos os inconvenientes daí derivados.
41	De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente.
42	De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente.
54	É fundamental para que os estudantes explorem o potencial máximo de cada um , quer como aluno quer como cidadão ativo.
56	O saber ser e estar são premissas fundamentais para um melhor autoconhecimento em toda a formação dos alunos. Serve para que o aluno tenha noção das suas capacidades no sentido de potenciar as mesmas para o seu desempenho e assim melhorar as suas aprendizagens.
60	Importante, mas pouco valorizada.
62	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
73	Gestão das suas emoções, conhecer os seus limites
74	É muito importante ter esse autoconhecimento, pois permite uma maior consciencialização das suas capacidades e limitações.
85	É um dos pilares fundamentais para o seu desenvolvimento académico, emocional, social e até mesmo profissional. Ao longo do processo educativo, o autoconhecimento permite que os estudantes se tornem mais conscientes de suas próprias capacidades, limitações, valores e emoções, o que contribui para uma aprendizagem mais eficaz e um maior equilíbrio em diversas áreas da sua vida

b) Autoconhecimento como um processo de aprendizagem/autoaprendizagem	
2	... Além disso, capacita-os a definir metas realistas, adaptar-se a novas situações e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem e crescimento. ...
7	É fundamental em todo o processo de ensino e aprendizagem de forma a desenvolver todas as dimensões formativas do aluno.
27	Importantíssima, sendo pedra basilar de toda a construção da aprendizagem/conhecimento
28	O estudante deve ser levado a participar nas decisões, dentro do possível, do seu processo de ensino-aprendizagem
29	Um aluno, nestas circunstâncias, carrega para a sua formação integral uma infinidade de assuntos e conhecimentos que irão exponenciar e tornar mais perenes as aprendizagens realizadas.
41	De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente.
56	O saber ser e estar são premissas fundamentais para um melhor autoconhecimento em toda a formação dos alunos. Serve para que o aluno tenha noção das suas capacidades no sentido de potenciar as mesmas para o seu desempenho e assim melhorar as suas aprendizagens.
61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
69	O aluno adquire ferramentas e desenvolve estratégias que lhe permitem conhecer-se enquanto indivíduo, enquanto aprendiz, definir os seus objetivos e a melhor forma de os concretizar.
75	Quanto maior for o autoconhecimento que os alunos têm de si, melhor poderão conhecer/expressar o que preferem estudar, formular opiniões, interagir em contextos de aprendizagem e, desta forma, adquirir múltiplas competências.
81	O autoconhecimento potencia a formação integral do aluno na medida que a consciência de si mesmo, do que sabe e o que sabe que não sabe, lhe permite alavancar novas aprendizagens em várias dimensões da sua formação. Todas as aprendizagens confluem para um indivíduo mais capaz, e com competências que se interligam e que compreendem o aluno como um todo. O autoconhecimento permite essa possibilidade de crescimento integral.
82	Muito importante. Conhecendo-se melhor, o aluno estará melhor capacitado para olhar os novos conhecimentos a adquirir. É importante e expectável que esse autoconhecimento evolua ao longo do processo educativo. O docente será um orientador mais próximo do aluno e facilitador das suas aprendizagens numa fase inicial, e mais distante no sentido de não facilitar as aprendizagens, mas dar/ensinar ferramentas de controlo das aprendizagens de forma autónoma.
83	Fundamental. O autoconhecimento é potenciador de autoconfiança o que leva à motivação para a aprendizagem e para a construção de uma formação integral do indivíduo.
85	É um dos pilares fundamentais para o seu desenvolvimento académico, emocional, social e até mesmo profissional. Ao longo do processo educativo, o autoconhecimento permite que os estudantes se tornem mais conscientes de suas próprias capacidades, limitações, valores e emoções, o que contribui para uma aprendizagem mais eficaz e um maior equilíbrio em diversas áreas da sua vida

86	Grau elevado de importância dado que irá contribuir para uma consolidação e facilitação de aprendizagens ao longo da vida
----	---

c) Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal/social/emocional/académico/ética	
1	Considero fundamental para que o aluno possa, futuramente, selecionar o seu percurso académico
2	Atribuo grande importância! O autoconhecimento é essencial na formação integral dos alunos, pois serve como base para o desenvolvimento de várias competências pessoais e sociais. ... mas também emocional, social e ético, ... não só apoia o sucesso académico, mas também prepara os alunos para uma vida equilibrada e significativa.
4	O autoconhecimento é importante na formação integral dos alunos pela capacidade de resiliência que lhes pode transmitir/ensinar para enfrentar as dificuldades quer da vida académica quer da vida particular.
5	... Esta consciência pessoal é crucial para o crescimento equilibrado e sustentável, não só no âmbito académico, mas também a nível emocional, social e profissional.
6	... Isso fortalece a autoestima e promove a autonomia, são aspectos essenciais para o desenvolvimento pessoal e académico. ...
12	O autoconhecimento é fundamental na formação integral dos alunos, pois permite que se compreendam melhor, identifiquem as suas potencialidades e desafios, e desenvolvam a capacidade de gerir as suas emoções e comportamentos.
18	... Ajuda a controlar as emoções e a evitar problemas de autoestima, ansiedade, frustração e instabilidade emocional.
21	A importância é máxima porque vai além da simples aquisição de conhecimento académico. É igualmente importante no desenvolvimento de competências emocionais, sociais, éticas e cognitivas, moldando não apenas o conhecimento académico, mas também o crescimento pessoal e profissional.
28	... As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu quotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro.
31	Permite que os alunos disponham de ferramentas para assimilar e decidir sobre todos os aspetos da sua vida pessoal, profissional e fazer as opções em termos sociais.
32	É importante pois permite aos alunos relacionar os seus interesses com o mundo envolvente e crescer enquanto pessoa.
33	Tem um papel central na formação e informação
36	É a premissa fundamental para a formação integral dos alunos. O autoconhecimento não se limita à simples aquisição de conhecimentos, é também importante conhecermo-nos a nível emocional como reagimos perante determinadas situações.
40	Avalio-o (muito) positivamente. Querer saber mais é sempre muito importante para o desenvolvimento pleno dos alunos.
43	Permite o desenvolvimento do aluno como um TODO.
44	A importância do autoconhecimento pode ser avaliada ao observar como o autoconhecimento contribui para o desenvolvimento escolar, emocional e social do aluno. Pode ser avaliada também verificando se os alunos através da sua capacidade de autonomia, resiliência e pelo seu grau de responsabilidade.
48	Importante para a construção da sua personalidade
51	O autoconhecimento é uma condição basilar na formação integral do aluno, contribuído para desenvolver a sua autonomia e a confiança nas suas capacidades.
54	É fundamental para que os estudantes explorem o potencial máximo de cada um, quer como aluno quer como cidadão ativo.

	É muito importância pela confiança e segurança que transmite aos alunos, fundamental para a sua formação.
55	É muito importância pela confiança e segurança que transmite aos alunos, fundamental para a sua formação.
61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
73	Gestão das suas emoções, conhecer os seus limites
77	Desenvolver o autoconhecimento na escola traz uma série de benefícios para os estudantes. Além de contribuir para a inteligência socioemocional, o autoconhecimento capacita as crianças e adolescentes a gerir as suas emoções, promovendo um ambiente escolar mais saudável.
79	Vai permitir o desenvolvimento de habilidades sociais, desenvolvimento pessoal e autonomia.
84	Maior compreensão de como as suas ações e emoções afetam os outros.
85	É um dos pilares fundamentais para o seu desenvolvimento académico, emocional, social e até mesmo profissional. Ao longo do processo educativo, o autoconhecimento permite que os estudantes se tornem mais conscientes de suas próprias capacidades, limitações, valores e emoções, o que contribui para uma aprendizagem mais eficaz e um maior equilíbrio em diversas áreas da sua vida
89	O aluno torna-se autónomo, participativo e crítico.
91	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos, pois contribui para o desenvolvimento de todas as dimensões necessárias à sua realização como indivíduos e cidadãos: a intelectual, a emocional, a social e a ética

d) Autoconhecimento no desenvolvimento do conhecimento	
13	SÓ SE CONHECE O "OUTRO" MUNDO QUANDO SE "DOMINA" O PRÓPRIO MUNDO
27	Importantíssima, sendo pedra basilar de toda a construção da aprendizagem/ conhecimento
28	... As exigências múltiplas e imediatistas que enfrentam no seu quotidiano - dos seus pares, das redes sociais que frequentam, etc. - impede-os de aprofundar e refletir - seja o aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, seja o refletirem na personalidade que pretendem ser - o ser humano que pretendem ser no futuro.
33	Tem um papel central na formação e informação
36	É a premissa fundamental para a formação integral dos alunos. O autoconhecimento não se limita à simples aquisição de conhecimentos, é também importante conhecermo-nos a nível emocional como reagimos perante determinadas situações.
63	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
82	Muito importante. Conhecendo-se melhor, o aluno estará melhor capacitado para olhar os novos conhecimentos a adquirir. É importante e expectável que esse autoconhecimento evolua ao longo do processo educativo. O docente será um orientador mais próximo do alunos e facilitador das suas aprendizagens numa fase inicial, e mais distante no sentido de não facilitar as aprendizagens, mas dar/ensinar ferramentas de controlo das aprendizagens de forma autónoma.

e) Autoconhecimento e responsabilidade	
2	... Além disso, capacita-os a definir metas realistas, adaptar-se a novas situações e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem e crescimento. ...
18	É fundamental para tomar decisões conscientes e acertadas. ...
44	A importância do autoconhecimento pode ser avaliada ao observar como o autoconhecimento contribui para o desenvolvimento escolar, emocional e social do aluno. Pode ser avaliada também verificando se os alunos através da sua capacidade de autonomia, resiliência e pelo seu grau de responsabilidade.
61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
66	O autoconhecimento contribui de forma decisiva para formar cidadãos ativos, informados e participativos.
91	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos, pois contribui para o desenvolvimento de todas as dimensões necessárias à sua realização como indivíduos e cidadãos: a intelectual, a emocional, a social e a ética

f) Autoconhecimento no desenvolvimento de competências	
6	... permite que compreendam melhor as suas emoções, competências e limitações.
57	Importante porque incrementa a autonomia do aluno e competências de ser sempre um aprendiz ao longo da vida
62	Permite ao aluno obter uma visão holística sobre as diferentes áreas de competências onde é mais forte e/ou onde tem mais fragilidades, emocional, corporal, criativa, científica, tecnológica, etc.
67	Importância máxima para o desenvolvimento de competências
69	O aluno adquire ferramentas e desenvolve estratégias que lhe permitem conhecer-se enquanto indivíduo, enquanto aprendiz, definir os seus objetivos e a melhor forma de os concretizar.
75	Quanto maior for o autoconhecimento que os alunos têm de si, melhor poderão conhecer/expressar o que preferem estudar, formular opiniões, interagir em contextos de aprendizagem e, desta forma, adquirir múltiplas competências.
81	O autoconhecimento potencia a formação integral do aluno na medida que a consciência de si mesmo, do que sabe é o que sabe que não sabe, lhe permite alavancar novas aprendizagens em várias dimensões da sua formação. Todas as aprendizagens confluem para um indivíduo mais capaz, e com competências que se interligam e que compreendem o aluno como um todo. O autoconhecimento permite essa possibilidade de crescimento integral.

g) Autoconhecimento e outro(a)s auto...	
3	Os alunos estarão mais habilitados para serem mais autónomos
6	... Isso fortalece a autoestima e promove a autonomia, ...
16	É muito importante. O autoconhecimento leva à autoconfiança, à resiliência e à sua disponibilidade para o "outro"..
18	É fundamental para tomar decisões conscientes e acertadas. Ajuda a controlar as emoções e a evitar problemas de autoestima, ansiedade, frustração e instabilidade emocional.
44	A importância do autoconhecimento pode ser avaliada ao observar como o autoconhecimento contribui para o desenvolvimento escolar, emocional e social do

	aluno. Pode ser avaliada também verificando se os alunos através da sua capacidade de autonomia, resiliência e pelo seu grau de responsabilidade.
51	O autoconhecimento é uma condição basilar na formação integral do aluno, contribuído para desenvolver a sua autonomia e a confiança nas suas capacidades.
57	Importante porque incrementa a autonomia do aluno e competências de ser sempre um aprendiz ao longo da vida
61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. Permite ir para além da aprendizagem académica e curricular, integrando o desenvolvimento pessoal e socioemocional. Permite a tomada de decisões informadas, desenvolve a resiliência a adaptabilidade e promove a autonomia e a responsabilidade.
79	Vai permitir o desenvolvimento de habilidades sociais, desenvolvimento pessoal e autonomia.
82	... O docente será um orientador mais próximo do alunos e facilitador das suas aprendizagens numa fase inicial, e mais distante no sentido de não facilitar as aprendizagens, mas dar/ensinar ferramentas de controlo das aprendizagens de forma autónoma.
89	O aluno torna-se autónomo, participativo e crítico.
90	Fundamental na construção da autoconfiança e da autorregulação

h) Autoconhecimento: pontos fortes	
2	... Na formação integral, que visa o desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também emocional, social e ético, o autoconhecimento permite aos alunos gerir melhor os seus desafios, desenvolver empatia e resiliência, e trabalhar de forma mais eficaz em equipa. Além disso, capacita-os a definir metas realistas, adaptar-se a novas situações e assumir responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem e crescimento. Assim, o autoconhecimento não só apoia o sucesso académico, mas também prepara os alunos para uma vida equilibrada e significativa.
3	Os alunos estarão mais habilitados para serem mais autónomos
4	O autoconhecimento é importante na formação integral dos alunos pela capacidade de resiliência que lhes pode transmitir/ensinar para enfrentar as dificuldades quer da vida académica quer da vida particular.
6	... Além disso, o autoconhecimento facilita a gestão de conflitos e a convivência com os outros, contribuem para um ambiente escolar mais harmonioso e colaborativo, além de preparar os estudantes para os desafios futuros.
7	É fundamental em todo o processo de ensino e aprendizagem de forma a desenvolver todas as dimensões formativas do aluno.
8	Relevante, considerando que o aluno que se conhece bem está no caminho da sua formação integral
10	De extrema importância.
11	Muito importante
14	Essencial
15	É fundamental.
16	É muito importante. O autoconhecimento leva à autoconfiança, à resiliência e à sua disponibilidade para o "outro"..
17	É fundamental desde que adequado ao grau de maturidade do aluno.
20	É muito importante desde que os alunos se preocupem
22	Determinante para o seu futuro como cidadão e como profissional.
23	Primordial
25	Importância crucial
26	Fundamental

27	Importantíssima, sendo pedra basilar de toda a construção da aprendizagem/ conhecimento
30	Fundamental
34	Muito importante
35	É fundamental o autoconhecimento na formação integral dos alunos, só assim é que consegue progredir e ultrapassar todas as barreiras educativas com um maior sucesso.
37	No meu ponto de vista é de alta importância
38	Essencial
39	O autoconhecimento é muito importante para a formação integral dos alunos
42	De grande importância, pois se o aluno conhecer as suas capacidades, é capaz de aprender mais facilmente.
45	Acho muito importante.
46	Indispensável.
47	É muito importante.
52	Muito importante
53	Muito importante
58	Importante, mas pouco valorizada.
59	Extremamente importante.
61	O autoconhecimento é fundamental para a formação integral dos alunos. ...
66	O autoconhecimento contribui de forma decisiva para formar cidadãos ativos, informados e participativos.
68	Muito importante
70	Muito importante
71	Imprescindível no percurso escolar dos alunos
72	Preponderante
76	Tremendamente importante
77	Desenvolver o autoconhecimento na escola traz uma série de benefícios para os estudantes. Além de contribuir para a inteligência socioemocional, o autoconhecimento capacita as crianças e adolescentes a gerir as suas emoções, promovendo um ambiente escolar mais saudável.
78	Acho imprescindível
80	Sem esse autoconhecimento não há desenvolvimento. Daí avalio como crucial para acrescentar valor.
82	Muito importante. ...
83	Muito importante. ...
84	Maior compreensão de como as suas ações e emoções afetam os outros.
93	É muito importante.

i) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos

9	Medianamente importante
17	É fundamental desde que adequado ao grau de maturidade do aluno.
20	É muito importante desde que os alunos se preocupem
49	Pouco eficaz
50	Difícil de responder, mas muito depende da capacidade individual de validação das fontes.
58	Importante, mas pouco valorizada.

j) Autoconhecimento quando se desenvolve

92	A base da formação da personalidade inicia-se nos primeiros anos de vida de uma criança. Daí ser importante iniciar-se este processo na Educação Pré-Escolar e dar-lhe continuidade ao longo dos 3 ciclos do ensino básico.
----	---

7. Análise de conteúdo da questão 17 – 1ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase do diagnóstico/análise

7.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOAPRENDIZAGEM – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 17 – Qual a sua perspectiva sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares?

(4ª questão aberta)

1	Permitirá uma análise do processo desenvolvido a)
2	Deveria ser rotina h)
3	Considero que é importante o diagnóstico. g)
4	Dá-lhes a possibilidade de saberem em que nível se encontram. a)
5	Na minha perspectiva, o diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes, especialmente no início (o diagnóstico ajuda a identificar o ponto de partida de cada aluno em termos de competências de autoaprendizagem, como a capacidade de planejamento, organização, gestão do tempo e uso de estratégias eficazes de estudo) e no final (um novo diagnóstico permite avaliar o progresso dos alunos em termos de autonomia e autogestão da aprendizagem) dos ciclos escolares, é de extrema relevância. Este processo permite avaliar a capacidade dos alunos de gerirem de forma autónoma o seu próprio processo de aprendizagem, um aspeto fundamental para o desenvolvimento de competências essenciais ao longo da vida. a) b) c) f)
6	O diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos alunos é extremamente relevante, especialmente no início e no final dos ciclos escolares. No início, permite identificar o nível de autonomia e as estratégias de aprendizagem que os discentes já dominam, ajudando a ajustar os métodos de ensino às suas necessidades específicas. No final do ciclo, o diagnóstico serve para avaliar o progresso dos alunos, a eficácia das metodologias aplicadas e o desenvolvimento de competências essenciais para a continuidade dos estudos ou para a inserção no mercado de trabalho. Esta análise ajuda a melhorar continuamente os processos de ensino e aprendizagem. b) c)
7	Um diagnóstico bem feito vai permitir ao professor conhecer um pouco melhor os seus alunos, podendo então traçar caminhos que o irão ajudar a operacionalizar a autoaprendizagem dos discentes. a)

8	Difícil de operacionalizar mas não impossível h)
9	Não sei desprezar
10	De extrema importância g)
11	Muito importante, mas residual h)
12	É uma ferramenta fundamental para a construção de um processo educativo mais eficaz e personalizado. d)
13	SE SÓ EXISTE EVOLUÇÃO SE TODAS AS ETAPAS FOREM CONSOLIDADAS COM CONSCIÊNCIA DESSE MESMO CAMINHO IMPORTA TRAÇAR PERCURSOS DIALÉTICOS a)
14	não pode haver estratégia que não tenha um posto de partida. Logo, é imprescindível a)
15	A operacionalização da autoaprendizagem não deve ser feita no início nem no final dos ciclos escolares. Esta operacionalização deve estar integrada nos ambientes de aprendizagem, nos processos de ensino-aprendizagem. d)
16	A autoaprendizagem está ligada à autonomia e à autorregulação. Em ciclos mais baixos perspetivo um grau muito baixo que vai melhorando com a idade. i)
17	O diagnóstico é fundamental pois só a partir do mesmo o discente tomará consciência da sua evolução. a)
18	Concordo. g)
19	Muito relevante g)
20	Existem variáveis intrínsecas ao aluno que condicionarão esses processos i)
21	A realização de um diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes no início e no final dos ciclos escolares é extremamente relevante porque possibilita uma análise precisa de como os alunos estão a desenvolver competências fundamentais. a) e)
22	Determinante, para que se saiba o ponto de partida e se determine por onde começar. a)

23	Elevada g)
24	Relevante será. Tenho dúvidas se a maioria se preocupa com isso. h)
25	É determinante para o processo evolutivo. a)
26	Devia ser obrigatório. g)
27	Deveria ser algo a trabalhar, carecendo, previamente, do envolvimento/ capacitação dos professores, para a sua promoção junto dos alunos a)
28	Seria extremamente relevante; no entanto, o elevado nº de discentes tutelados por cada professor inviabiliza - ou, pelo menos, vicia - a possibilidade de um cabal diagnóstico. h)
29	Concordo inteiramente. O processo de decisão carece sempre de um diagnóstico que, acompanhado da investigação, irá produzir uma melhoria dos processos educativos. d)
30	É fundamental mas, ao mesmo tempo, nos inícios de ciclos. b)
31	Vai permitir correções ao longo do tempo e comparar as diferentes etapas. a)
32	Não tenho opinião. desprezar
33	Central g)
34	Mais relevante no início de ciclo. b)
35	Este diagnóstico permite-nos em fase inicial do processo, conhecer todas as potencialidades de cada aluno e no final receber um feedback sobre todo o processo de aprendizagem dos alunos, contribuindo estes relatórios para a melhoria dos resultados futuros, uma vez que obtemos dados importantes sobre os quais podemos atuar. a) b) c)
36	O diagnóstico é base de qualquer ação de aprendizagem, por isso é relevante saber a)
37	Muito relevante g)

38	Pertinente e importante. g)
39	Considero que o diagnóstico sobre a autoaprendizagem dos alunos é muito importante porque permite regular o processo de ensino e de aprendizagem. a) d)
40	Penso que os alunos não têm muito consciência destes diagnósticos. h)
41	É muito relevante, pois alunos que são capazes de procurar informação, de a filtrar, são alunos que mais facilmente aprendem. a) d)
42	É importante saber se os resultados validam os objetivos propostos a)
43	o diagnóstico permite saber o ponto de partida onde se encontra o aluno, bem como a sua evolução no final do ciclo. b) c)
44	O diagnóstico no início de um ciclo escolar é essencial na operacionalização da autoaprendizagem dos alunos, pois permite ajustar as estratégias e abordagens pedagógicas adequadas às capacidades dos alunos e permite desenvolver neles a necessária autonomia. Permite, no final de um ciclo, que um aluno seja agente ativo na construção de uma educação mais personalizada e reflexiva, com impacto na sua vida. b) c) f)
45	Acho bastante pertinente, permitindo aferir com mais precisão das suas capacidades e conhecimento. a)
46	Necessária à predisposição a novas aprendizagens. a)
47	Creio que é bastante relevante. g)
48	É uma etapa importante para medir a relevância das aprendizagens a) d)
49	Concordo desprezar
50	Penso que é decisivo no sentido de se garantir uma orientação segura e eficaz para os discentes.
51	Num processo de avaliação contínua, a realização de um diagnóstico deste tipo ajuda a monitorizar o grau de envolvimento do aluno na sua própria aprendizagem e a determinar que tipo de práticas de autoaprendizagem e medidas de autorregulação dever ser desenvolvida a) f)

52	Muito importante g)
53	Muito importante g)
54	Considero este diagnóstico, no início e no final de cada ciclo, é bastante relevante na medida que permite ter uma percepção da evolução de cada aluno neste domínio e, em função dos resultados, reajustar estratégias de forma a potenciar o mais possível o desenvolvimento da autoaprendizagem em cada aluno. a)
55	Sem esse diagnóstico perde-se o "contacto" com o aluno, deixa-se de interagir. a)
56	Todo o diagnóstico realizado será importante desde que seja monitorizado, avaliado e servir para redefinir estratégias e ações no sentido de promover a melhoria das aprendizagens dos discentes. a) d)
57	O diagnóstico é importante para o professor e o aluno perceberem as competências que este tem ao nível da autoaprendizagem. a) e)
58	Importante criar momentos de monitorização e de autoavaliação com regularidade e estabelecer equipas educativas. a) f)
59	Se for correto de relevância máxima. g)
60	A autoaprendizagem reflete-se em maior sucesso educativo. d)
61	O diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos alunos poderá ser uma ferramenta importante para garantir que os alunos/estudantes estão a desenvolver as competências necessárias e suficientes que lhes permitam uma aprendizagem autónoma e eficaz ao longo da vida. e) f)
62	Permite investir em áreas de melhoria. a)
63	É fundamental durante todo o processo de desenvolvimento de aprendizagens e demais competências. d) e)
64	É importante, enquanto instrumento de monitorização. a)

65	Em qualquer momento o diagnóstico é imprescindível g)
66	Os docentes preocupam-se com a realização da avaliação diagnóstica, tanto no início do ano/ciclo, como no início de cada unidade curricular. O diagnóstico é fundamental para aferir em que nível de conhecimentos se encontram para a implementação da estratégia mais ajustada a cada aluno. No final de ciclo a avaliação realizada para a tomada de decisão tem subjacente a perspectiva da recolha de elementos sobre as diferentes aprendizagens. a) b) c)
67	O diagnóstico é essencial como ponto de partida para a operacionalização da autoaprendizagem permitindo uma planificação estruturada em cada ciclo. a)
68	Acho importante como avaliação do sistema e não dos alunos a)
69	É essencial para que os objetivos possam ser traçados de forma mais realista e ajustada aos alunos em causa. a)
70	Muito relevante. g)
71	O diagnóstico revela-se fundamental para definir/redefinir o melhor caminho a seguir no ciclo seguinte a)
72	É fundamental g)
73	Relevante g)
74	É bastante importante para ter uma noção se o método aplicado surtiu efeito ou não. a)
75	O diagnóstico é importante para possibilitar aos professores trabalhar sobretudo, no início e no final de cada ciclo escolar, a empatia, a autoestima e a autoimagem dos discentes. De igual modo, permitirá aos docentes dos diferentes ciclos de ensino conhecer e articular as dificuldades e perfil dos alunos. O diagnóstico é peça fundamental para o sucesso dos discentes e para a identificação de estratégias dos docentes. a) f)
76	O diagnóstico é relevante se adequado ao perfil de cada aluno e tendo em consideração o PASEO. h)
77	Seria importante a utilização de ferramentas de monitorização desta autoaprendizagem. a)

78	O diagnóstico é importante para definir os termos da operacionalização a)
79	No início permite identificar as necessidades e definir um processo, no final dos ciclos serve para avaliar competências e planejar o futuro. b) c)
80	O ponto de partida é sempre importante para compreender as concepções alternativas dos alunos e também perceber qual o melhor caminho e estratégias para acrescentar valor no aluno. a)
81	O diagnóstico é o ponto de partida para que, consciente da sua situação, o aluno possa realizar um caminho crescendo na operacionalização da autoaprendizagem. a)
82	Avaliar a progressão da autoaprendizagem do aluno permitirá também perceber se o mesmo está preparado para enfrentar os desafios depois da escolaridade que se propôs atingir. A escola não prepara para tudo, mas dá ferramentas para que a aprendizagem seja constante e intrínseca e a autoaprendizagem é fundamental para a formação integral do indivíduo. d) e)
83	Não me parece de grande relevância. O trabalho deve ser contínuo e sistemático e não centrado em momentos específicos dos ciclos escolares. h)
84	Melhoria da aprendizagem g)
85	No início de um ciclo escolar, especialmente nos primeiros anos da educação básica ou superior, os alunos podem ainda não ter desenvolvido plenamente as habilidades necessárias para se tornarem aprendizes autônomos. Essas competências incluem habilidades de gestão do tempo, planejamento, autocontrole, motivação intrínseca, e reflexão crítica sobre o próprio processo de aprendizagem. Um diagnóstico inicial ajuda a identificar em que medida esses aspectos já estão presentes e o quanto precisam de ser trabalhados. No final do ciclo, o diagnóstico fornece uma visão clara sobre o quanto essas competências foram desenvolvidas ao longo do tempo, evidenciando a evolução do aluno. A partir dessa avaliação, é possível ajustar as intervenções pedagógicas, se necessário, para garantir que os alunos tenham as ferramentas adequadas para continuar a aprender de forma independente no futuro b) c) e) f)
86	Muito relevante. g)
87	Muito relevante g)

88	A relevância do diagnóstico é diretamente proporcional à importância da autoaprendizagem. Remeto para a resposta 20. a)
89	É o feedback do trabalho da escola e o desenvolvimento cognitivo do aluno e)
90	Elevada. g)
91	Este diagnóstico permite aos docentes, alunos e famílias compreenderem o nível de autonomia e autorregulação dos estudantes sobre a sua aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso escolar e pessoal. Avaliar esse grau em momentos estratégicos possibilita identificar avanços, lacunas e necessidades de suporte, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais personalizado e eficaz. a) d) f)
92	Encarando-se a autoaprendizagem como uma autoformação reflexiva a autorregulação dessa mesma aprendizagem faz todo o sentido, incluindo-se aqui o diagnóstico do grau dessa operacionalização. Poderá acontecer no início e final de ciclo dando tempo para o desenvolvimento do processo. b) c) f)
93	É importante fazer esse diagnóstico, para perceber em que ponto o aluno se encontra e depois qual a sua evolução. b) c)

7.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOAPRENDIZAGEM – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 17 - Qual a sua perspectiva sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares?

(4ª questão aberta)

Temas descortinados:

- a) Autoaprendizagem e a importância do diagnóstico
- b) Autoaprendizagem: diagnóstico no início do ciclo escolar
- c) Autoaprendizagem: diagnóstico no fim do ciclo escolar
- d) Autoaprendizagem associada ao processo educativo/de ensino e de aprendizagem
- e) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências
- f) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...
- g) Autoaprendizagem: pontos fortes
- h) Autoaprendizagem pontos fracos/constrangimentos
- i) Autoaprendizagem quando se desenvolve

7.3. Categorização das respostas

AUTOAPRENDIZAGEM – 1ª FASE (DIAGNÓSTICO/ANÁLISE)

Questão 17 – Qual a sua perspectiva sobre a relevância do diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes sobretudo, no início e no final dos ciclos escolares?

(4ª questão aberta)

a) Autoaprendizagem e a importância do diagnóstico	
1	Permitirá uma análise do processo desenvolvido
4	Dá-lhes a possibilidade de saberem em que nível se encontram
5	Este processo permite avaliar a capacidade dos alunos de gerirem de forma autónoma o seu próprio processo de aprendizagem, um aspeto fundamental para o desenvolvimento de competências essenciais ao longo da vida.
7	Um diagnóstico bem feito vai permitir ao professor conhecer um pouco melhor os seus alunos, podendo então traçar caminhos que o irão ajudar a operacionalizar a autoaprendizagem dos discentes.
13	SE SÓ EXISTE EVOLUÇÃO SE TODAS AS ETAPAS FOREM CONSOLIDADAS COM CONSCIÊNCIA DESSE MESMO CAMINHO IMPORTA TRAÇAR PERCURSOS DIALÉTICOS
14	não pode haver estratégia que não tenha um posto de partida. Logo, é imprescindível
17	O diagnóstico é fundamental pois só a partir do mesmo o discente tomará consciência da sua evolução.
21	A realização de um diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes no início e no final dos ciclos escolares é extremamente relevante porque possibilita uma análise precisa de como os alunos estão a desenvolver competências fundamentais.
22	Determinante, para que se saiba o ponto de partida e se determine por onde começar.
25	É determinante para o processo evolutivo.
27	Deveria ser algo a trabalhar, carecendo, previamente, do envolvimento/ capacitação dos professores, para a sua promoção junto dos alunos
31	Vai permitir correções ao longo do tempo e comparar as diferentes etapas.
35	... contribuindo estes relatórios para a melhoria dos resultados futuros, uma vez que obtemos dados importantes sobre os quais podemos atuar.
36	O diagnóstico é base de qualquer ação de aprendizagem, por isso é relevante saber
39	Considero que o diagnóstico sobre a autoaprendizagem dos alunos é muito importante porque permite regular o processo de ensino e de aprendizagem.
41	É muito relevante, pois alunos que são capazes de procurar informação, de a filtrar, são alunos que mais facilmente aprendem.
42	É importante saber se os resultados validam os objetivos propostos
44	O diagnóstico no início de um ciclo escolar é essencial na operacionalização da autoaprendizagem dos alunos, pois permite ajustar as estratégias e abordagens pedagógicas adequadas às capacidades dos alunos e permite desenvolver neles a necessária autonomia.
45	Acho bastante pertinente, permitindo aferir com mais precisão das suas capacidades e conhecimento.
46	Necessária à predisposição a novas aprendizagens.
48	É uma etapa importante para medir a relevância das aprendizagens

50	Penso que é decisivo no sentido de se garantir uma orientação segura e eficaz para os discentes.
51	Num processo de avaliação contínua, a realização de um diagnóstico deste tipo ajuda a monitorizar o grau de envolvimento do aluno na sua própria aprendizagem e a determinar que tipo de práticas de autoaprendizagem e medidas de autorregulação dever ser desenvolvida
54	Considero este diagnóstico, no início e no final de cada ciclo, é bastante relevante na medida que que permite ter uma percepção da evolução de cada aluno neste domínio e, em função dos resultados, reajustar estratégias de forma a potenciar o mais possível o desenvolvimento da autoaprendizagem em cada aluno.
55	Sem esse diagnóstico perde-se o "contacto" com o aluno, deixa-se de interagir.
56	Todo o diagnóstico realizado será importante desde que seja monitorizado, avaliado e servir para redefinir estratégias e ações no sentido de promover a melhoria das aprendizagens dos discentes.
57	O diagnóstico é importante para o professor e o aluno perceberem as competências que este tem ao nível da autoaprendizagem.
58	Importante criar momentos de monitorização e de autoavaliação com regularidade e estabelecer equipas educativas.
62	Permite investir em áreas de melhoria.
64	É importante, enquanto instrumento de monitorização.
66	Os docentes preocupam-se com a realização da avaliação diagnóstica, tanto no início do ano/ciclo, como no início de cada unidade curricular.
67	O diagnóstico é essencial como ponto de partida para a operacionalização da autoaprendizagem permitindo uma planificação estruturada em cada ciclo.
68	Acho importante como avaliação do sistema e não dos alunos
69	É essencial para que os objetivos possam ser traçados de forma mais realista e ajustada aos alunos em causa.
71	O diagnóstico revela-se fundamental para definir/redefinir o melhor caminho a seguir no ciclo seguinte
74	É bastante importante para ter uma noção se o método aplicado surtiu efeito ou não.
75	O diagnóstico é importante para possibilitar aos professores trabalhar sobretudo, no início e no final de cada ciclo escolar, a empatia, a autoestima e a autoimagem dos discentes. De igual modo, permitirá aos docentes dos diferentes ciclos de ensino conhecer e articular as dificuldades e perfil dos alunos. O diagnóstico é peça fundamental para o sucesso dos discentes e para a identificação de estratégias dos docentes.
77	Seria importante a utilização de ferramentas de monitorização desta autoaprendizagem.
78	O diagnostico é importante para definir os termos da operacionalização
80	O ponto de partida é sempre importante para compreender as concepções alternativas dos alunos e também perceber qual o melhor caminho e estratégias para acrescentar valor no aluno.
81	O diagnóstico é o ponto de partida para que, consciente da sua situação, o aluno possa realizar um caminho crescendo na operacionalização da autoaprendizagem.
88	A relevância do diagnóstico é diretamente proporcional à importância da autoaprendizagem. Remeto para a resposta 20.
91	Este diagnóstico permite aos docentes, alunos e famílias compreenderem o nível de autonomia e autorregulação dos estudantes sobre a sua aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso escolar e pessoal. Avaliar esse grau em momentos estratégicos possibilita identificar avanços, lacunas e necessidades de suporte, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais personalizado e eficaz.

b) Autoaprendizagem: diagnóstico no início do ciclo escolar	
5	Na minha perspectiva, o diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos discentes, especialmente no início (o diagnóstico ajuda a identificar o ponto de partida de cada aluno em termos de competências de autoaprendizagem, como a capacidade de planeamento, organização, gestão do tempo e uso de estratégias eficazes de estudo)...
6	O diagnóstico do grau de operacionalização da autoaprendizagem dos alunos é extremamente relevante, especialmente no início e no final dos ciclos escolares. No início, permite identificar o nível de autonomia e as estratégias de aprendizagem que os discentes já dominam, ajudando a ajustar os métodos de ensino às suas necessidades específicas. ...
30	É fundamental mas, ao mesmo tempo, nos inícios de ciclos.
34	Mais relevante no início de ciclo.
35	Este diagnóstico permite-nos em fase inicial do processo, conhecer todas as potencialidades de cada aluno ...
43	o diagnóstico permite saber o ponto de partida onde se encontra o aluno, bem como a sua evolução no final do ciclo.
44	Permite, no final de um ciclo, que um aluno seja agente ativo na construção de uma educação mais personalizada e reflexiva, com impacto na sua vida.
66	O diagnóstico é fundamental para aferir em que nível de conhecimentos se encontram para a implementação da estratégia mais ajustada a cada aluno.
79	No início permite identificar as necessidades e definir um processo, ...
85	No início de um ciclo escolar, especialmente nos primeiros anos da educação básica ou superior, os alunos podem ainda não ter desenvolvido plenamente as habilidades necessárias para se tornarem aprendizes autónomos. Essas competências incluem habilidades de gestão do tempo, planeamento, autocontrolo, motivação intrínseca, e reflexão crítica sobre o próprio processo de aprendizagem. Um diagnóstico inicial ajuda a identificar em que medida esses aspectos já estão presentes e o quanto precisam de ser trabalhados.
92	Encarando-se a autoaprendizagem como uma autoformação reflexiva a autorregulação dessa mesma aprendizagem faz todo o sentido, incluindo-se aqui o diagnóstico do grau dessa operacionalização. Poderá acontecer no início e final de ciclo dando tempo para o desenvolvimento do processo.
93	É importante fazer esse diagnóstico, para perceber em que ponto o aluno se encontra e depois qual a sua evolução.

c) Autoaprendizagem: diagnóstico no fim do ciclo escolar	
5	e no final (um novo diagnóstico permite avaliar o progresso dos alunos em termos de autonomia e autogestão da aprendizagem) dos ciclos escolares, é de extrema relevância.
6	No final do ciclo, o diagnóstico serve para avaliar o progresso dos alunos, a eficácia das metodologias aplicadas e o desenvolvimento de competências essenciais para a continuidade dos estudos ou para a inserção no mercado de trabalho. Esta análise ajuda a melhorar continuamente os processos de ensino e aprendizagem.
35	...no final receber um feedback sobre todo o processo de aprendizagem dos alunos, ...
43	o diagnóstico permite saber o ponto de partida onde se encontra o aluno, bem como a sua evolução no final do ciclo.
79	, ... no final dos ciclos serve para avaliar competências e planear o futuro.
66	No final de ciclo a avaliação realizada para a tomada de decisão tem subjacente a perspectiva da recolha de elementos sobre as diferentes aprendizagens.

85	No final do ciclo, o diagnóstico fornece uma visão clara sobre o quanto essas competências foram desenvolvidas ao longo do tempo, evidenciando a evolução do aluno. A partir dessa avaliação, é possível ajustar as intervenções pedagógicas, se necessário, para garantir que os alunos tenham as ferramentas adequadas para continuar a aprender de forma independente no futuro
92	Encarando-se a autoaprendizagem como uma autoformação reflexiva a autorregulação dessa mesma aprendizagem faz todo o sentido, incluindo-se aqui o diagnóstico do grau dessa operacionalização. Poderá acontecer no início e final de ciclo dando tempo para o desenvolvimento do processo.
93	É importante fazer esse diagnóstico, para perceber em que ponto o aluno se encontra e depois qual a sua evolução.

d) Autoaprendizagem associada ao processo educativo/de ensino e de aprendizagem	
12	É uma ferramenta fundamental para a construção de um processo educativo mais eficaz e personalizado.
15	A operacionalização da autoaprendizagem não deve ser feita no início nem no final dos ciclos escolares. Esta operacionalização deve estar integrada nos ambientes de aprendizagem, nos processos de ensino-aprendizagem.
29	Concordo inteiramente. O processo de decisão carece sempre de um diagnóstico que, acompanhado da investigação, irá produzir uma melhoria dos processos educativos.
39	Considero que o diagnóstico sobre a autoaprendizagem dos alunos é muito importante porque permite regular o processo de ensino e de aprendizagem.
41	É muito relevante, pois alunos que são capazes de procurar informação, de a filtrar, são alunos que mais facilmente aprendem.
48	É uma etapa importante para medir a relevância das aprendizagens
56	Todo o diagnóstico realizado será importante desde que seja monitorizado, avaliado e servir para redefinir estratégias e ações no sentido de promover a melhoria das aprendizagens dos discentes.
60	A autoaprendizagem reflete-se em maior sucesso educativo.
63	É fundamental durante todo o processo de desenvolvimento de aprendizagens e demais competências.
82	Avaliar a progressão da autoaprendizagem do aluno permitirá também perceber se o mesmo está preparado para enfrentar os desafios depois da escolaridade que se propôs atingir. ...
91	Este diagnóstico permite aos docentes, alunos e famílias compreenderem o nível de autonomia e autorregulação dos estudantes sobre a sua aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso escolar e pessoal. Avaliar esse grau em momentos estratégicos possibilita identificar avanços, lacunas e necessidades de suporte, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais personalizado e eficaz.

e) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências	
20	... possibilita uma análise precisa de como os alunos estão a desenvolver competências fundamentais.
57	O diagnóstico é importante para o professor e o aluno perceberem as competências que este tem ao nível da autoaprendizagem.
61	O diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos alunos poderá ser uma ferramenta importante para garantir que os alunos/estudantes estão a desenvolver as competências necessárias e suficientes que lhes permitam uma aprendizagem autónoma e eficaz ao longo da vida.

63	É fundamental durante todo o processo de desenvolvimento de aprendizagens e demais competências.
82	... A escola não prepara para tudo, mas dá ferramentas para que a aprendizagem seja constante e intrínseca e a autoaprendizagem é fundamental para a formação integral do indivíduo.
85	... o diagnóstico fornece uma visão clara sobre o quanto essas competências foram desenvolvidas ao longo do tempo, evidenciando a evolução do aluno. ...
89	A relevância do diagnóstico é diretamente proporcional à importância da autoaprendizagem.

f) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...	
5	Este processo permite avaliar a capacidade dos alunos de gerirem de forma autónoma o seu próprio processo de aprendizagem, um aspeto fundamental para o desenvolvimento de competências essenciais ao longo da vida.
44	... às capacidades dos alunos e permite desenvolver neles a necessária autonomia. Permite, no final de um ciclo, que um aluno seja agente ativo na construção de uma educação mais personalizada e reflexiva, com impacto na sua vida.
51	Num processo de avaliação contínua, a realização de um diagnóstico deste tipo ajuda a monitorizar o grau de envolvimento do aluno na sua própria aprendizagem e a determinar que tipo de práticas de autoaprendizagem e medidas de autorregulação dever ser desenvolvida
58	Importante criar momentos de monitorização e de autoavaliação com regularidade e estabelecer equipas educativas.
61	O diagnóstico ao grau de operacionalização da autoaprendizagem dos alunos poderá ser uma ferramenta importante para garantir que os alunos/estudantes estão a desenvolver as competências necessárias e suficientes que lhes permitam uma aprendizagem autónoma e eficaz ao longo da vida.
75	é importante para possibilitar aos professores trabalhar sobretudo, no início e no final de cada ciclo escolar, a empatia, a autoestima e a autoimagem dos discentes.
85	... habilidades de..., autocontrolo, ..., e reflexão crítica sobre o próprio processo de aprendizagem. ...
91	Este diagnóstico permite aos docentes, alunos e famílias compreenderem o nível de autonomia e autorregulação dos estudantes sobre a sua aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso escolar e pessoal. Avaliar esse grau em momentos estratégicos possibilita identificar avanços, lacunas e necessidades de suporte, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais personalizado e eficaz.
92	Encarando-se a autoaprendizagem como uma autoformação reflexiva a autorregulação dessa mesma aprendizagem faz todo o sentido, incluindo-se aqui o diagnóstico do grau dessa operacionalização. Poderá acontecer no início e final de ciclo dando tempo para o desenvolvimento do processo.

g) Autoconhecimento: pontos fortes	
3	Considero que é importante...
10	De extrema importância
18	Concordo
19	Muito relevante
23	Elevada
26	Devia ser obrigatório.
33	Central

37	Muito relevante
38	Pertinente e importante.
47	Creio que é bastante relevante.
52	Muito importante
53	Muito importante
59	Se for correto de relevância máxima.
65	Em qualquer momento o diagnóstico é imprescindível
70	Muito relevante.
72	É fundamental
73	Relevante.
84	Melhoria da aprendizagem
86	Muito relevante
87	Muito relevante
90	Elevada

h) Autoconhecimento: pontos fracos/constrangimentos	
2	Deveria ser rotina
8	Difícil de operacionalizar mas não impossível
11	Muito importante, mas residual
20	Existem variáveis intrínsecas ao aluno que condicionarão esses processos
24	Relevante será. Tenho dúvidas se a maioria se preocupa com isso.
28	Seria extremamente relevante; no entanto, o elevado nº de discentes tutelados por cada professor inviabiliza - ou, pelo menos, vicia - a possibilidade de um cabal diagnóstico.
40	Penso que os alunos não têm muito consciência destes diagnósticos.
76	O diagnóstico é relevante se adequado ao perfil de cada aluno e tendo em consideração o PASEO.
83	Não me parece de grande relevância. O trabalho deve ser contínuo e sistemático e não centrado em momentos específicos dos ciclos escolares.

i) Autoaprendizagem quando se desenvolve	
16	A autoaprendizagem está ligada à autonomia e à autorregulação. Em ciclos mais baixos perspetivo um grau muito baixo que vai melhorando com a idade.

8. Análise de conteúdo da questão 18 – 2ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase da implementação/desenvolvimento

8.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOAPRENDIZAGEM – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 18 – Identifique o conceito que mais associa às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes.

(5ª questão aberta)

1	Autonomia d)
2	A aprendizagem autodirigida, diria eu. d)
3	Autonomia d)
4	A gestão do tempo. f)
5	<p>O conceito que mais associo às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem é o de autonomia. A autonomia implica a capacidade dos estudantes de assumirem o controlo do seu próprio processo de aprendizagem, tomando decisões informadas sobre o que, como e quando aprender, sem depender exclusivamente da orientação constante de professores ou outros orientadores. O conceito de autonomia é, portanto, central para a autoaprendizagem, pois capacita os alunos a aprenderem de forma independente, crítica e reflexiva, competências que são fundamentais tanto para o sucesso académico como para a aprendizagem ao longo da vida.</p> a) c)
6	<p>O conceito que mais se associa às ações dos discentes que promovem a autoaprendizagem é a "autonomia". A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizado, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorando o seu progresso e avaliando os resultados. Esse conceito está relacionado ao desenvolvimento de habilidades como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo.</p> a) c) d)
7	a autorregulação da aprendizagem d)
8	Tecnologia f)
9	Não sei desprezar

10	Autorregulação. d)
11	Autonomia d)
12	Autonomia com conceito intimamente ligado ao aprender a aprender, à motivação intrínseca, à responsabilidade pessoal e ao desenvolvimento de competências de autorregulação. a) c) d)
13	PARTICIPAÇÃO ATIVA EM PROJETOS DE CIDADANIA e)
14	Curiosidade e)
15	A autoestima. d)
16	Autonomia. d)
17	A maior literacia digital dos alunos como ferramenta para a procura da autoaprendizagem. f)
18	O controlo que permite aproveitar oportunidades. a)
19	Autoconhecimento b) d)
20	Estudo individual; as aulas invertidas e)
21	Autorregulação da aprendizagem d)
22	Responsabilidade e autonomia c) d)
23	Auto- estima, crenças, vivências e múltiplas experiências d) e)
24	Autorregulação/autoconfiança. d)
25	Interação entre pares e)
26	Autonomia d)

27	pesquisa/ foco e)
28	Imediatismo. e)
29	Capacidade de aprender com autonomia. a) d)
30	Observação. e)
31	Responsabilidade e disponibilidade. c) e)
32	Desenvolvimento da sua autonomia e participação nas atividades da escola. d) e)
33	Motivação e)
34	Questionamento. e)
35	A capacidade crítica que o aluno desenvolve no que respeita ao seu processo de aprendizagem dá-lhe a possibilidade de planificar todas as tarefas a desenvolver, reconhecer e compreender as etapas que as compõem, examinar e compreender as falhas praticadas, assim como os sucessos atingidos. a)
36	O conceito é a autonomia. d)
37	Socialização e)
38	Interesse. e)
39	A pesquisa. e)
40	. Desprezar
41	Promoção da autonomia dos alunos d)
42	Motivação e participação e)

43	Reflexão. Ter a capacidade de identificar o que está menos bem e implementar estratégias que o ajudem à melhoria. a)
44	O conceito é o papel do professor como facilitador do processo de aprendizagem, criando um ambiente de autonomia, reflexão crítica e desenvolvimento de competências que conduzam a que o aluno se torne ator da sua aprendizagem. a) d)
45	Autonomia e liberdade com responsabilidade. c) d)
46	Tentativa repetitiva. e)
47	Autonomia d)
48	Investigação e)
49	Autonomia d)
50	Acesso facilitado à informação. f)
51	Associação do conceito de autonomia, pois o aluno assume a responsabilidade pela sua própria aprendizagem. c)
52	envolvimento/envolver e)
53	Sentido de responsabilidade c)
54	Autonomia. d)
55	Iniciativa no trabalho. e)
56	A autoconfiança dos próprios. d)
57	Investigar e)
58	Motivação, resultados e recompensas. e)

59	A motivação e o gosto de saber/aprender. b) e)
60	Responsabilidade. c)
61	Metacognição. a) b) d)
62	Reflexivo e)
63	Autorregulação. O aluno conseguir identificar as suas fragilidades, moderar a sua conduta em todo o processo de adaptação a novas realidades e contextos. a) d)
64	A curiosidade e)
65	Não entendo a pergunta desprezar
66	Quando os alunos são desafiados para o trabalho de grupo e para realizarem apresentações, à turma, dos trabalhos realizados, recorrendo à estratégia de "aula invertida" e)
67	Autoavaliação formativa d)
68	Curiosidade e)
69	A autorreflexão. d)
70	Curiosidade / Espírito crítico. a) d)
71	Motivação e)
72	Motivação e)
73	Responsabilidade c)
74	Mais disciplinadas, organizadas e construtiva na sua personalidade a)
75	O conhecimento de si próprio é fundamental e neste sentido a autoestima e valorização do seu "eu", da sua capacidade de se relacionar com os outros. b) d)

76	O trabalho autónomo (individual e coletivo). d)
77	O melhor conceito é a aprendizagem autónoma. d)
78	Trabalho colaborativo e)
79	É a autonomia. d)
80	O conceito que mais associo à autoaprendizagem é a autonomia. Desenvolver processos que permitam aos alunos desenvolver conhecimento, com sessões de trabalho colaborativo, aulas invertidas, processos de autorregulação e feedback mútuo, podem resultar numa melhor e maior aprendizagem. a) b) d)
81	Proatividade, quer na mobilização de conhecimentos que já possui para adquirir novos. A curiosidade, a vontade de aprender e o esforço que o discente faz é de suma importância na autoaprendizagem. b) e)
82	Infelizmente as ações serão, a meu ver, escassas f)
83	Autoconhecimento b) d)
84	Melhoria de aprendizagem, positividade. e)
85	Autorregulação da aprendizagem enquanto processo pelo qual os alunos assumem o controlo das suas aprendizagens, estabelecendo metas, monitorizando o seu progresso, ajustando as estratégias de estudo e refletindo sobre os resultados obtidos a) d)
86	Observação reflexiva através da leitura, participação em fóruns, relação com os pares... e)
87	Humildade e)
88	Talvez não seja um conceito, mas a minha experiência mostra-me que os picos de autoaprendizagem ocorrem nos exames nacionais. f)
89	Serem ouvidos e facultar-lhe todo o material indispensável. e)
90	Muito do autoconhecimento parte do Jogo. f)

91	O conceito que mais associo às ações dos discentes é o de autorregulação da aprendizagem, referindo-se à capacidade do aluno de planejar, monitorizar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, assumindo um papel ativo na construção de seu conhecimento. a) b) d)
92	Aprender a aprender com autonomia, sem ser limitado pelas condições do sistema escolar, devendo transformar-se numa filosofia de vida voltada para o crescimento pessoal ao longo da vida. a) d)
93	Talvez a autorregulação da aprendizagem. d)

8.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOAPRENDIZAGEM – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 18 – Identifique o conceito que mais associa às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes.

(5ª questão aberta)

Temas descartados:

- a) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências
- b) Autoaprendizagem no desenvolvimento do conhecimento/autoconhecimento
- c) Autoaprendizagem e responsabilidade
- d) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...
- e) Autoaprendizagem: pontos fortes
- f) Autoaprendizagem pontos fracos/constrangimentos

8.3. Categorização das respostas

AUTOAPRENDIZAGEM – 2ª FASE (IMPLEMENTAÇÃO/DESENVOLVIMENTO)

Questão 18 – Identifique o conceito que mais associa às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem dos estudantes.

(5ª questão aberta)

a) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências	
5	... O conceito de autonomia é, portanto, central para a autoaprendizagem, pois capacita os alunos a aprenderem de forma independente, crítica e reflexiva, competências que são fundamentais tanto para o sucesso acadêmico como para a aprendizagem ao longo da vida
6	O conceito que mais se associa às ações dos discentes que promovem a autoaprendizagem é a "autonomia". A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizado, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorando o seu progresso e avaliando os resultados. ...
12	Autonomia com conceito intimamente ligado ao aprender a aprender, à motivação intrínseca, à responsabilidade pessoal e ao desenvolvimento de competências de autorregulação.
18	O controlo que permite aproveitar oportunidades.
29	Capacidade de aprender com autonomia.
35	A capacidade crítica que o aluno desenvolve no que respeita ao seu processo de aprendizagem dá-lhe a possibilidade de planificar todas as tarefas a desenvolver, reconhecer e compreender as etapas que as compõem, examinar e compreender as falhas praticadas, assim como os sucessos atingidos.
43	Reflexão. Ter a capacidade de identificar o que está menos bem e implementar estratégias que o ajudem à melhoria.
44	O conceito é o papel do professor como facilitador do processo de aprendizagem, criando um ambiente de autonomia, reflexão crítica e desenvolvimento de competências que conduzam a que o aluno se torne ator da sua aprendizagem.
61	Metacognição.
63	Autorregulação. O aluno conseguir identificar as suas fragilidades, moderar a sua conduta em todo o processo de adaptação a novas realidades e contextos.
70	Curiosidade / Espírito crítico.
74	Mais disciplinadas, organizadas e construtiva na sua personalidade
80	O conceito que mais associa à autoaprendizagem é a autonomia. Desenvolver processos que permitam aos alunos desenvolver conhecimento, com sessões de trabalho colaborativo, aulas invertidas, processos de autorregulação e feedback mútuo, podem resultar numa melhor e maior aprendizagem.
85	Autorregulação da aprendizagem enquanto processo pelo qual os alunos assumem o controlo das suas aprendizagens, estabelecendo metas, monitorizando o seu progresso, ajustando as estratégias de estudo e refletindo sobre os resultados obtidos
91	O conceito que mais associa às ações dos discentes é o de autorregulação da aprendizagem, referindo-se à capacidade do aluno de planejar, monitorizar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, assumindo um papel ativo na construção de seu conhecimento.

92	Aprender a aprender com autonomia, sem ser limitado pelas condições do sistema escolar, devendo transformar-se numa filosofia de vida voltada para o crescimento pessoal ao longo da vida.
----	--

b) Autoaprendizagem no desenvolvimento do conhecimento/autoconhecimento	
19	Autoconhecimento
59	A motivação e o gosto de saber/aprender.
61	Metacognição.
75	O conhecimento de si próprio é fundamental e neste sentido a autoestima e valorização do seu "eu", da sua capacidade de se relacionar com os outros.
80	... Desenvolver processos que permitam aos alunos desenvolver conhecimento, com sessões de trabalho colaborativo, aulas invertidas, ...
81	Proatividade, quer na mobilização de conhecimentos que já possui para adquirir novos. ...
83	Autoconhecimento
90	Muito do autoconhecimento parte do Jogo.
91	O conceito que mais associo às ações dos discentes é o de autorregulação da aprendizagem, referindo-se à capacidade do aluno de planear, monitorizar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, assumindo um papel ativo na construção de seu conhecimento.

c) Autoaprendizagem e responsabilidade	
5	O conceito que mais associo às ações dos discentes conducentes à autoaprendizagem é o de autonomia. A autonomia implica a capacidade dos estudantes de assumirem o controlo do seu próprio processo de aprendizagem, tomando decisões informadas sobre o que, como e quando aprender, sem depender exclusivamente da orientação constante de professores ou outros orientadores. ...
6	... Esse conceito está relacionado ao desenvolvimento de habilidades como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo.
12	Autonomia com conceito intimamente ligado ao aprender a aprender, à motivação intrínseca, à responsabilidade pessoal e ao desenvolvimento de competências de autorregulação.
22	Responsabilidade e autonomia
31	Responsabilidade e disponibilidade
45	Autonomia e liberdade com responsabilidade.
51	Associo o conceito de autonomia, pois o aluno assume a responsabilidade pela sua própria aprendizagem.
60	Responsabilidade.
73	Responsabilidade

d) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...	
1	Autonomia
2	A aprendizagem autodirigida, ...
3	Autonomia
6	... desenvolvimento de habilidades como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, permitindo que os estudantes se tornem mais independentes ...
7	a autorregulação da aprendizagem

10	Autorregulação
11	Autonomia
12	... competências de autorregulação.
15	A autoestima
16	Autonomia
19	Autoconhecimento
21	Autorregulação da aprendizagem
22	Responsabilidade e autonomia
23	Auto- estima, crenças, vivências e múltiplas experiências
24	Autorregulação/autoconfiança
26	Autonomia
29	Capacidade de aprender com autonomia.
32	Desenvolvimento da sua autonomia e participação nas atividades da escola
36	O conceito é a autonomia.
41	Promoção da autonomia dos alunos
44	O conceito é o papel do professor como facilitador do processo de aprendizagem, criando um ambiente de autonomia, reflexão crítica e desenvolvimento de competências que conduzam a que o aluno se torne ator da sua aprendizagem.
45	Autonomia e liberdade com responsabilidade.
47	Autonomia
49	Autonomia
54	Autonomia
56	A autoconfiança dos próprios.
61	Metacognição.
63	Autorregulação. O aluno conseguir identificar as suas fragilidades, moderar a sua conduta em todo o processo de adaptação a novas realidades e contextos.
67	Autoavaliação formativa
69	A autorreflexão.
75	O conhecimento de si próprio é fundamental e neste sentido a autoestima e valorização do seu "eu", da sua capacidade de se relacionar com os outros.
76	O trabalho autónomo (individual e coletivo).
77	O melhor conceito é a aprendizagem autónoma.
79	É a autonomia.
80	... Desenvolver ... processos de autorregulação e feedback mútuo, podem resultar numa melhor e maior aprendizagem.
83	Autoconhecimento
85	Autorregulação da aprendizagem enquanto processo pelo qual os alunos assumem o controlo das suas aprendizagens, estabelecendo metas, monitorizando o seu progresso, ajustando as estratégias de estudo e refletindo sobre os resultados obtidos
91	O conceito que mais associo às ações dos discentes é o de autorregulação da aprendizagem, referindo-se à capacidade do aluno de planear, monitorizar e avaliar seu próprio processo de aprendizagem, assumindo um papel ativo na construção de seu conhecimento.
92	Aprender a aprender com autonomia, sem ser limitado pelas condições do sistema escolar, devendo transformar-se numa filosofia de vida voltada para o crescimento pessoal ao longo da vida.
93	Talvez a autorregulação da aprendizagem.

e) Autoaprendizagem: pontos fortes

13	PARTICIPAÇÃO ATIVA EM PROJETOS DE CIDADANIA
----	---

14	Curiosidade
20	Estudo individual; as aulas invertidas
23	Auto-estima, crenças, vivências e múltiplas experiências
25	Interação entre pares
27	pesquisa/ foco
28	Imediatismo.
30	Observação.
31	Responsabilidade e disponibilidade
32	Desenvolvimento da sua autonomia e participação nas atividades da escola
33	Motivação
34	Questionamento
37	Socialização
38	Interesse
39	A pesquisa
42	Motivação e participação
46	Tentativa repetitiva.
48	Investigação
52	envolvimento/envolver
53	Sentido de responsabilidade
55	Iniciativa no trabalho.
57	Investigar
58	Motivação, resultados e recompensas.
59	A motivação e o gosto de saber/aprender.
62	Reflexivo
64	A curiosidade
66	Quando os alunos são desafiados para o trabalho de grupo e para realizarem apresentações, à turma, dos trabalhos realizados, recorrendo à estratégia de "aula invertida"
68	curiosidade
70	Curiosidade / Espírito crítico.
71	Motivação
72	Motivação
78	Trabalho colaborativo
81	... A curiosidade, a vontade de aprender e o esforço que o discente faz é de suma importância na autoaprendizagem.
84	Melhoria de aprendizagem, positividade.
86	Observação reflexiva através da leitura, participação em fóruns, relação com os pares...
87	Humildade
89	Serem ouvidos e facultar-lhe todo o material indispensável.

f) Autoaprendizagem: pontos fracos/constrangimentos	
4	A gestão do tempo.
8	Tecnologia
17	A maior literacia digital dos alunos como ferramenta para a procura da autoaprendizagem.
50	Acesso facilitado à informação.
82	Infelizmente as ações serão, a meu ver, escassas
88	... a minha experiência mostra-me que os picos de autoaprendizagem ocorrem nos exames nacionais.

9. Análise de conteúdo da questão 19 – 3ª questão aberta, relativa à autoaprendizagem e correspondente à fase da avaliação

9.1. Respostas dos diretores associadas aos temas

AUTOAPRENDIZAGEM – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 19 – Como pondera as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos?

(6ª questão aberta)

1	Considero que potenciarão o sucesso educativo dos alunos g)
2	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são extremamente positivas e significativas. A autoaprendizagem permite que os estudantes assumam um papel ativo no seu processo de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, autonomia e sentido de responsabilidade. Esta abordagem incentiva-os a desenvolver competências-chave, como a capacidade de pensar criticamente, resolver problemas de forma independente e gerir o tempo de forma eficaz. Ao promover a capacidade de aprender a aprender, a autoaprendizagem facilita uma adaptação mais rápida a novos desafios e contextos, o que é crucial num mundo em constante mudança. Alunos que desenvolvem estas habilidades tornam-se mais resilientes, capazes de identificar as suas lacunas de conhecimento e procurar recursos de forma proativa. Esta autonomia no processo educativo tende a levar a um sucesso mais sustentável e duradouro, pois o aluno não depende apenas da instrução formal, mas também da sua própria iniciativa e capacidade de autorreflexão. Em termos práticos, os alunos que praticam a autoaprendizagem geralmente mostram melhor desempenho académico, porque conseguem aprofundar as questões em estudo. b) c) d) f) e)
3	Aquisição de competências c)
4	... tornam-se mais independentes e melhores aprendentes. b)
5	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são amplamente positivas e, na minha opinião, decisivas para a sua formação integral e desempenho académico. Quando os alunos desenvolvem a capacidade de aprender de forma autónoma, são mais propensos a atingir o sucesso a longo prazo, uma vez que se tornam ativos e responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem. c)
6	O conceito que mais se associa às ações dos discentes que promovem a autoaprendizagem é a "autonomia". A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizagem, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorizando o seu progresso e avaliando os resultados. Esse conceito está relacionado ao desenvolvimento de competências como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo. a) b) d) c) f)

7	As repercussões da autoaprendizagem não se limitam ao sucesso educativo dos alunos pois vão abranger setores das suas vidas pessoais e mais tarde profissionais. g)
8	Os alunos que auto aprendem têm maior probabilidade de sucesso educativo. g)
9	Com impacto mediano h)
10	Bastantes positivas. g)
11	Através de um trabalho contínuo, articulado e colaborativo g)
12	Numa sociedade em constante mudança, a capacidade de aprender de forma autónoma é uma competência chave. A autoaprendizagem ensina aos alunos como continuar a aprender e a adaptar-se a novas realidades. f) g)
13	UMA VARIÁVEL FULCRAL PARA O SUCESSO g)
14	exponencialmente, a médio prazo h)
15	O sucesso educativo dos alunos só é eficaz se responder à aquisição de competências integradas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Mas também é essencial na aprendizagem ao longo da vida. h)
16	A autoaprendizagem é a construção do seu próprio conhecimento - aumenta a sua responsabilidade, por conseguinte, melhora o seu sucesso académico. d)
17	É muito importante até como preparação para a sua inserção na comunidade. g)
18	Considero que quando uma pessoa se conhece, é mais capaz de usar suas aptidões de forma inteligente e estratégica em diversas áreas da vida. c)
19	muito positivamente g)
20	Se depender só deles dificilmente há sucesso educativo h)
21	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são muitas e positivas uma vez que terão impacto tanto no desempenho académico como no desenvolvimento de competências essenciais para a vida. A autoaprendizagem capacita os discentes a assumirem o controlo do próprio processo de aprendizagem e gera efeitos profundos que se refletem em diversos aspetos do seu sucesso educativo que é o que se pretende. b) c)
22	É de importância superlativa e determinante. g)
23	Elevada motivação que faz Alunos bem-sucedidos g)

24	Penso que poderão para a mudança de um paradigma social: hoje a frequência da escola ainda é "obrigatória" e definida por lei... h)
25	Melhoria das aprendizagens g)
26	São decisivas. g)
27	Necessidade de avaliação/ enquadramento/ reflexão a)
28	Um aluno que, seja por estímulo familiar, próprio ou dos docentes (ou mesmo aqueles que o rodeiam, sejam pares, seja pessoas do seu círculo de relações) desenvolva mais cedo uma capacidade de autorreflexão, estudo e autoaprendizagem, revelar-se-á um estudante mais propício ao sucesso educativo. c) f)
29	O Sucesso está garantido porque o aluno aprende numa perspetiva que o prepara para resolver problemas em ambientes da vida pessoal e/ou profissional. São aprendizagens sólidas e "para a vida!". b)
30	É primordial a autoaprendizagem para obter sucesso educativo. g)
31	Vai contribuir para uma melhoria das aprendizagens e em consequência do sucesso educativo. g)
32	Promove a melhoria desse sucesso. g)
33	É indutora do conhecimento sustentado, do espírito crítico e da capacidade analítica, indispensável para os cidadãos do século XXI c) e)
34	Desenvolve a capacidade de reflexão e o pensamento crítico e promove o sucesso educativo. c)
35	Permite ao aluno analisar todo o processo desenvolvido e compará-lo com os resultados obtidos, munindo-o dos dados necessários para ultrapassar as suas dificuldades. a)
36	A autoaprendizagem pressupõe uma atitude proativa perante o conhecimento e assim é uma peça fundamental para o sucesso educativo dos alunos. Contribui para o adotar de uma atitude metacognitiva que contribui para eficácia da aprendizagem. c) e) f)
37	Pode ter influência na autoestima do aluno. f)
38	Essenciais para o sucesso educativo. g)
39	Quanto mais o aluno desenvolver a sua autoaprendizagem mais sucesso educativo terá. g)

40	Como já referi, a curiosidade em saber mais é muito importante no desenvolvimento integral dos discentes, e essa curiosidade deverá manter-se ao longo da vida, pelo que se irá repercutir não só durante a vida académica, mas também na vida ativa. g)
41	Muito positiva pois permite que os alunos alcancem todo o seu potencial. g)
42	Maior sucesso dos alunos g)
43	Positivas. Mais motivação, mais autonomia, sentido mais crítico, melhoria de resultados. Para isto acontecer é necessário dar TEMPO. c) h)
44	A autoaprendizagem tem fortes repercussões no sucesso educativo dos alunos e na preparação dos alunos para a vida ativa e para a aprendizagem ao longo da vida. Permite-lhes também adquirir competência para reagir de forma mais preparada à mudança e à tomada de decisões de forma mais consciente. c)
45	Maior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo. c) d) f)
46	Elementar. g)
47	A autoaprendizagem e a aprendizagem devem ser complementares para o sucesso pleno de cada aluno. g)
48	Através da sua autoria f)
49	Desenvolvimento de Competências: Melhoria da capacidade de organização e gestão do tempo c)
50	Com a atual complexidade sociológica, penso que é difícil de prever este cenário. h)
51	A autoaprendizagem tem repercussões substantivas no sucesso educativo, na medida em que contribui decisivamente para formar cidadãos autónomos, confiantes nas suas capacidades e mais interventivos. c) f)
52	Muito importantes g)
53	Muito importante g)
54	Considero que a autoaprendizagem é um dos processos que mais garante o sucesso educativo dos alunos e que garante que terão a capacidade de realizar este processo durante a sua vida ativa, realizando-se, desta forma, como pessoas e como cidadãos. c)
55	É mais eficaz a aprendizagem, mais completa, mais sustentada, produz maior sucesso. g)

56	Pondero com alguma reticência pois o sistema educativo está sempre com mudanças, de acordo com as orientações dos diferentes governos o que dificulta todo o trabalho dos diferentes agentes escolares. Dificulta o trabalho de todos os agentes escolares. h)
57	O aluno fica com competências para conseguir mais facilmente responder a desafios novos c)
58	Fundamental para que os alunos saibam posicionar-se no seu percurso escolar. Melhora a percepção dos alunos para as aprendizagens significativas. a)
59	Muito positivas se forem bem geridas pelo aluno. h)
60	Maior sucesso nas aprendizagens. g)
61	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são positivas. A autoaprendizagem promove a capacidade de enfrentar e superar desafios com maior confiança e competência. Permite o desenvolvimento do pensamento crítico. Promove a motivação, a autonomia e a independência. b) c) f)
62	Conhecedor de si próprio, potencialidades e/ou fragilidades, há um investimento mais focado direcionado para áreas de melhoria, bem como para o destaque das potencialidades na promoção da autoestima. f)
63	Fundamentais no sucesso educativo dos alunos. g)
64	É uma correlação positiva. g)
65	A autoaprendizagem é fundamental para o sucesso. Sobretudo na sociedade atual g)
66	Quanto mais elevado for o nível do autoconhecimento e das autoaprendizagens mais elevado será o sucesso educativo dos alunos, conduzindo a cidadãos melhor preparados para a vida. No entanto, o maior desafio está na descoberta do caminho para atingir esta meta. h)
67	A autoaprendizagem como um processo contínuo de avaliação formativa. a)
68	espero que venham a produzir frutos desprezar
69	A autoaprendizagem é determinante para que o aluno seja corresponsável pela sua aprendizagem e que, enquanto adulto, possa continuar a ser aprendiz ao longo da vida. c)
70	Repercussões significativas g)
71	Perspetivo uma mais-valia no percurso dos alunos g)

72	A autonomia só trará mais competência e preparação para a vida escolar como pós-escolar desprezar
73	Requisito essencial para desenvolver competências que permitam aos jovens aprender e adquirir conhecimentos com autonomia. c) e) f)
74	Mais autónomos no estudo e conseguirem ultrapassar com mais facilidade qualquer constrangimento/obstáculo que lhes surja ao longo do percurso escolar. e) f)
75	O número de experiências diversificadas do ponto de vista social e emocional em que o aluno participa (debates, visitas de estudo, ações de solidariedade, colaboração na aprendizagem, cooperação e ajuda de colegas, entre outras atividades/ações...) promove indubitavelmente a autoaprendizagem dos alunos, colocando-os perante o conhecimento (o seu e o dos outros). É uma área muito importante, integrante da aprendizagem, com forte repercussão no sucesso educativo dos alunos. e)
76	Terão um impacte positivo se considerados de forma construtiva pelos docentes. h)
77	A autoaprendizagem deve integrar a avaliação formativa dos alunos. a)
78	Entendo como um processo muito importante e promotor de melhores aprendizagens. g)
79	Penso que no futuro existirá um aumento de confiança e autonomia e um maior desenvolvimento do pensamento crítico. c) f)
80	O sucesso educativo estará sempre sujeito à capacidade do aluno em se autorregular e aprender de forma autónoma. No contexto atual é crucial que os alunos saibam usar os meios à disposição para aprofundar o conhecimento, desenvolvendo o espírito crítico, com forte impacto no contexto local, regional e mundial. c) e) f)
81	A autoaprendizagem contribui para o sucesso educativo dos alunos de uma forma mais consistente e interligando várias áreas do saber. Torna um aluno um aprendiz ao longo da vida c)
82	Muito relevante. A autoaprendizagem que se possa incutir nos alunos permitirá que se habitue a procurar as respostas certas que precisa para ter sucesso nas suas tomadas de decisão b)
83	Muito positivas e incentivadoras do sucesso académico g)
84	Fortalece as competências do aluno, capacidade na resolução de problemas, pensamento crítico. c)
85	A autoaprendizagem pode impulsionar a autonomia dos alunos, incentivando-os a tomar decisões sobre seu próprio processo de aprendizagem. oportunidade de os alunos desenvolverem habilidades metacognitivas — a capacidade de pensar sobre seu próprio

	processo de aprendizagem, monitorando o seu progresso, identificando estratégias eficazes e ajustando o estudo conforme necessário. c) e) f)
86	Creio ser um facilitador de aprendizagens e uma motivação para um desempenho mais eficaz. g)
87	grande promoção do sucesso g)
88	Dou muito valor à autoaprendizagem, e deixo 3 notas de reflexão. 1) A evolução natural de um estudante é de um estágio em que não há autoaprendizagem (curricular) para estágios de total dependência da autoaprendizagem. Não há a preocupação no sistema de ensino de acautelar a transição entre aqueles estágios extremos, e isso é visível, por exemplo, na transição do 9.º ano para o 10.º ano. 2) Acredito que a autoaprendizagem sedimenta o conhecimento. Considero por isso muito importante o período de tempo em que o estudante, por sua conta, se prepara para um exame. Nesta perspectiva, os exames são promotores de autoaprendizagem. 3) A autoaprendizagem como meio de preparação para a heteroaprendizagem é uma ferramenta fortíssima de aquisição de conhecimentos. a) e) h)
89	É um aluno formado. h)
90	Fundamental para a construção de atores seguros e interventivos no coletivo. c) d)
91	A autoaprendizagem poderá ter como repercussões, entre outras, melhor sucesso acadêmico, aumento da motivação, desenvolvimento de competências transversais, promoção de autonomia e responsabilidade, preparação para a aprendizagem ao longo da vida. c) d) f)
92	É uma metodologia de desenvolvimento pessoal que não só desenvolve competências de aprender a aprender, como promove a aprendizagem ao longo da vida, contribuindo para responder às novas exigências do mundo atual: formação atual constante para otimizar o desempenho profissional e a constante reciclagem de competências para ocupação para novos postos de trabalho. c)
93	A capacidade de autoaprendizagem é de extrema importância para que o aluno consiga o seu sucesso educativo. O aluno, ao ser ator da sua (auto)aprendizagem, adquire competências que vão ser facilitadoras do seu sucesso educativo. c)

9.2. Temas descortinados nas respostas dos diretores

AUTOAPRENDIZAGEM – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 19 – Como pondera as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos?

(6ª questão aberta)

Temas descortinados:

- a) Autoaprendizagem associada a um processo de avaliação/autoavaliação
- b) Autoaprendizagem associada a processos centrados no aluno
- c) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências
- d) Autoaprendizagem e responsabilidade
- e) Autoaprendizagem no estudo/desenvolvimento do conhecimento
- f) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...
- g) Autoaprendizagem: pontos fortes
- h) Autoaprendizagem: pontos fracos/constrangimentos

9.3. Categorização das respostas

AUTOAPRENDIZAGEM – 3ª FASE (AVALIAÇÃO)

Questão 19 – Como pondera as repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos?

(6ª questão aberta)

a) Autoaprendizagem associado a um processo de avaliação/autoavaliação	
6	... A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizagem, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorizando o seu progresso e avaliando os resultados. ...
27	Necessidade de avaliação/ enquadramento/ reflexão
35	Permite ao aluno analisar todo o processo desenvolvido e compará-lo com os resultados obtidos, munindo-o dos dados necessários para ultrapassar as suas dificuldades.
58	Fundamental para que os alunos saibam posicionar-se no seu percurso escolar. Melhora a perceção dos alunos para as aprendizagens significativas.
67	A autoaprendizagem como um processo contínuo de avaliação formativa.
77	A autoaprendizagem deve integrar a avaliação formativa dos alunos.
88	Dou muito valor à autoaprendizagem, e deixo 3 notas de reflexão. 1) A evolução natural de um estudante é de um estágio em que não há autoaprendizagem (curricular) para estádios de total dependência da autoaprendizagem.

b) Autoaprendizagem associada a processos centrados no aluno	
1	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são extremamente positivas e significativas. A autoaprendizagem permite que os estudantes assumam um papel ativo no seu processo de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, autonomia e sentido de responsabilidade. ... Esta autonomia no processo educativo tende a levar a um sucesso mais sustentável e duradouro, pois o aluno não depende apenas da instrução formal, mas também da sua própria iniciativa e capacidade de autorreflexão. ...
4	... tornam-se mais independentes e melhores aprendentes.
6	... permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo.
21	A autoaprendizagem capacita os discentes a assumirem o controle do próprio processo de aprendizagem e gera efeitos profundos que se refletem em diversos aspetos do seu sucesso educativo que é o que se pretende.
29	O Sucesso está garantido porque o aluno aprende numa perspetiva que o prepara para resolver problemas em ambientes da vida pessoal e/ou profissional. São aprendizagens sólidas e "para a vida!".
61	... Permite o desenvolvimento do pensamento crítico. Promove a motivação, a autonomia e a independência.
82	Muito relevante. A autoaprendizagem que se possa incutir nos alunos permitirá que se habitue a procurar as respostas certas que precisa para ter sucesso nas suas tomadas de decisão

c) Autoaprendizagem no desenvolvimento de competências	
1	... Esta abordagem incentiva-os a desenvolver competências-chave, como a capacidade de pensar criticamente, resolver problemas de forma independente e gerir o tempo de forma eficaz. Ao promover a capacidade de aprender a aprender, a autoaprendizagem facilita uma adaptação mais rápida a novos desafios e contextos, o que é crucial num mundo em constante mudança. Alunos que desenvolvem estas habilidades tornam-se mais resilientes, capazes de identificar as suas lacunas de conhecimento e procurar recursos de forma proativa. ...
3	aquisição de competências
5	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são amplamente positivas e, na minha opinião, decisivas para a sua formação integral e desempenho académico. Quando os alunos desenvolvem a capacidade de aprender de forma autónoma, são mais propensos a atingir o sucesso a longo prazo, uma vez que se tornam ativos e responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem.
6	... desenvolvimento de competências como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, permitindo que os estudantes se tornem mais independentes e proativos no seu percurso educativo.
18	Considero que quando uma pessoa se conhece, é mais capaz de usar suas aptidões de forma inteligente e estratégica em diversas áreas da vida.
21	As repercussões da autoaprendizagem no sucesso educativo dos alunos são muitas e positivas uma vez que terão impacto tanto no desempenho académico como no desenvolvimento de competências essenciais para a vida. ...
28	Um aluno que, seja por estímulo familiar, próprio ou dos docentes (ou mesmo aqueles que o rodeiam, sejam pares, seja pessoas do seu círculo de relações) desenvolva mais cedo uma capacidade de autorreflexão, estudo e autoaprendizagem, revelar-se-á um estudante mais propício ao sucesso educativo.
33	É indutora do conhecimento sustentado, do espírito crítico e da capacidade analítica, indispensável para os cidadãos do século XXI
24	Desenvolve a capacidade de reflexão e o pensamento crítico e promove o sucesso educativo.
36	A autoaprendizagem pressupõe uma atitude proativa perante o conhecimento e assim é uma peça fundamental para o sucesso educativo dos alunos. Contribui para o adotar de uma atitude metacognitiva que contribui para eficácia da aprendizagem.
43	Positivas. Mais motivação, mais autonomia, sentido mais crítico, melhoria de resultados. Para isto acontecer é necessário dar TEMPO.
44	A autoaprendizagem tem fortes repercussões no sucesso educativo dos alunos e na preparação dos alunos para a vida ativa e para a aprendizagem ao longo da vida. Permite-lhes também adquirir competência para reagir de forma mais preparada à mudança e à tomada de decisões de forma mais consciente.
45	Maior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo.
49	Desenvolvimento de Competências: Melhoria da capacidade de organização e gestão do tempo
51	A autoaprendizagem tem repercussões substantivas no sucesso educativo, na medida em que contribui decisivamente para formar cidadãos autónomos, confiantes nas suas capacidades e mais interventivos.
54	Considero que a autoaprendizagem é um dos processos que mais garante o sucesso educativo dos alunos e que garante que terão a capacidade de realizar este

	processo durante a sua vida ativa, realizando-se, desta forma, como pessoas e como cidadãos.
57	O aluno fica com competências para conseguir mais facilmente responder a desafios novos
61	... A autoaprendizagem promove a capacidade de enfrentar e superar desafios com maior confiança e competência. Permite o desenvolvimento do pensamento crítico. ...
69	A autoaprendizagem é determinante para que o aluno seja corresponsável pela sua aprendizagem e que, enquanto adulto, possa continuar a ser aprendiz ao longo da vida.
73	Requisito essencial para desenvolver competências que permitam aos jovens aprender e adquirir conhecimentos com autonomia.
79	Penso que no futuro existirá um aumento de confiança e autonomia e um maior desenvolvimento do pensamento crítico.
80	O sucesso educativo estará sempre sujeito à capacidade do aluno em se autorregular e aprender de forma autónoma. No contexto atual é crucial que os alunos saibam usar os meios à disposição para aprofundar o conhecimento, desenvolvendo o espírito crítico, com forte impacto no contexto local, regional e mundial.
81	A autoaprendizagem contribui para o sucesso educativo dos alunos de uma forma mais consistente e interligando várias áreas do saber. Torna um aluno um aprendiz ao longo da vida
84	Fortalece as competências do aluno, capacidade na resolução de problemas, pensamento crítico.
85	A autoaprendizagem pode impulsionar a autonomia dos alunos, incentivando-os a tomar decisões sobre seu próprio processo de aprendizagem. oportunidade de os alunos desenvolverem habilidades metacognitivas — a capacidade de pensar sobre seu próprio processo de aprendizagem, monitorando o seu progresso, identificando estratégias eficazes e ajustando o estudo conforme necessário
90	Fundamental para a construção de atores seguros e interventivos no coletivo.
91	A autoaprendizagem poderá ter como repercussões, entre outras, melhor sucesso académico, aumento da motivação, desenvolvimento de competências transversais, promoção de autonomia e responsabilidade, preparação para a aprendizagem ao longo da vida.
92	É uma metodologia de desenvolvimento pessoal que não só desenvolve competências de aprender a aprender, como promove a aprendizagem ao longo da vida, contribuindo para responder às novas exigências do mundo atual: formação atual constante para otimizar o desempenho profissional e a constante reciclagem de competências para ocupação para novos postos de trabalho.
93	A capacidade de autoaprendizagem é de extrema importância para que o aluno consiga o seu sucesso educativo. O aluno, ao ser ator da sua (auto)aprendizagem, adquire competências que vão ser facilitadoras do seu sucesso educativo.

d) Autoaprendizagem e responsabilidade	
2	A autoaprendizagem permite que os estudantes assumam um papel ativo no seu processo de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, autonomia e sentido de responsabilidade.

6	... Esse conceito está relacionado ao desenvolvimento de competências como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, ...
16	A autoaprendizagem é a construção do seu próprio conhecimento - aumenta a sua responsabilidade, por conseguinte, melhora o seu sucesso académico.
45	Maior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo.
90	Fundamental para a construção de atores seguros e interventivos no coletivo.
91	... desenvolvimento de competências transversais, promoção de autonomia e responsabilidade...

e) Autoaprendizagem no estudo/desenvolvimento do conhecimento	
1	... Em termos práticos, os alunos que praticam a autoaprendizagem geralmente mostram melhor desempenho académico, porque conseguem aprofundar as questões em estudo.
33	É indutora do conhecimento sustentado, do espírito crítico e da capacidade analítica, indispensável para os cidadãos do século XXI
36	A autoaprendizagem pressupõe uma atitude proativa perante o conhecimento e assim é uma peça fundamental para o sucesso educativo dos alunos. Contribui para o adotar de uma atitude metacognitiva que contribui para eficácia da aprendizagem.
73	Requisito essencial para desenvolver competências que permitam aos jovens aprender e adquirir conhecimentos com autonomia.
74	Mais autónomos no estudo e conseguem ultrapassar com mais facilidade qualquer constrangimento/obstáculo que lhes surja ao longo do percurso escolar.
75	... promove indubitavelmente a autoaprendizagem dos alunos, colocando-os perante o conhecimento (o seu e o dos outros). ...
80	O sucesso educativo estará sempre sujeito à capacidade do aluno em se autorregular e aprender de forma autónoma. No contexto atual é crucial que os alunos saibam usar os meios à disposição para aprofundar o conhecimento, desenvolvendo o espírito crítico, com forte impacto no contexto local, regional e mundial.
85	A autoaprendizagem pode impulsionar a autonomia dos alunos, incentivando-os a tomar decisões sobre seu próprio processo de aprendizagem. oportunidade de os alunos desenvolverem habilidades metacognitivas — a capacidade de pensar sobre seu próprio processo de aprendizagem, monitorando o seu progresso, identificando estratégias eficazes e ajustando o estudo conforme necessário
88	2) Acredito que a autoaprendizagem sedimenta o conhecimento. Considero por isso muito importante o período de tempo em que o estudante, por sua conta, se prepara para um exame. Nesta perspetiva, os exames são promotores de autoaprendizagem. 3) A autoaprendizagem como meio de preparação para a heteroaprendizagem é uma ferramenta fortíssima de aquisição de conhecimentos.

f) Autoaprendizagem e outro(a)s auto...	
1	... A autoaprendizagem permite que os estudantes assumam um papel ativo no seu processo de aquisição de conhecimento, o que se traduz em maior motivação, autonomia ... pois o aluno não depende apenas da instrução formal, mas também da sua própria iniciativa e capacidade de autorreflexão
6	... A autonomia na aprendizagem envolve a capacidade dos estudantes de gerir o seu próprio processo de aprendizagem, estabelecendo metas, selecionando recursos, monitorizando o seu progresso e avaliando os resultados. Esse conceito

	está relacionado ao desenvolvimento de competências como a autogestão, a iniciativa e a responsabilidade, ...
12	Numa sociedade em constante mudança, a capacidade de aprender de forma autónoma é uma competência chave. ...
28	Um aluno que, seja por estímulo familiar, próprio ou dos docentes (ou mesmo aqueles que o rodeiam, sejam pares, seja pessoas do seu círculo de relações) desenvolva mais cedo uma capacidade de autorreflexão, estudo e autoaprendizagem, revelar-se-á um estudante mais propício ao sucesso educativo.
36	A autoaprendizagem pressupõe uma atitude proativa perante o conhecimento e assim é uma peça fundamental para o sucesso educativo dos alunos. Contribui para o adotar de uma atitude metacognitiva que contribui para eficácia da aprendizagem.
45	Maior autonomia, responsabilidade e empreendedorismo.
48	Através da sua autoria
51	A autoaprendizagem tem repercussões substantivas no sucesso educativo, na medida em que contribui decisivamente para formar cidadãos autónomos, confiantes nas suas capacidades e mais interventivos.
61	... Promove a motivação, a autonomia e a independência.
62	Conhecedor de si próprio, potencialidades e/ou fragilidades, há um investimento mais focado direcionado para áreas de melhoria, bem como para o destaque das potencialidades na promoção da autoestima.
73	Requisito essencial para desenvolver competências que permitam aos jovens aprender e adquirir conhecimentos com autonomia.
74	Mais autónomos no estudo e conseguem ultrapassar com mais facilidade qualquer constrangimento/obstáculo que lhes surja ao longo do percurso escolar.
79	Penso que no futuro existirá um aumento de confiança e autonomia e um maior desenvolvimento do pensamento crítico.
80	O sucesso educativo estará sempre sujeito à capacidade do aluno em se autorregular e aprender de forma autónoma. No contexto atual é crucial que os alunos saibam usar os meios à disposição para aprofundar o conhecimento, desenvolvendo o espírito crítico, com forte impacto no contexto local, regional e mundial.
85	A autoaprendizagem pode impulsionar a autonomia dos alunos, incentivando-os a tomar decisões sobre seu próprio processo de aprendizagem. oportunidade de os alunos desenvolverem habilidades metacognitivas — a capacidade de pensar sobre seu próprio processo de aprendizagem, monitorando o seu progresso, identificando estratégias eficazes e ajustando o estudo conforme necessário
91	A autoaprendizagem poderá ter como repercussões, entre outras, melhor sucesso académico, aumento da motivação, desenvolvimento de competências transversais, promoção de autonomia e responsabilidade, preparação para a aprendizagem ao longo da vida.

g) Autoaprendizagem: pontos fortes	
1	Considero que potenciarão o sucesso educativo dos alunos
7	As repercussões da autoaprendizagem não se limitam ao sucesso educativo dos alunos pois vão abranger setores das suas vidas pessoais e mais tarde profissionais.
8	Os alunos que auto aprendem têm maior probabilidade de sucesso educativo.
10	Bastantes positivas.
11	Através de um trabalho contínuo, articulado e colaborativo

12	Numa sociedade em constante mudança, a capacidade de aprender de forma autónoma é uma competência chave. A autoaprendizagem ensina aos alunos como continuar a aprender e a adaptar-se a novas realidades.
13	UMA VARIÁVEL FULCRAL PARA O SUCESSO
17	É muito importante até como preparação para a sua inserção na comunidade.
19	muito positivamente
22	É de importância superlativa e determinante.
23	Elevada motivação que faz Alunos bem-sucedidos
25	Melhoria das aprendizagens
26	São decisivas.
30	É primordial a autoaprendizagem para obter sucesso educativo.
31	Vai contribuir para uma melhoria das aprendizagens e em consequência do sucesso educativo.
32	Promove a melhoria desse sucesso.
38	Essenciais para o sucesso educativo.
39	Quanto mais o aluno desenvolver a sua autoaprendizagem mais sucesso educativo terá.
40	... a curiosidade em saber mais é muito importante no desenvolvimento integral dos discentes, e essa curiosidade deverá manter-se ao longo da vida, pelo que se irá repercutir não só durante a vida académica, mas também na vida ativa.
41	Muito positiva pois permite que os alunos alcancem todo o seu potencial.
42	Maior sucesso dos alunos
46	Elementar
47	A autoaprendizagem e a aprendizagem devem ser complementares para o sucesso pleno de cada aluno.
52	Muito importantes
53	Muito importante
55	É mais eficaz a aprendizagem, mais completa, mais sustentada, produz maior sucesso.
60	Maior sucesso nas aprendizagens.
63	Fundamentais no sucesso educativo dos alunos.
64	É uma correlação positiva.
65	A autoaprendizagem é fundamental para o sucesso. Sobretudo na sociedade atual
70	Repercussões significativas
71	Perspetivo uma mais-valia no percurso dos alunos
78	Entendo como um processo muito importante e promotor de melhores aprendizagens.
83	Muito positivas e incentivadoras do sucesso académico
86	Creio ser um facilitador de aprendizagens e uma motivação para um desempenho mais eficaz.
87	grande promoção do sucesso

h) Autoaprendizagem: pontos fracos/constrangimentos	
9	Com impacto mediano
14	exponencialmente, a médio prazo
15	O sucesso educativo dos alunos só é eficaz se responder à aquisição de competências integradas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. ...
20	Se depender só deles dificilmente há sucesso educativo

24	Penso que poderão para a mudança de um paradigma social: hoje a frequência da escola ainda é "obrigatória" e definida por lei...
43	Positivas. Mais motivação, mais autonomia, sentido mais crítico, melhoria de resultados. Para isto acontecer é necessário dar TEMPO.
50	Com a atual complexidade sociológica, penso que é difícil de prever este cenário.
56	Pondero com alguma reticência pois o sistema educativo está sempre com mudanças, de acordo com as orientações dos diferentes governos o que dificulta todo o trabalho dos diferentes agentes escolares. Dificulta o trabalho de todos os agentes escolares.
59	Muito positivas se forem bem geridas pelo aluno.
66	Quanto mais elevado for o nível do autoconhecimento e das autoaprendizagens mais elevado será o sucesso educativo dos alunos, conduzindo a cidadãos melhor preparados para a vida. No entanto, o maior desafio está na descoberta do caminho para atingir esta meta.
76	Terão um impacte positivo se considerados de forma construtiva pelos docentes.
88	Dou muito valor à autoaprendizagem, e deixo 3 notas de reflexão. 1) A evolução natural de um estudante é de um estágio em que não há autoaprendizagem (curricular) para estágios de total dependência da autoaprendizagem. Não há a preocupação no sistema de ensino de acautelar a transição entre aqueles estágios extremos, e isso é visível, por exemplo, na transição do 9.º ano para o 10.º ano.
89	É um aluno formado.